

Manoel Osmar Seabra Junior
Eduardo José Manzini
Maria Luiza Salzani Fiorini

Recursos e Estratégias para o Ensino do Aluno com Deficiência Visual na Atividade Física Adaptada



Editora SoBAMA

Recursos e Estratégias para o Ensino do
Aluno com Deficiência Visual na Atividade
Física Adaptada

Manoel Osmar Seabra Junior
Eduardo José Manzini
Maria Luiza Salzani Fiorini

Recursos e Estratégias para o Ensino do Aluno com Deficiência Visual na Atividade Física Adaptada

2.^a edição
revista e ampliada

Goiânia
Sobama
2022



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA
ADAPTADA

Copyright© 2022 do autor

Diretoria da Associação Brasileira de Atividade
Motora Adaptada (2022-2023)

Presidente

Vanessa Helena Santana Dalla Déa - UFG, GO

Vice-Presidente

Gleyson Batista Rios - UEG, GO

Secretário

José Aparecido Alves de Oliveira Junior - Centro Ref.
Paralímpico de Goiás, GO

Tesoureiro

João Batista Turíbio de Sena – Sec. Esp.
de Goiânia, GO

Conselho Fiscal

Marli Nabeiro - Unesp, SP

Ruth Eugênia Amarante Cidade - UFPR, PR

Joslei Viana de Souza - UESC, BA

Kathya Thome Lopes - UFAM, AM

EDITORA SOBAMA

Editor

Eduardo José Manzini

Editor Adjunto

Adilson Rocha Ferreira

Conselho Editorial Nacional

Adriana Inês de Paula - UFPR, Paraná.

Edison Miron Martins - Academia da Força Aérea,
São Paulo, Brasil.

Eliane Mauerberg-deCastro - Unesp, Bauru.

Elisabeth de Mattos - USP, São Paulo.

Gabriela Gallucci Toloi - Centro Universitário de
Adamantina, São Paulo, Brasil.

Manoel Osmar Seabra Junior - Unesp, Presidente
Prudente.

Marcia Greguol - UEL, Londrina, Paraná, Brasil.

Márcia Valéria Cozzani - Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Bahia, Brasil.

Maria Luiza Tanure Alves - Unicamp, Campinas.

Marli Nabeiro - Unesp, Bauru .

Mey de Abreu Van Munster - UFSCar S.

Milton Vieira do Prado Junior - Unesp, Bauru.

Neiza de Lourdes Frederico Fumes - UFAL, Alagoas.

Verena Junghähnel Pedrinelli - Universidade São Ju-
das Tadeu, São Paulo.

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação - UNESP - Campus de Marília
Telma Jaqueline Dias Silveria CRB - 8/7867

S438r Seabra Junior, Manoel Osmar.
Recursos e estratégias para o ensino do aluno com deficiência
visual na atividade física adaptada / Manoel Osmar Seabra Junior,
Eduardo José Manzini, Maria Luiza Salzani Fiorini ;[Iustrador
Guilherme Modesto]. 2. ed. rev. e ampl. - Goiânia : Sobama,
2022.
208 p. il.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-997739-2-1

1. Educação física para pessoas com deficiência. 2. Pessoas com
deficiência visual. 3. Educação especial. I. Manzini, Eduardo José. II.
Fiorini, Maria Luiza Salzani. III. Modesto, Guilherme. IV. Título
CDD 371.911

SUMÁRIO

<u>1 Apresentação</u>	9
<u>2 Introdução</u>	11
<u>3 Requisitos básicos para intervenção do professor de educação física para o aluno com deficiência visual</u>	19
<u>3.1 Pré-Requisitos – Habilidades e competências a serem adquiridas</u>	19
<u>3.1.1 Como abordar e incluir o aluno na atividade? (descrição).....</u>	19
<u>3.1.2 O que fazer para adaptar o ambiente? (descrição)</u>	21
<u>3.1.3 Como proceder para melhorar o desempenho de seu aluno? (descrição)</u>	21
<u>3.1.4 Quais os cuidados e estratégias para preparar, avaliar e formar turmas? (descrição)</u>	23
<u>3.1.5 Como abordar e incluir o aluno na atividade? (ilustração) ..</u>	24
<u>3.1.6 O que fazer para adaptar o ambiente? (ilustração)</u>	41
<u>3.1.7 Como proceder para melhorar o desempenho de seu aluno? (ilustração)</u>	47
<u>3.1.8 Quais os cuidados e estratégias para preparar, avaliar e formar turmas? (ilustração)</u>	64
<u>3.1.9 Comentário</u>	73
<u>3.2 Reconhecer e explorar o ambiente</u>	77
<u>3.2.1 De que maneira o aluno poderá se sentir mais seguro? (descrição)</u>	77

<u>3.2.2 Quais estratégias para formação do mapa mental? (descrição)</u>	77
<u>3.2.3 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da orientação e percepção espacial? (descrição)</u>	78
<u>3.2.4 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da memória motora? (descrição)</u>	78
<u>3.2.5 De que maneira o aluno poderá se sentir mais seguro? (ilustração)</u>	79
<u>3.2.6 Quais estratégias para formação do mapa mental? (ilustração)</u>	83
<u>3.2.7 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da orientação e percepção espacial? (ilustração)</u>	87
<u>3.2.8 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da memória motora? (ilustração)</u>	95
<u>3.2.9 Comentário</u>	97
<u>3.3 Apresentação, execução e <i>feedback</i> da tarefa</u>	100
<u>3.3.1 Quais estratégias usar para a comunicação? (descrição)</u>	100
<u>3.3.2 Quais as formas para apresentação e execução de uma tarefa? (descrição)</u>	101
<u>3.3.3 Quais procedimentos usar para ensinar a execução de uma tarefa? (descrição)</u>	102
<u>3.3.4 Quais possibilidades de oferecer <i>feedback</i>? (descrição)</u>	104
<u>3.3.5 Quais estratégias usar para a comunicação? (ilustração)</u>	105
<u>3.3.6 Quais as formas para apresentação e execução de uma tarefa? (ilustração)</u>	110

<u>3.3.7 Quais procedimentos usar para ensinar a execução de uma tarefa? (ilustração)</u>	116
<u>3.3.8 Quais possibilidades de oferecer <i>feedback</i>? (ilustração)</u>	138
<u>3.3.9 Comentário</u>	143
<u>3.4 Procedimento para o uso do colega-tutor</u>	146
<u>3.4.1 Como treinar um tutor? (descrição)</u>	146
<u>3.4.2 Tutor: quem deve ser? E o que o professor deve fazer? (descrição)</u>	147
<u>3.4.3 Como treinar um tutor? (ilustração)</u>	148
<u>3.4.4 Tutor: quem deve ser? E o que o professor deve fazer? (ilustração)</u>	152
<u>3.4.5 Comentário</u>	160
<u>3.5 Recursos pedagógicos</u>	162
<u>3.5.1 Quais as sugestões para a adaptação? (descrição)</u>	162
<u>3.5.2 Quais os materiais adequados à cada limitação? (descrição)</u>	164
<u>3.5.3 Como ajudar o aluno a solucionar os problemas? (descrição)</u>	165
<u>3.5.4 Quais as sugestões para a adaptação? (ilustração)</u>	166
<u>3.5.5 Quais os materiais adequados à cada limitação? (ilustração)</u>	186
<u>3.5.6 Como ajudar o aluno a solucionar os problemas? (ilustração)</u>	196
<u>3.5.7 Comentário</u>	201
<u>4 Conclusão</u>	203

Referências 204

APRESENTAÇÃO

Esta obra tem por objetivo elencar estratégias de ensino e recursos pedagógicos que deem suporte à preparação e intervenção do professor que atua diretamente com alunos com deficiência visual em aulas de Educação Física.

O livro foi decorrente da Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação de Educação da Unesp de Marília (SEABRA JUNIOR, 2008). Esta versão atualizada contempla a descrição textual das proposições, expressas inicialmente por meio de ilustrações, como meio de acessibilidade a pessoas com deficiência visual.

O assunto é tratado por meio de cinco itens considerados básicos para preparação das atividades e do professor para intervir com atividades físicas e esportivas adaptadas à pessoa com deficiência visual.

Reuniu-se informações dispersas em literaturas nacionais e internacionais subtraídas de livros ou capítulos de livros e manuais, teses e dissertações, bases de dados para pesquisa, revistas periódicas e sites de associações e órgãos voltados à pessoa com deficiência.

Identificou-se, na literatura, as estratégias de ensino e os recursos pedagógicos descritos em diferentes nomenclaturas como, por exemplo, cuidados, dicas, implicações pedagógicas e pré-requisitos à intervenção. Teve-se o cuidado em selecionar, dos documentos, as proposições que estivessem voltadas ao aprendizado e desenvolvimento de habilidades funcionais para a realização de atividades físicas, esportivas, de lazer, e/ou para o desenvolvimento da independência nas atividades de vida diária de pessoas com deficiência visual, independentemente da idade, gênero e da condição de serem indicadas aos congênitos ou adquiridos.

Compiladas as proposições inéditas, o livro oferece fundamentação para o professor: 1) preparar um ambiente seguro e com iluminação adequada para intervir na diversidade dos casos encontrados; 2) compreender a maneira de abordagem e comunicação, de modo a orientar e locomover seu aluno no meio em que atuará; 3) aprender dicas de como

adaptar estratégias para o ensino e execução das tarefas solicitadas; 4) como, qual, de que estrutura e cor deverá ser composto o material a ser utilizado; e, 5) o modo de solicitar ajuda dos alunos como tutores antes e durante as atividades.

[Voltar para o sumário](#)

2 INTRODUÇÃO

Em meio às inúmeras iniciativas públicas e privadas para promover a inclusão da pessoa com deficiência no meio educacional, geralmente o professor, quando se depara com um aluno com deficiência visual, seja ele com cegueira ou com baixa visão, se sente inseguro ao saber da inclusão escolar desse aluno em sua turma regular, o que exige aptidão da parte desse professor para enfrentar a diversidade.

O professor que atua em instituição especializada também encontra dificuldades para solucionar problemas na aplicação de seus conteúdos, decorrente da falta de experiência, materiais ou suporte teórico para implementação de seu programa, o que implica na resolução dos problemas por meio da chamada “tentativa e erro”.

O suporte teórico tem sido provido por publicações produzidas e decorrentes das experiências geradas nos âmbitos acadêmico, institucional e, mais recentemente, nos clubes, academias, escolas com alunos com deficiência incluídos nas turmas regulares. No entanto, o que se encontra são publicações dispersas, nas mais diferentes formas, como, por exemplo, em meios eletrônicos ou em periódicos especializados, o que justifica esta compilação literária, reinterpretação e descrição de proposições para que o professor possa planejar adequadamente suas estratégias de ensino e recursos pedagógicos.

Ao professor de Educação Física é um propósito constante saber inserir, com propriedade, em sua rotina de atendimento, atividade, material, local e instrução adequados para que as pessoas com deficiência efetivamente participem de todos os momentos de desafios e vivências da prática de atividades que requeiram movimentos.

Essas ações se caracterizam como estratégias de ensino e recursos pedagógicos adequados e/ou adaptados ao elaborar e aplicar programas denominados de Atividade Física Adaptada, área que reúne e sistematiza os conhecimentos da Educação Física voltada a alunos com deficiência.

As propostas oferecidas na Atividade Física Adaptada podem ser entendidas como pedagógicas por serem inseridas na área Educacional ou, ainda, na área da Saúde, como terapia integrante de um processo de recuperação funcional. Atua indiretamente, de modo que procura identificar a capacidade funcional das pessoas com limitações sensoriais ou motoras. Com base nessas informações, elabora atividades possíveis a cada grupo. Considera, quando necessárias, as adaptações e/ou adequações de estratégias e recursos pedagógicos para o aprendizado ou desempenho de uma habilidade motora, com menores restrições na informação ou na realização do movimento. Fato este que torna a Atividade Física Adaptada necessária não somente no processo educacional, mas num contexto de equipe interdisciplinar.

Em decorrência da formação do profissional de Educação Física, com ênfase na área de Saúde, bem como as comprovações acadêmicas da contribuição da atividade física no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas, o professor de Educação Física tem sido requisitado para atender às mais diferentes demandas da sociedade, o que requer conhecimento e metodologia de intervenção própria a cada clientela.

Este livro tem a pretensão de instrumentalizar o professor de Educação Física para a intervenção com pessoas com deficiência visual, sejam elas com cegueira ou com baixa visão, em meio à atividade física e esportiva. De maneira pedagógica, fazer com que o professor compreenda quais as implicações para preparação de sua aula, do ambiente de trabalho, bem como da aplicação de suas atividades. Para tanto, seguem alguns conceitos básicos para nortear a leitura deste material.

Quando se trata do atendimento de pessoas com deficiência visual, o entendimento e atendimento do professor devem estar voltados a compreender o quanto e como esse seu aluno enxerga, definições na literatura compreendidas como acuidade e campo visual, respectivamente. Com essas medidas, temos as seguintes classificações:

1) **Cegueira:** ausência total de visão ou a percepção de luz.

2) **Baixa visão:** dificuldade para perceber objetos, cores, formas, e com limitadas condições para ver de longe. Tem possibilidades para discriminar objetos localizados no meio próximo. O resíduo visual permite a leitura de cartazes. Impede a execução visual de uma tarefa, mas é possível melhorar o funcionamento visual com ajuda ótica ou não ótica e/ou com adaptações no meio ambiente com utilização de técnicas.

Os níveis de visão entre ambos são difíceis de serem determinados, visto que a acuidade visual e o campo visual são medidas quantitativas, o que apenas restringe a concepção de uma pessoa com deficiência visual. Para a atividade física, bem como para outras demandas de vida diária, o que vale é a experiência visual, ou seja, uma resultante chamada capacidade visual, que determina o quanto a pessoa faz uso de seu resíduo visual.

Diferentes conceitos permeiam a literatura sobre deficiência visual, visto que se encontra uma série de definições que utilizam os termos, “pessoa com cegueira” e “pessoa com baixa visão” para classificar as diferenças entre os níveis de restrição visual total ou diminuição da capacidade visual, que se diferem para o uso do dia a dia para o âmbito educacional e esportivo.

O funcionamento visual é um comportamento aprendido. Quanto mais experiências visuais uma criança tiver, mais condutos cerebrais serão estimulados, o que dará lugar a uma maior acumulação de imagens visuais variadas e de recordações.

3) **Atividade Física Adaptada:** Sherril (1998) entendeu que o termo Atividade Física Adaptada compreendia um universo mais abrangente, comparado à Educação Física adaptada enquanto atuação. Winnick (2004, p.4) abordou que a “Atividade Física Adaptada se estende pela vida toda, enquanto a Educação Física Adaptada se concentra no período de zero a vinte e um anos de idade”. Pedrinelli e Verenguer (2005) associaram o termo intervenção profissional, em Educação Física Adaptada, voltado a diferentes contextos como: escolas, academias, centros esportivos, hospitais, clínicas de reabilitação, espaços de lazer, entre outros, com diferentes objetivos.

Mauerberg-deCastro (2005, p.28) demonstrou preferência à nomenclatura Atividade Física Adaptada, pautou a abrangência do termo nos âmbitos de trabalhos na área de ciências da motricidade humana e, portanto, definiu o termo como:

A Atividade Física Adaptada é um corpo de conhecimentos Cross-disciplinar dirigido à identificação e solução de problemas psicomotores ao longo do período vital. Esses problemas podem ter origem no indivíduo em si ou no ambiente. Entretanto, só se tornam visíveis à medida que as demandas de tarefa não são satisfeitas, devido a limitações ou atraso nas funções adaptativas. A atividade adaptada é composta de uma variedade de áreas de conhecimento com teorias e modelos, ferramentas de ensino e de reabilitação específicos, além de prestar serviços limitados a competências profissionais especializadas.

Mauerberg-deCastro (2011) entendeu como objetivo da Atividade Física Adaptada a integração e aplicação de fundamentos teóricos práticos advindos de áreas da motricidade humana e áreas afins. Considerou que o especialista em Atividade Física Adaptada, para atuar em equipe, deve adquirir competências como, por exemplo, adaptar seus estilos de comunicação para indivíduos com diferentes necessidades. Pedrinelli e Verenguer (2005) destacaram serem os conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos, os pressupostos para intervenção profissional. Pedrinelli (2006, p.216) completou: “[...] é essencial adotar princípios, tais como: *preservar* os objetivos propostos, *modificar* apenas quando necessário e *incentivar* a realização de atividades apropriadas”.

Rodrigues (2006, p.39) fez uso do termo Atividade Motora Adaptada, comum entre as publicações da área. Compreendeu o termo a partir do “[...] empenho de uma pessoa numa tarefa predominantemente motora e com fim concreto”.

Neste livro será usado o termo Atividade Física Adaptada, respaldada pela nomenclatura de artigos e livros de grande parte das literaturas nacionais e internacionais que, da mesma forma que este trabalho, os procedimentos, estratégias e recursos descritos são utilizados

nos mais diferentes âmbitos da atividade física escolar, esportiva de lazer e reabilitação.

Na questão específica da deficiência visual, a Atividade Física Adaptada não pode ser programada, respaldada apenas na restrição visual, sem mesmo considerar a etiologia e as características de cada aluno. Dessa forma, é preciso estar atento e estabelecer estratégias para: 1) abordar e incluir o aluno com cegueira ou com baixa visão na atividade; 2) adaptar o ambiente; 3) demonstrar atitude, iniciativa e incentivo para o desempenho desse aluno; e, 4) preparar e avaliar a atividade bem como a formação de turmas (SEABRA JUNIOR; FIORINI, 2013).

4) Adaptação: para compreensão do termo adaptação, este livro baseou-se na concepção de Rodrigues (2006, p.41), que concluiu que adaptar é:

Adequar a exigência da tarefa ao nível de desempenho do executante. Cada vez que se altera a exigência e as condições de desempenho de uma atividade, de forma que um dado executante possa realizá-la ou envolver-se num processo de aprendizagem que está sendo adaptada. Tornar uma atividade mais exigente em termos perceptivos, tomada de decisão, desempenho motor ou elaboração cognitiva é também adaptar.

[...] é o processo de identificação e intervenção sobre variáveis da atividade (executante, tarefa e envolvimento), de forma a tornarem-na mais complexa ou mais simples para ajustarem no nível de desempenho e desenvolvimento do aprendiz e aos objetivos desejados.

Para Duarte e Santos (2003), a adaptação para a pessoa com deficiência envolve independência e autonomia, de modo que essa adaptação ocorra da pessoa com deficiência para com seu meio, e vice-versa.

5) Estratégias de Ensino: é uma ferramenta que exige a compreensão dos requisitos necessários para preparar e aplicar tarefas motoras frente às necessidades e capacidades da clientela em questão. Na concepção de Fiorini e Manzini (2018), a estratégia de ensino pode ser compreendida como uma ação do professor, que possui uma intenção subjacente, direcionada ao aluno, com a finalidade de ensino, que é flexível e passível de alteração em função do comportamento do aluno nesse processo de interação durante o ensino. Portanto, não é uma ação estática do professor, mas processual devido à interação com o aluno.

6) Recursos Pedagógicos: entendidos como os materiais e/ou implementos utilizados para: execução, ensino, treinamento, suporte e aprendizado de tarefas motoras frente às necessidades e capacidades da clientela em questão. Na definição de Manzini e Deliberato (2007) o recurso pedagógico é um estímulo concreto, manipulável e que a esse estímulo seja atribuído uma ou mais finalidades pedagógicas.

Pedrinelli (1991, 1994) enfocou que, além dos cuidados com a adaptação de estratégias de ensino, recursos pedagógicos, constituição de grupos, condição de desenvolvimento de cada aluno, deve-se considerar determinadas implicações gerais e de ordem pedagógica para a deficiência visual, que facilitem a atuação e o sucesso do profissional no alcance de seus objetivos.

Baseados na literatura, vários autores como Block (2000), Menescal (2001), Auxter, Pyfer e Huettig (2001), Almeida e Conde (2002), o livro Give It a Go (2001), Craft e Lieberman (2004), Mauerberg-deCastro (2011), e Munster e Almeida (2005, 2006) preocuparam-se em descrever sugestões de adaptações metodológicas na Atividade Física Adaptada, destinadas à pessoa com deficiência visual, de forma a fundamentar o professor em questões como: a primeira abordagem pessoal e no ambiente; proporcionar cuidados necessários, quando da prática de atividade física e/ou esportiva, relativos à patologia e à metodologia de preparação e adaptações das estratégias de ensino e dos recursos pedagógicos.

Sobretudo, as estratégias de ensino e os recursos pedagógicos adequados e adaptados a cada grupo constituem o fator primordial para alcançar as metas propostas, principalmente no que tange às modificações no seu comportamento. Assim, o professor deve estimular uma maior autonomia de movimento, buscar uma locomoção independente ou, ainda, a descobertas de novas possibilidades motoras, mais propícias às soluções de problemas do seu cotidiano, que estimulem o uso dos sentidos remanescentes. Algumas atividades só se tornam acessíveis às pessoas com determinadas deficiências mediante a realização de adaptações (MUNSTER; ALMEIDA, 2006). Adaptar é ajustar a tarefa ao nível de desempenho da pessoa (WINNICK, 2004) e pode ocorrer por meio do manejo de variáveis, como: os ambientes temporal, físico e psicossocial; os equipamentos e os materiais; a instrução; a tarefa; e, a regra (LIEBERMAN; HOUSTON-WILSON, 2009; NABEIRO, 2010; SHERRIL, 1998; WINNICK, 2004).

Observa-se, pelo embasamento teórico, um ponto relevante e comum entre os autores - oferecer suporte pedagógico ao professor de Educação Física, a fim de propiciar independência/autonomia do seu aluno, contribuição que este livro preconiza como fruto de investigação. Afinal, num programa de Atividade Física Adaptada, como destacou Munster e Almeida (2006, p.83), “[...] o que se preconiza é que a ênfase recaia sobre o programa e não propriamente sobre a deficiência, até porque um mesmo indivíduo pode apresentar múltiplas necessidades educacionais”.

Enfatiza-se que, nesta versão atualizada, está contida a descrição textual de todas as figuras do livro, sendo a descrição um processo que leva em consideração as formas e as impressões subjetivas que a visão das figuras desperta em quem as descreve (MANOEL *et al.*, 2006). Deste modo, a construção de recursos que permitam o acesso de pessoas com cegueira às informações escritas pode proporcionar-lhes benefícios educacionais e sociais, como ampliar as possibilidades de organização do mundo ao seu redor para que possam explorá-lo e nele situar-se; promover a independência, e auxiliar na realização mais eficiente do processo de ensino-aprendizagem (LOCH, 2008).

A seguir, serão apresentadas cinco categorias: 1) *Pré-Requisitos – Habilidades e competências a serem adquiridas*; 2) *Exploração e reconhecimento do ambiente*; 3) *Apresentação, execução e feedback da tarefa*; 4) *Procedimento para o uso do colega-tutor*; e 5) *Procedimento para o uso de recursos pedagógicos*. São práticas de ensino como conteúdo básico para a preparação do professor junto a seus alunos, a fim de facilitar sua busca de estratégias de ensino e recursos pedagógicos para intervenção em atividades físicas.

[Voltar para o sumário](#)

3 REQUISITOS BÁSICOS PARA INTERVENÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

3.1 Pré-requisitos - Habilidades e competências a serem adquiridas

Objetivo Geral - possibilitar o conhecimento das formas de abordar, cuidados na preparação de programas e formação de turmas, para o ingresso dos alunos na atividade, e os requisitos.

3.1.1 Como abordar e incluir o aluno na atividade?

1. Buscar informações relativas à anamnese médica, social, psicológica, familiar e acadêmica de seu aluno, como parâmetros básicos sem, portanto, limitá-lo a um prognóstico final.

2. Conferir com a equipe de profissionais envolvida (terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogo, oftalmologista, ortoptista, entre outros) com alunos com baixa visão e propensos a deslocamento de retina e outras possíveis deficiências, como glaucoma, as específicas considerações e contraindicações, de modo a impedir que sejam submetidos a exercícios nos quais haja possibilidade de traumatismo na cabeça, por exemplo, boladas na cabeça, combates, choques na borda da piscina, mergulho subaquático e o uso concomitante de colírio, ginástica artística (restrições a deficiências oftalmológicas – aumento da pressão ocular).

3. Indicar o uso de óculos de proteção para as atividades de pescaria, montanhismo e outros esportes, em ambientes naturais, para evitar perfurações do globo ocular por anzóis ou galhos de árvores.

4. Abordar com a mesma expressão e tom de voz.

5. Iniciar as atividades com diferentes possibilidades de assistência para que uma delas tenha sucesso.

6. Apresentar o aluno como outra criança qualquer - usar palavras como ver e olhar como parte do vocabulário.

7. Incluir o aluno em todas as atividades dando oportunidades de liderança.

8. Alertar o aluno sobre qualquer impropriedade no seu vestuário.

9. Não sair de uma conversa sem comunicar seu aluno, tampouco chegar a um grupo de alunos com cegueira sem comunicar sua chegada.

10. Cuidar para que ninguém demonstre excesso de proteção.

11. Não generalizar predicados ou defeitos do aluno a todos os outros.

12. Instruir a todos que os alunos com deficiência visual deverão saber quem é o aluno que está ao seu lado. Nas trocas de posições, o aluno ao seu lado deverá se apresentar.

13. Observar que o aluno com cegueira congênita desconhece todas as possibilidades gestuais, portanto deve-se utilizar a percepção tátil e o estímulo verbal como meio para introduzi-lo no mundo do movimento.

14. Preparar o aluno para o contato com a natureza e posteriormente à prática esportiva é necessária uma adaptação por meio de um programa de aprendizado sequencial realizado em quatro estágios: 1) despertar o entusiasmo (motivação); 2) concentrar a atenção (receptividade - focalizar a atenção em um dos sentidos); 3) dirigir a experiência (absorção - aumentar o grau de envolvimento com o meio ambiente); 4) compartilhar a inspiração (reflexão - internalização da experiência). Cada estágio sugere jogos apropriados.

15. Introduzir o aluno no universo dos esportes na natureza implica na conjugação de elementos fundamentais: jogos cooperativos, jogos de sensibilização à natureza e educativos relacionados aos aspectos técnicos de cada uma das modalidades.

16. Ensinar regras, posições e estratégias de jogos, mesmo àqueles que não possam participar, para que possam associar ao ouvir jogos escolares e profissionais.

17. Vivenciar situações cotidianas dos alunos e experimentar todo tipo de informação e ambiente que os alunos participam (simulação de cegueira pelo professor).

3.1.2 O que fazer para adaptar o ambiente?

1. Adaptar o ambiente – local, espaço e equipamento (marcas no chão, traves contrastantes, bolas brilhantes e bolas de praia para voleibol).

2. Adequar um ambiente para que todos se sintam seguros.

3. Evitar ambientes profundamente ricos em estímulos sonoros – área de jogo silenciosa.

4. Utilizar ambientes bem iluminados para estimular o uso da visão residual.

5. Adaptar proteções àqueles que têm fotofobia (sensibilidade à luz). Sentar o aluno com as costas para a janela, numa posição que elimine reflexos do quadro negro ou outras superfícies lisas. Recomendar viseiras ou chapéus para contribuir com as adaptações ambientais.

6. Cuidar para que o limite da quadra não ofereça perigos, tais como valetas ou muretas. Recomendação – final da quadra (cimento) tenha início, num mesmo nível, grama (mínimo de 1,0 metro).

[Voltar para o sumário](#)

3.1.3 Como proceder para melhorar o desempenho de seu aluno?

1. Chamar cada um pelo nome.

2. Explicar os acontecimentos que parecem ser comuns e cotidianos.

3. Narrar as atividades e jogos para compreensão do que está ocorrendo e o motivo dos acontecimentos o que proporcionará a aprendizagem incidental; narrar as atividades e jogos para compreensão do

que está ocorrendo e o motivo dos acontecimentos o que proporcionará a aprendizagem incidental.

4. Incentivar a aprendizagem pelos estímulos táteis, auditivos, gustativos, olfativos e visuais - som da água, cheiro do refeitório, alteração de piso, texturas, cores, vento, sabores.

5. Promover modificações nas tarefas a fim de adaptar as diversas necessidades dos alunos com deficiência visual com objetivos de disseminar a atitude aos alunos da classe, que poderão ter a oportunidade de imitar essa atitude e estarem propensos a aceitar as limitações das pessoas com deficiência visual.

6. Estimular a participação, respeitar as opiniões e os receios.

7. Perguntar ao aluno como é possível melhorar a visão dele ou qual modificação é melhor para ele.

8. Oferecer sugestões de materiais, equipamentos, métodos ou dispositivos especiais para facilitar a integração do aluno em aula.

9. Observar os maneirismos e encorajar a boa postura possibilita a naturalidade nos gestos, na expressão fisionômica, na aparência e na mímica.

10. Utilizar apoio técnico para entrega de material como regras de jogos, estratégias das aulas, entre outras, no formato Braille.

11. Diferenciar os estímulos e números de informações a serem dadas a jogadores iniciantes frente a jogadores experientes.

12. Diferenciar estímulos sensitivos oferecidos a jogadores de Goalball, como os táteis e auditivos, em maior número, quando comparados aos atletas de atletismo.

13. Ensinar a enxergar - experimentar o melhor ângulo para enxergar as coisas; inclinar a cabeça, aproximar objetos ou afastá-los de modo a ampliar o campo visual.

14. Conferir, àquelas que possam ser surdascegas atendimento em comunicação - buscar informações adicionais especializadas.

15. Estimular e treinar a percepção auditiva (discriminar sons) para uso em esportes e locomoção.

16. Proporcionar estimulações orais e táteis como modelos de comunicação.

17. Ensinar conceito de corpo-imagem e espaço - Exemplo: acima, abaixo, próximos a relação a si mesmo e aos outros, conceitos de rotação e translação.

[Voltar para o sumário](#)

3.1.4 Quais os cuidados e estratégias para preparar, avaliar e formar turmas?

1. Discutir estratégias gerais e requerimentos para a criança com deficiência visual, com seus professores, pais e/ou assistentes antes de começar um programa de Educação Física.

2. Avaliar cada atividade para verificar quais os tipos de comandos são necessários e qual a forma de realçá-los. Valorizar a cor, o contraste e a iluminação.

3. Definir a área de jogo - corda, colchões, paredes, esparadrapos, sobre a área delimitada, para auxiliar qualquer jogo.

4. Mesclar alunos com cegueira e alunos com visão reduzida quando se trata da formação de turmas, da distribuição e do posicionamento pelo espaço físico e para os exercícios em duplas ou em grupos. Este procedimento é somente para o caso de instituições especializadas.

5. Preparar estações de aprendizagem facilita a otimização do tempo de participação de todos e permite uma quantidade de repetições que, em outras formas de organização, não são possíveis, como, exemplo, os circuitos.

6. Identificar a performance da acuidade visual para saber até que distância as informações visuais são relevantes e a partir de onde os outros sistemas de informação passam a ser os principais.

7. Priorizar atividades que não requeiram modificações.

8. Indicar material e recursos didáticos diversos, requer considerar o desenvolvimento cognitivo.

9. Elaborar programas a partir de uma avaliação das diferenças nas habilidades motoras dos alunos com cegueira congênita com seus pares videntes.

[Voltar para o sumário](#)

3.1.5 Como abordar e incluir o aluno na atividade?

1. Buscar informações relativas à anamnese médica, social, psicológica, familiar e acadêmica de seu aluno, como parâmetros básicos, sem, portanto, limitá-lo a um prognóstico final.



Um senhor pegando alguns prontuários na gaveta de arquivos. Ao seu lado há dois médicos, um homem e uma mulher, analisando um prontuário e comentando: “esse caso aqui é muito interessante! Veja como o globo ocular foi ...”

2. Conferir com a equipe de profissionais envolvida (terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogo, oftalmologista, ortoptista, entre outros) com os alunos com baixa visão e propensos a deslocamento de retina e outras possíveis deficiências, como glaucoma, as específicas considerações e contraindicações, de modo a impedir que sejam submetidos a exercícios nos quais haja possibilidade de traumatismo na cabeça, por exemplo, boladas na cabeça, combates, choques na borda da piscina, mergulho subaquático e o uso concomitante de colírio, ginástica artística (restrições a deficiências oftalmológicas - aumento da pressão ocular).



Na figura há três exemplos de situações que devem ser evitadas, por isso, cada um dos desenhos está sinalizado com um “x” em cima. Na primeira situação, há um lutador de boxe que vai receber um soco no olho esquerdo. Na segunda situação, em uma piscina, uma menina nadando de costas para alcançar uma bola que foi lançada, mas, a menina está próxima de encostar na borda da piscina. Por fim, na terceira situação, há um rapaz com o olho esquerdo enormemente inchado.

3. Indicar o uso de óculos de proteção para as atividades de pescaria, montanhismo e outros esportes, em ambientes naturais, para evitar perfurações do globo ocular por anzóis ou galhos de árvores.



O plano de fundo da figura é uma floresta, com árvores, mato e um coelho. Há um menino andando pela floresta e utilizando óculos especiais e uma bengala, vestido com uma camiseta, bermuda e tênis, levando nas costas uma mochila e um colchonete.

4. Abordar com a mesma expressão e tom de voz.



A figura está dividida em duas situações: na primeira, há uma moça puxando um rapaz que utiliza óculos escuros pelo braço direito, ao mesmo tempo em que grita em seu ouvido: “Qué ajuda moço?”. Devido ao susto, o rapaz fica com os olhos arregalados e joelhos flexionados, tendo um ataque fulminante. Na segunda situação, a mesma moça se aproxima do rapaz que utiliza óculos escuros e com tranquilidade diz: “Qué alguma ajuda moço?”. O rapaz sinaliza positivo com o dedo polegar direito e responde: “Oh, sim! Muito obrigado!”

5. Iniciar as atividades com diferentes possibilidades de assistência para que uma delas tenha sucesso.



Um professor de Educação Física está com um apito na boca, enquanto, com a mão esquerda segura a ponta de uma corda, que está sendo segura por três alunos que utilizam óculos escuros, e que estão dispostos ao longo da corda, um atrás do outro e mantém a mão esquerda elevada. Os outros dois alunos seguram a corda com as duas mãos.

6. Apresentar o aluno como outra criança qualquer – usar palavras como ver e olhar como parte do vocabulário.



Quatro alunos, três meninos e uma menina, utilizando óculos e sentados cada um em sua cadeira, tendo à frente uma carteira escolar, com um caderno em cima e cada aluno segurando uma caneta. As quatro carteiras escolares estão dispostas uma ao lado da outra, formando um semicírculo. O professor de Educação Física está na frente do grupo de alunos e apresenta a eles a frase de Descartes “Penso logo existo”, escrita em um cartaz, que está pendurado em uma parede. O professor argumenta com os alunos: “Como podem ver, todos nós temos capacidade de fazer tudo que queremos! Basta olhar a vida como uma benção, contemplá-la com ...”. Os alunos estão sorridentes e um deles faz um sinal de positivo com o polegar.

7. Incluir o aluno em todas as atividades dando oportunidades de liderança.



Uma quadra poliesportiva com arquibancada na lateral esquerda. Na parede, atrás da arquibancada há uma faixa afixada, escrito “Campeonato Estadual de futsal”. O professor de Educação Física está de frente para um aluno que utiliza óculos escuros e segura uma bola com as mãos. O professor entrega ao aluno a braçadeira de capitão do time, enquanto diz: “Olha a resposta hein campeão!”. O aluno tem em suas mãos uma bola de futsal, além de estar com um grande sorriso e diz ao professor: “Valeu professor!”.

8. Alertar o aluno sobre qualquer impropriedade no seu vestuário; palavras como ver e olhar como parte do vocabulário.



O professor de Educação Física está com sua mão esquerda no ombro do aluno, o qual utiliza óculos escuros, e analisa a roupa que o aluno está vestindo (chapéu de pirata, uma camiseta regata que deixa a barriga a mostra, uma calça com a perna esquerda dobrada até o joelho, no pé direito um chinelo e no esquerdo um tênis, uma luva na mão esquerda e com a mão direita segura uma bengala). Após olhar para o aluno o professor diz: “É ... tá bem ‘estiloso’, mas não muito bem apropriado”. O aluno fica assustado com o que o professor disse.

9. Não sair de uma conversa sem comunicar seu aluno, tampouco chegar a um grupo de alunos com cegueira sem comunicar sua chegada.



Três alunos, sendo dois meninos e uma menina, estão sentados lado a lado, formando um círculo. Todos utilizam óculos. A professora de Educação Física está ajoelhada atrás de um dos meninos, apoiando sua mão esquerda nas costas do garoto e diz ao grupo: “Ei, moçada! Um minutinho, e eu já volto, ok?” A aluna cega sinaliza positivo com o polegar direito.

10. Cuidar para que ninguém demonstre excesso de proteção.



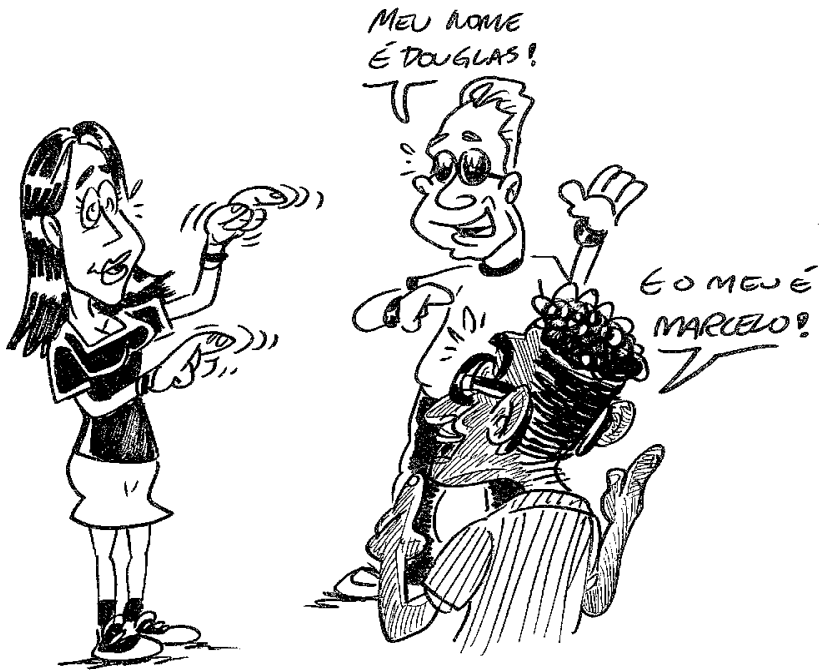
Um rapaz está desesperado empurrando rapidamente uma mesa com a mão esquerda e a cadeira com a mão direita. Em cima da mesa havia alguns papéis e um porta canetas, mas os papéis voaram e as canetas caíram no chão. Ao mesmo tempo em que o rapaz empurra os móveis, ele grita para um moço que utiliza óculos escuros e que vinha andando em direção aos móveis: “Ei! Espera! Cuidado! Você pode ... pode ... tropeçar e cair e ter um treco ... sei lá ... um traumatismo e daí você ...”. O moço está parado no lugar, assustado, roendo as unhas. Ao seu lado há um senhor sinalizando com as duas mãos e dizendo ao rapaz que empurra os móveis “Calma aí, rapaz!”.

11. Não generalizar predicados ou defeitos do aluno a todos os outros.



Um rapaz com o braço esquerdo elevado, acenando com a mão e gritando “ôôôôôô ... cegueta da bengala ...”. Em frente ao rapaz há um jovem utilizando óculos escuros e que caminha com sua bengala e, ao ouvir os gritos do rapaz fica enfurecido de raiva, flexionando todos os dedos da mão direita.

12. Instruir a todos que os alunos com deficiência visual deverão saber quem é o aluno que está ao seu lado. Nas trocas de posições, o aluno ao seu lado deverá se apresentar.



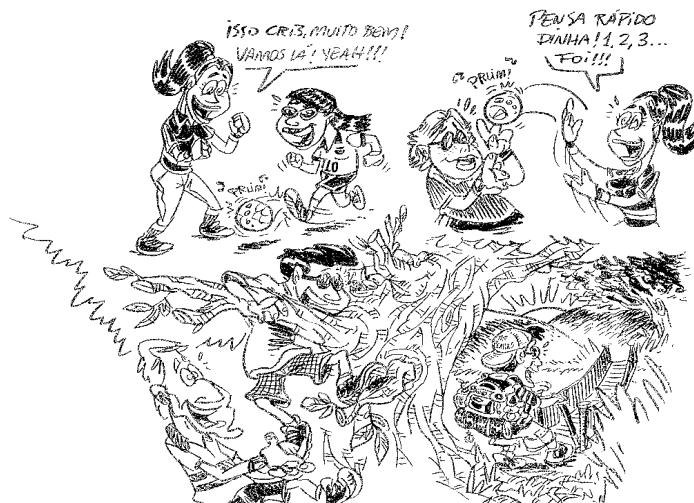
Uma professora de Educação Física está apontando com o dedo indicador esquerdo para um aluno e, com o dedo indicador direito, para outro aluno que está ao lado do primeiro. O primeiro aluno eleva a mão esquerda e, com a mão direita aponta para si mesmo e diz: “Meu nome é Douglas!”. Em seguida, o aluno que está ao lado, eleva os braços e os dedos indicadores e diz: “E o meu é Marcelo!”. Os dois alunos utilizam óculos escuros.

13. Observar que o aluno com cegueira congênita desconhece todas as possibilidades gestuais, portanto, deve-se utilizar a percepção tátil e o estímulo verbal como meio para introduzi-lo no mundo do movimento.



O professor de Educação Física está ajoelhado no chão e ao lado de um aluno que utiliza óculos escuros e está sentado também no chão, e diz: “Ei João, deite de barriga para cima e eleve as duas pernas, por favor”. O aluno está deitado de barriga para cima, com o tronco elevado, não encostando as costas e ombros no chão, com os cotovelos e as mãos apoiados no chão e as duas pernas elevadas. O professor está segurando, com a mão esquerda, o tornozelo esquerdo do aluno.

14. Preparar o aluno para o contato com a natureza e posteriormente à prática esportiva é necessária uma adaptação por meio de um programa de aprendizado sequencial realizado em quatro estágios: 1) despertar o entusiasmo (motivação); 2) concentrar a atenção (receptividade - focalizar a atenção em um dos sentidos); 3) dirigir a experiência (absorção – aumentar o grau de envolvimento com o meio ambiente); 4) compartilhar a inspiração (reflexão - internalização da experiência). Cada estágio sugere jogos apropriados.



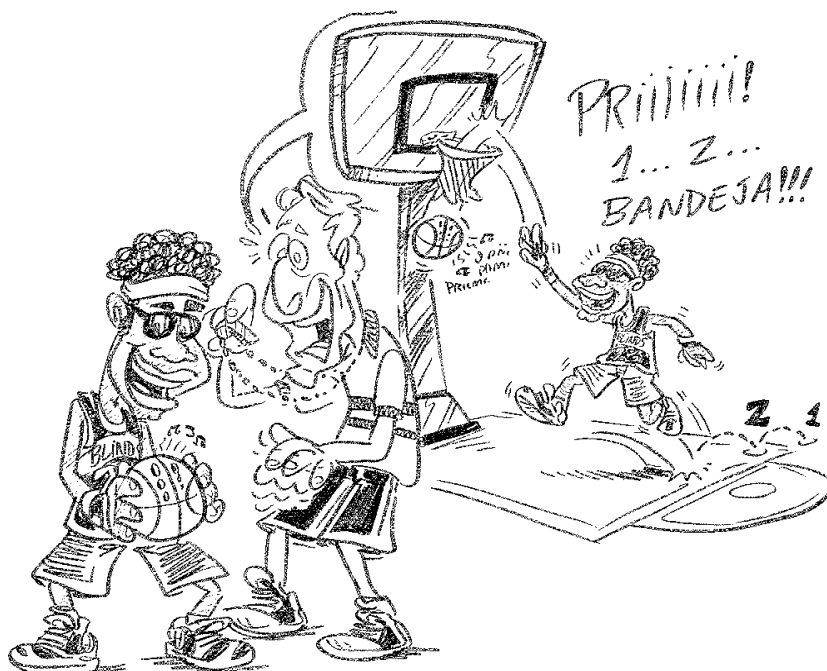
Nesta figura há quatro cenas distintas. Na primeira, a aluna está correndo atrás de uma bola com guizo, sendo orientada pelo som. A professora de Educação Física está acompanhando a aluna e, entusiasmada diz: “Isso Cris, muito bem! Vamo lá, yeah”. Na segunda, a professor diz a aluna “Pensa rápido Dinha! 1, 2, 3 ... foi” e lança uma bola com guizo ao alto, para que chegue até a aluna. Ao perceber o som próximo dela, a aluna esquiva o corpo para trás e eleva os dois braços para pegar a bola. Na terceira, o professor de Educação Física está auxiliando o aluno a subir em uma árvore. O professor está no chão, porém, apoiando o pé esquerdo no tronco da árvore. O aluno está pendurado, pelos braços, em um dos galhos da árvore, apoiando com o pé esquerdo na árvore e com o pé direito nas mãos do professor, que impulsiona o aluno para cima. Na quarta, o aluno está andando na floresta, com árvores, mato, montanhas e um pôr do sol. Ele usa uma bengala e carrega, nas costas, uma mochila. Em sua frente há uma ponte de madeira, com proteção a proteção de talas nas laterais, sendo que esta ponte deve ser atravessada para que se chegue ao outro lado.

15. Introduzir o aluno no universo dos esportes na natureza implica na conjugação de elementos fundamentais: jogos cooperativos, jogos de sensibilização à natureza e educativos relacionados aos aspectos técnicos de cada uma das modalidades.



A professora de Educação Física está coordenando a atividade de travessia sobre cordas, em que os alunos saem de um ponto fixo e atravessam pela corda até chegar ao outro lado, onde está a professora. Na figura há dois alunos, um menino e uma menina, ambas utilizam óculos escuros. A atividade acontece em um ambiente natural, sendo que os alunos atravessam de um barranco para o outro e lá embaixo, há um rio. É uma atividade de equilíbrio. São três cordas, duas na altura da cintura do aluno, uma no lado esquerdo e a outra no lado direito e, a terceira corda, fica nas linhas dos pés, para que os alunos andem sobre ela. Dois alunos estão atravessando o percurso das cordas: uma menina que está iniciando e, um menino que está terminando. Enquanto eles caminham, a professora está atenta e diz: “É isso aê, galera! Tamo quase lá! Vem, vem comigo”. No rio, há duas crianças sorridentes e dando muita risada enquanto descem o rio, cada um em sua boia.

16. Ensinar regras, posições e estratégias de jogos, mesmo àqueles que não possam participar, para que possam associar ao ouvir jogos escolares e profissionais.



O professor de Educação Física está conversando com o aluno e explicando para ele a movimentação da bandeja, utilizada no basquetebol. O aluno utiliza óculos escuros e está ao lado do professor, atento às explicações e segura uma bola de basquetebol, com guizo, com as duas mãos. O professor explica que o aluno deve se posicionar próximo à cesta, no garrafão; ao som do apito o aluno deve dar dois passos, saltar e arremessar a bola em direção da cesta.

17. Vivenciar situações cotidianas dos alunos e experimentar todo tipo de informação e ambiente que os alunos participam (simulação de cegueira pelo professor).

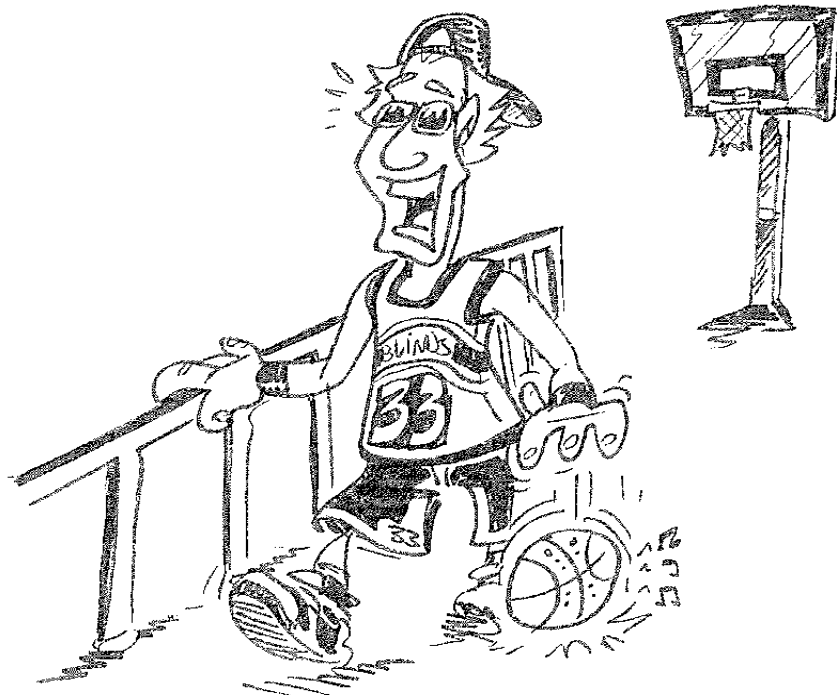


O professor de Educação Física está vendado e utilizando proteções para os cotovelos e joelhos. Ao seu lado há uma moça, a sua guia. Por ter que andar vendado, o professor está inseguro e apreensivo, por isso, segura com a mão esquerda no cotovelo direito da guia e, a mão direita ele utiliza para explorar o ambiente. A guia caminha na mesma velocidade do professor, atenta aos movimentos do professor.

[Voltar para o sumário](#)

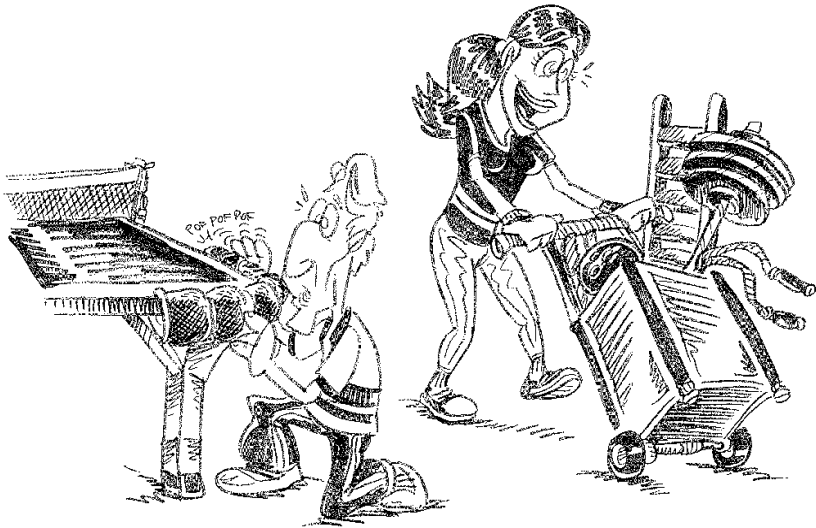
3.1.6 O que fazer para adaptar o ambiente?

1. Adaptar o ambiente - local, espaço e equipamento (marcas no chão, traves, contrastantes, bolas brilhantes e bolas de praia para voleibol).



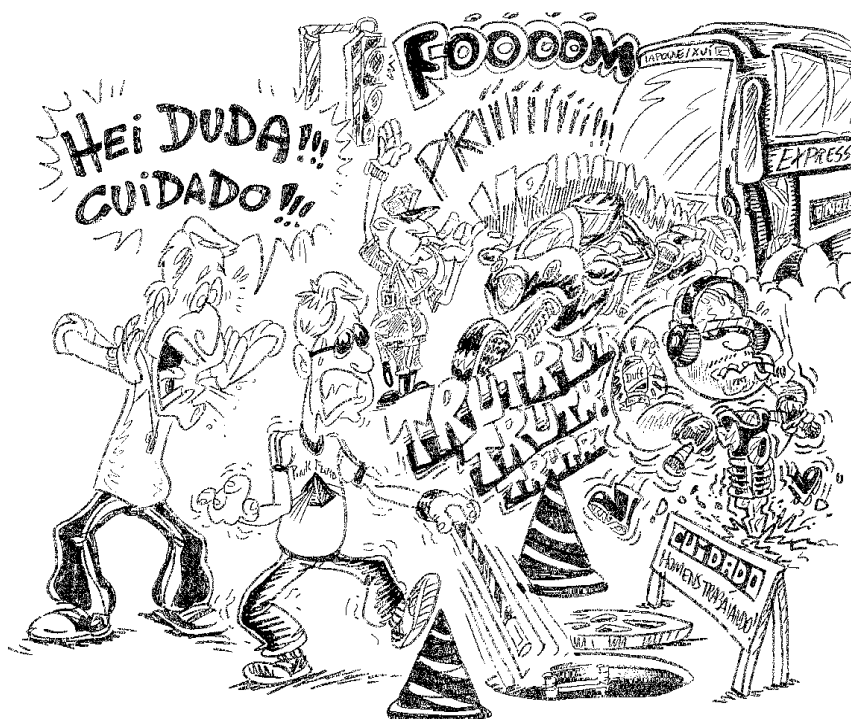
Para aprender a quicar/bater bola, uma habilidade utilizada no basquetebol, o aluno utiliza óculos escuros e está se orientando por um corrimão que foi colocado na quadra. Com a mão direita, o aluno segura no corrimão, enquanto, com a mão esquerda ele quica a bola de basquetebol com guizo. Sorridente, o aluno caminha e bate a bola ao longo de todo o corrimão.

2. Adequar um ambiente para que todos se sintam seguros.



O professor e a professora de Educação Física estão organizando o ambiente da aula. A professora está empurrando um carrinho de mão e dentro dele há: uma escada; cordas; bolas e uma barra de musculação com algumas anilhas. Enquanto ela leva o carrinho, o professor está colocando uma espuma nos cantos da mesa de tênis de mesa.

3. Evitar ambientes profundamente ricos em estímulos sonoros – área de jogo silenciosa.



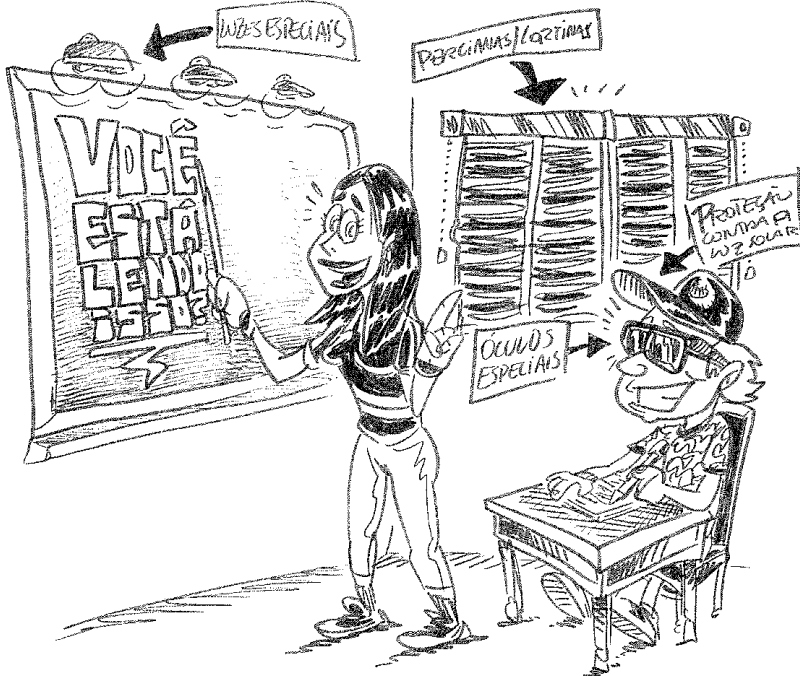
Um rapaz utilizando óculos escuros anda por uma rua totalmente movimentada e barulhenta. Ele está assustado, tremendo e suando; sua bengala está prestes a ser colocada em um enorme buraco que há no meio da rua. Ao redor do rapaz há placas indicando “Cuidado homens trabáitando”; cones espalhados; um guarda de trânsito apitando em um semáforo; um ônibus querendo passar e buzinando; uma moto ultrapassando o ônibus, além de um trabalhador que está usando uma britadeira para quebrar o asfalto. Há um moço que vê o rapaz cego em situação de risco, indo na direção de um enorme buraco e para tentar salvá-lo grita “Hei Duda !!!! Cuidado!!!”.

4. Utilizar ambientes bem iluminados para estimular o uso da visão residual.



Um aluno que utiliza óculos de grau está andando sobre uma faixa amarela e mantém os braços elevados, lateralmente, para a manutenção do equilíbrio. Para facilitar a tarefa, o professor de Educação Física colocou dois grandes holofotes direcionados e iluminando a faixa amarela. Enquanto o aluno caminha pela faixa, o professor observa e entusiasmado diz ao aluno: “É isso aê, Pedrão! Você consegue!!”.

5. Adaptar proteções àqueles que têm fotofobia (sensibilidade à luz). Sentar o aluno com as costas para a janela, numa posição que elimine reflexos do quadro negro ou outras superfícies lisas. Recomendar o uso de viseiras ou chapéus para contribuir com as adaptações ambientais.



Em uma sala de aula há uma lousa e na parte superior há luzes especiais. A professora de Educação Física está mostrando ao aluno a frase “VOCÊ ESTÁ LENDO ISSO?”, escrita na lousa, em letras de forma e de tamanho grande. O aluno utiliza óculos especiais e um boné para fazer a proteção contra a luz solar; ele está em sua carteira escolar, fazendo anotações em seu caderno. Atrás do aluno, há uma janela fechada e com cortinas.

6. Cuidar para que o limite da quadra não ofereça perigos, tais como valetas ou muretas. Recomendação - final da quadra (cimento) tenha início, num mesmo nível, grama (mínimo de 1,0 metro).



A figura apresenta duas situações. Na primeira, o aluno está usando óculos escuros, camisa e calção de futebol; com a mão esquerda segura a sua bengala e com a direita uma bola de futebol. O aluno está tranquilo e caminha sorridente, enquanto diz: “Tô me sentindo tão mais leve depois desse futebolzinho ...”. Na segunda situação o mesmo aluno está utilizando óculos escuros, camisa e calção de futebol, porém, está com uma tipoia, onde pendura/apoia o braço direito engessado; possui curativos no rosto; caminha com dificuldade, apoiando o peso do corpo na perna esquerda, pois o joelho direito está enfaixado. Por fim, só lhe resta suspirar.

[Voltar para o sumário](#)

3.1.7 Como proceder para melhorar o desempenho de seu aluno?

1. Chamar cada um pelo nome.



A figura apresenta duas situações. Na primeira, um senhor está acenando com as duas mãos para um rapaz que utiliza óculos escuros e está passando na rua e grita: “Ei, ei! E ae rapá? Beleza mano? Tudo certo bicho? Vamo dá aquele rolê lá na ...” Enquanto isso, o rapaz cego continua caminhando e enfurecido ele pensa “Ninguém merece ...”. Na segunda situação, o senhor vê o mesmo rapaz e diz: “É aê Robertão! Beleza? Vamo naquela festa que tu me falou? Coméquié???” ...”. Ao ouvir seu nome, o rapaz para a caminhada, direciona seu rosto para o senhor e diz: “Opa!! Vamo nessa, Abreu!!”.

2. Explicar os acontecimentos que parecem ser comuns e cotidianos.



O professor de Educação Física está explicando ao aluno um fato que havia acontecido. Todo eufórico ele diz: “...Xiiii! Foi o Zé e o João que trombaram”. Ao dizer a palavra trombaram ele bate uma mão na outra. O aluno utiliza óculos escuros e se apoia com a mão esquerda na bengala e, a direita na barriga, de tanto rir. Enquanto ouve o professor contar como tudo aconteceu, ele imagina a cena: os dois meninos se encontrando de frente, trombando, cada bengala indo para um lado, os dois perdendo os óculos.

3. Narrar as atividades e jogos para compreensão do que está ocorrendo e o motivo dos acontecimentos o que proporcionará a aprendizagem incidental; narrar as atividades e jogos para compreensão do que está ocorrendo e o motivo dos acontecimentos o que proporcionará a aprendizagem incidental.



O professor de Educação Física e um aluno que utiliza óculos escuros estão sentados lado a lado, em uma arquibancada de um ginásio. Enquanto assistem o jogo de basquetebol o professor, empolgado, gesticula com as mãos ao mesmo tempo em que explica para o aluno: “Agora ele deu um “gancho” e fez uma bela cesta!!”.

4. Incentivar a aprendizagem pelos estímulos táteis, auditivos, gustativos, olfativos e visuais - som da água, cheiro do refeitório, alteração de piso, texturas, cores, vento, sabores.



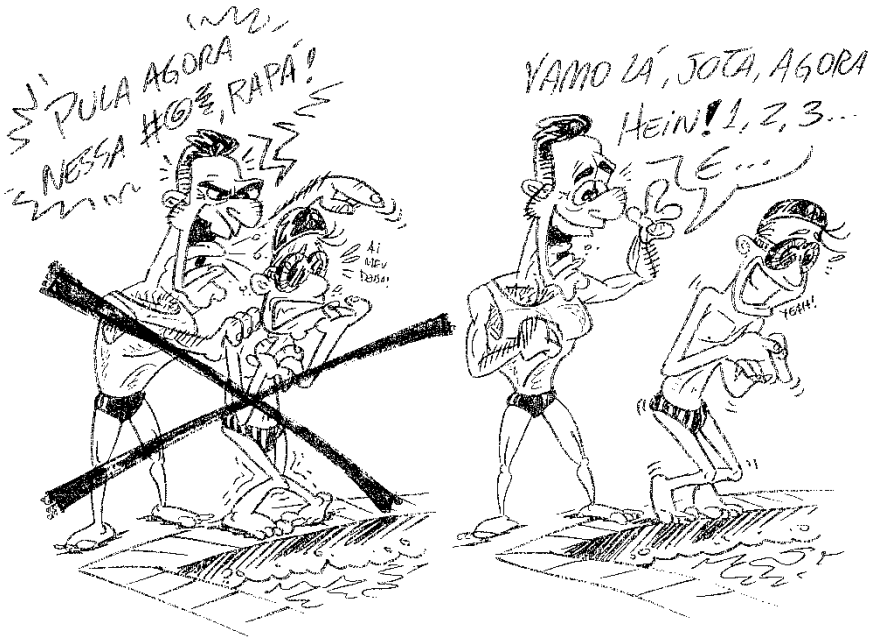
A professora de Educação Física está desempenhando duas funções ao mesmo tempo: com a mão direita ela segura uma maçã enquanto a mão esquerda, está encostado na orelha. A maçã é para que uma aluna, que está na sua frente e que utiliza óculos escuros, sinta o aroma e, a mão junto a orelha é para auxiliar na percepção do som que outro aluno está produzindo, com um chocalho em cada mão. Assim que a aluna sente o cheiro da maçã, ela fica com água na boca e diz: “Hummm que delícia”.

5. Promover modificações nas tarefas a fim de adaptar as diversas necessidades dos alunos com deficiência visual com objetivos de disseminar a atitude aos alunos da classe, que poderão ter a oportunidade de imitar essa atitude e estarem propensos a aceitar as limitações das pessoas com deficiência visual.



Durante uma aula de Educação Física, todos os alunos estão em fila, um atrás do outro. Todos eles utilizam óculos escuros. Ao comando do professor, que está em posse de um apito, o aluno deve ir até um cone, contorná-lo e retornar para o final da fila. O professor de Educação Física está ao lado do cone, devidamente posicionado. O professor conta com o recurso do apito para dar início à atividade e um chocalho, que fica em movimento e constantemente emite um som para a orientação dos alunos. Ao ouvir o som do apito, o primeiro aluno da fila diz: “Lá vou eu!!”.

6. Estimular a participação, respeitar as opiniões e os receios.



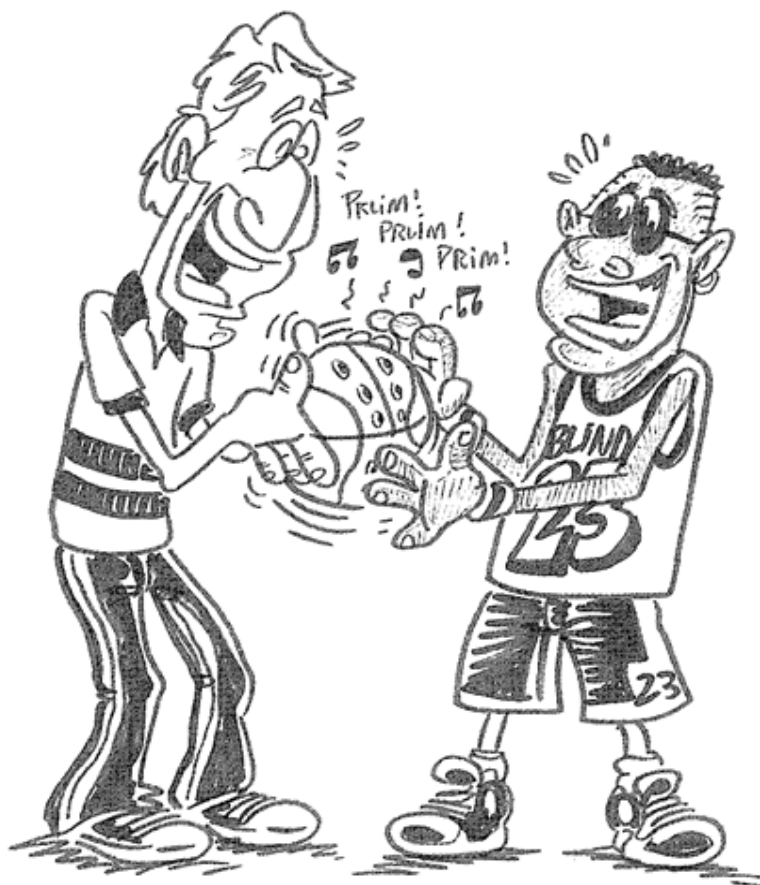
A figura está apresentada em duas situações. Na primeira, o professor de natação e um aluno que utiliza óculos escuros estão na borda da piscina, sendo que o aluno deve pular na água. Para isso, o professor, furioso e extremamente irritado, grita: “Pula agora nessa #@&, rapá!” e empurra o aluno pelo ombro. O aluno, que está assustado, tremendo e roendo as unhas, exclama: “Ai meu Deus!”. Por não ser o procedimento indicado a figura está sinalizada com um “x” em cima. No segundo momento, o professor de natação e o aluno estão na borda da piscina e, o professor diz: “Vamo lá, Jota, agora hein! 1, 2, 3 ...e”. Em seguida, o aluno, que está gostando da ideia de ir para a água, flexiona os joelhos e prepara para o mergulho.

7. Perguntar ao aluno como é possível melhorar a visão dele ou qual modificação é melhor para ele.



O professor de Educação Física está segurando um tronco de árvore para que o aluno possa tateá-lo. No chão há um balde com água e uma pequena caixa com areia. O aluno está com boné, óculos escuros, descalço e pisando em um barro criado pelo professor.

8. Oferecer sugestões de materiais, equipamentos, métodos ou dispositivos especiais para facilitar a integração do aluno em aula.



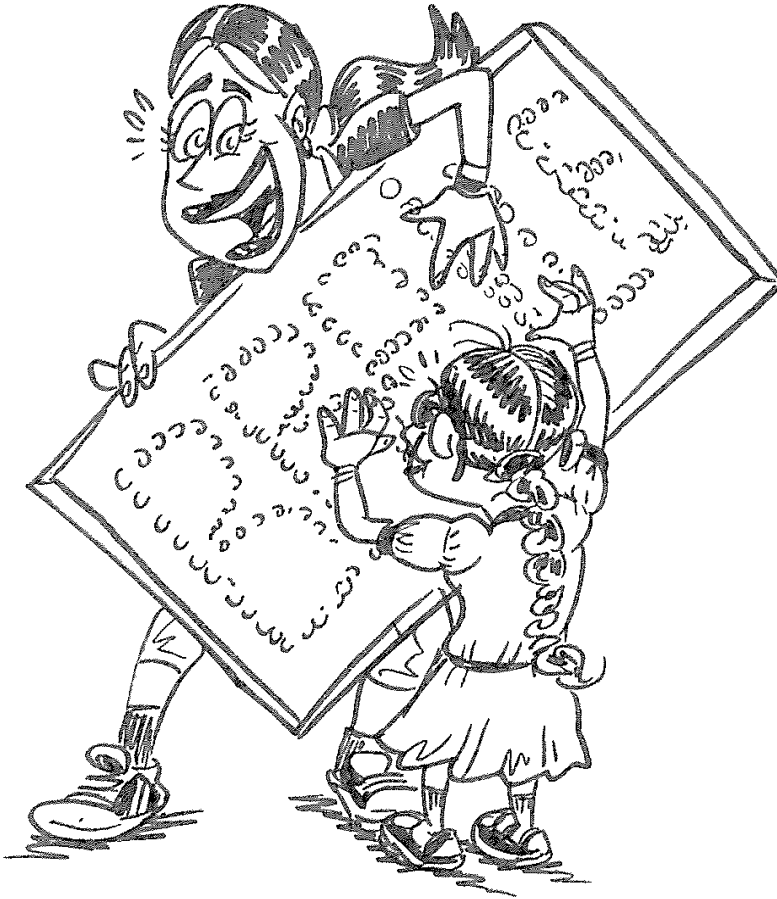
O professor de Educação Física está entregando uma bola de basquetebol com guizo ao aluno. Enquanto a bola é chacoalhada pelo professor, ela emite sons e, orientado por eles, o aluno, que utiliza óculos escuros, consegue pegá-la das mãos do professor.

9. Observar os maneirismos e encorajar a boa postura possibilita a naturalidade nos gestos, na expressão fisionômica, na aparência e na mímica.



O professor de Educação Física está conversando com um aluno que utiliza óculos escuros. O professor está com a mão direita apoiada nas costas do aluno, e explica para ele a importância da postura correta, e pergunta se eles gostaria de se parecer com o monstro do castelo. O aluno está com as costas encurvada “corcunda” e está suando no sentido de estar nervoso. Enquanto o professor fala do monstro do castelo, ele gesticula com o dedo indicado no sentido negativo, que não quer se parecer com ele.

10. Utilizar apoio técnico para entrega de material como regras de jogos, estratégias das aulas, entre outras, no formato Braille.



A professora de Educação Física está segurando uma placa de isopor onde está escrito a palavra “BRAILE”, em letra de forma e tamanho grande. A aluna utiliza óculos escuros, está de frente para a placa e utiliza as duas mãos para tatear todas as letras.

11. Diferenciar os estímulos e números de informações a serem dadas a jogadores iniciantes frente a jogadores experientes.



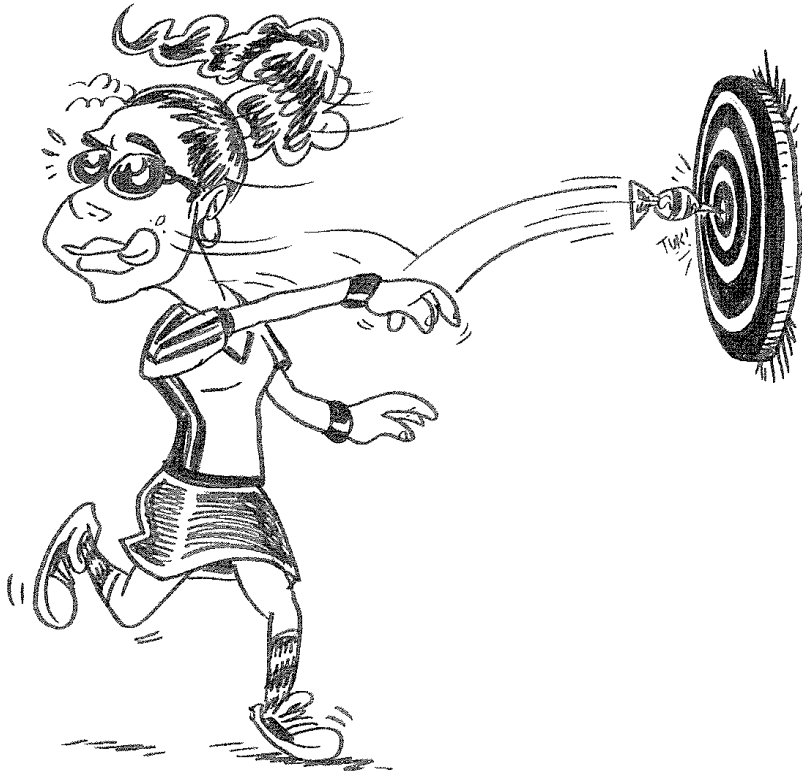
O professor de Educação Física está atrás de uma mesa em que está pregada uma placa escrita “Explicações”. Há dois alunos encostados na mesa: um menino que utiliza óculos escuros na ponta esquerda e uma menina que também utiliza óculos na ponta direita. O professor está fazendo explicações para os dois alunos, mas, para o menino ele emite mais informações, ao passo que para a menina, ele explica com menos palavras.

12. Diferenciar estímulos sensitivos oferecidos a jogadores de *Goalball*, como os táteis e auditivos, em maior número, quando comparados aos atletas de atletismo.



Uma bola com guizo quicando no solo e emitindo sons, enquanto o aluno que utiliza óculos escuros está indo em direção ao som, e seguindo a bola. O professor de Educação Física está a lado do aluno, acompanhando-o e mantendo a mão direita no ombro do aluno e, a esquerda no braço esquerdo do aluno.

13. Ensinar a enxergar – experimentar o melhor ângulo para enxergar as coisas; inclinar a cabeça, aproximar objetos ou afastá-los de modo a ampliar o campo visual.



Em uma atividade de tiro ao alvo (objeto redondo, colorido com circunferências alternadas entre preto e branco), o alvo está fixado em uma parede. A aluna que utiliza óculos escuros está correndo em linha reta, na direção do alvo. Quando está próxima a ele, a aluna faz uma rotação de pescoço de 90° para a direita, tendo uma visão periférica do alvo e, assim, lança o dardo que estava em sua mão direita, atingindo o centro do alvo.

14. Conferir, àquelas que possam ser surdascegas, atendimento em comunicação - buscar informações adicionais especializadas.



A professora de Educação Física está fazendo uma atividade de espelho com o aluno surdocego. Os dois estão frente a frente, ambos com os cotovelos flexionados e as palmas das mãos voltadas para frente, permitindo que a mão direita da professora esteja encostada na mão direita do aluno, e a mão esquerda da professora esteja encostada na mão esquerda do aluno.

15. Estimular e treinar a percepção auditiva (discriminar sons) para uso em esportes e locomoção.



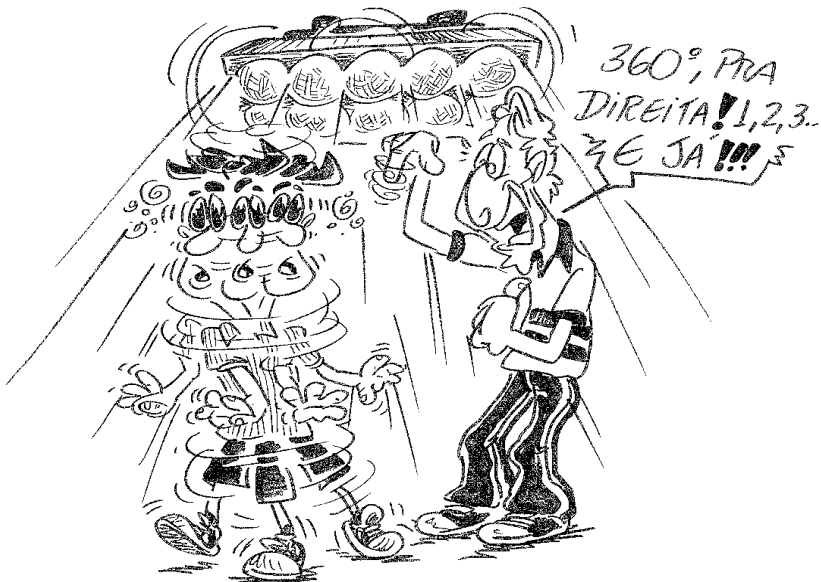
O aluno que utiliza óculos escuros está bastante confuso, em dúvida, pois, ao seu redor há cinco diferentes sons. O primeiro som é o barulho de um enorme caminhão. O segundo som é o de uma bola com guizo. O terceiro som são palmas. O quarto som é o barulho de latas batidas umas nas outras. E, o último som é uma música que está tocando em um rádio.

16. Proporcionar estimulações orais e táteis como modelos de comunicação.



O professor de Educação Física, sorridente e empolgado, encosta sua mão direita no ombro de um aluno que utiliza óculos escuros e diz: “E ai, Lê! Vamo dá um rolê?”. O rapaz sorri e confirma o convite com um sinal de positivo feito com o polegar esquerdo.

17. Ensinar conceito de corpo-imagem e espaço. Exemplo: acima, abaixo, próximos em relação a si mesmo e aos outros, conceitos de rotação e translação.



O professor de Educação Física está sinalizando uma rotação com o dedo indicador, enquanto diz a um aluno que utiliza óculos escuros: “360°, pra direita! 1, 2, 3 ... e já!”. O aluno está rodando em torno dele mesmo, ficando zozzo e desequilibrado.

[Voltar para o sumário](#)

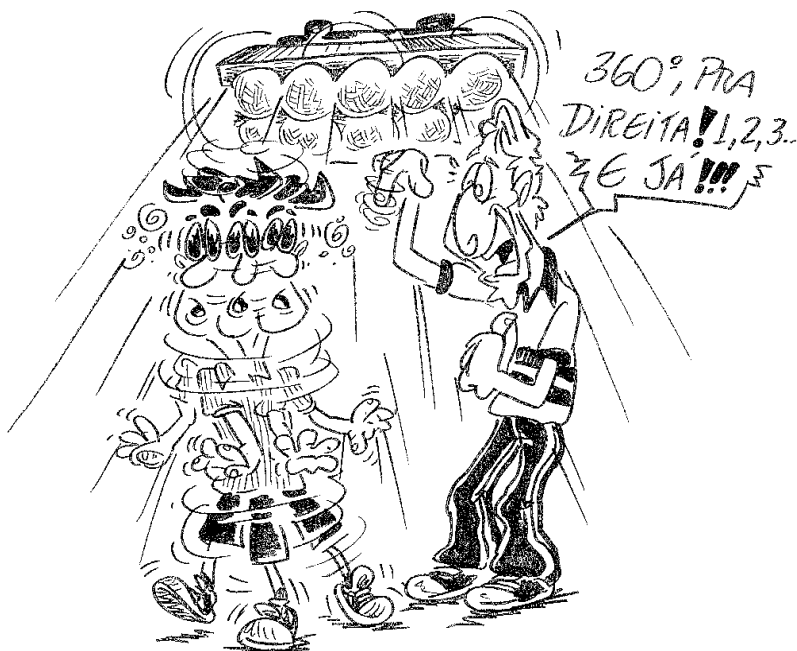
3.1.8 Quais os cuidados e estratégias para preparar, avaliar e formar turmas?

1. Discutir estratégias gerais e requerimentos para a criança com deficiência visual, com seus professores, pais e/ou assistentes antes de começar um programa de Educação Física.



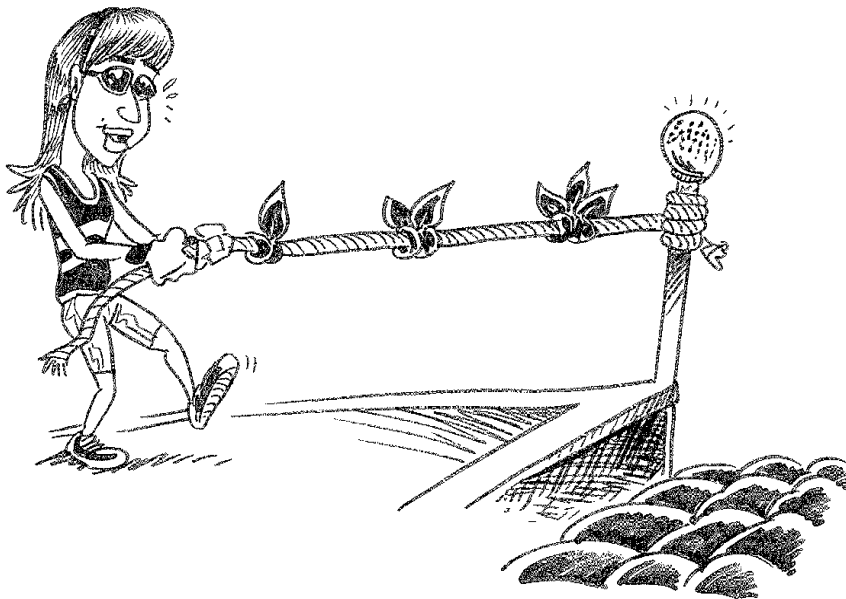
O pai e a mãe de um aluno estão sentados em cadeiras, atentos ao que a professora de Educação Física está mostrando. Na lousa, há uma ficha, com a foto do aluno e o nome dele embaixo. Nessa ficha há, no lado esquerdo, o “sim” e, no lado direito o “não”, e a professora mostra aos pais as descrições sobre o aluno.

2. Avaliar cada atividade para verificar quais os tipos de comandos são necessários e qual a forma de realçá-los. Valorizar a cor, o contraste e a iluminação.



O professor de Educação Física está sinalizando uma rotação com o dedo indicador, enquanto diz a um aluno que utiliza óculos escuros: “360°, pra direita! 1, 2, 3 ... e já!”. O aluno está rodando em torno dele mesmo, ficando zozó e desequilibrado.

3. Definir a área de jogo - corda, colchões, paredes, esparadrapos, sobre a área delimitada, para auxiliar qualquer jogo.



A atividade da aula de Educação Física acontece em um espaço cercado por colchões. Há um miniposte de ferro preso ao chão, em que uma corda está amarrada. Ao longo da corda, há lenços amarrados, um espaçado do outro; a aluna, que utiliza óculos escuros, está segurando a ponta da corda, deve ir caminhando enquanto utiliza a corda para se guiar e chegar até o suporte onde a corda foi amarrada.

4. Mesclar alunos com cegueira e alunos com visão reduzida quando se trata da formação de turmas, da distribuição e do posicionamento pelo espaço físico e para os exercícios em duplas ou em grupos.

Este procedimento é somente para o caso de instituições especializadas.



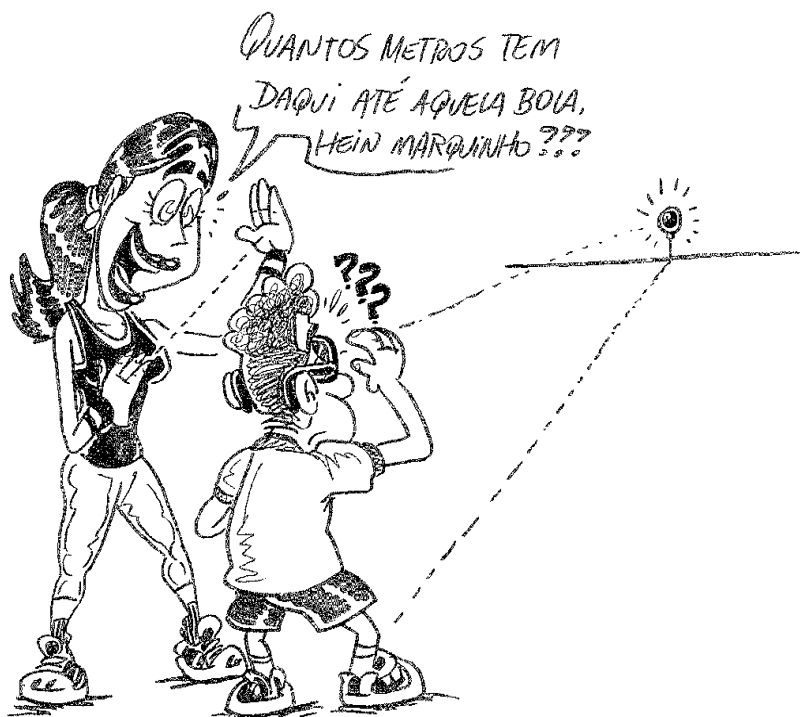
Há dois sinos, presos no teto, em constante movimento, emitindo sons para que dois alunos - um utilizando óculos de grau e o outro óculos escuros - localizem cada um dos sinos. Os alunos estão com as mãos em elevação frontal, procurando os sinos. O aluno que utiliza óculos de grau localizou o seu sino e tocou nele, enquanto o aluno com óculos escuro ainda está procurando.

5. Preparar estações de aprendizagem facilita a otimização do tempo de participação de todos e permite uma quantidade de repetições que, em outras formas de organização, não são possíveis, como exemplo os circuitos.



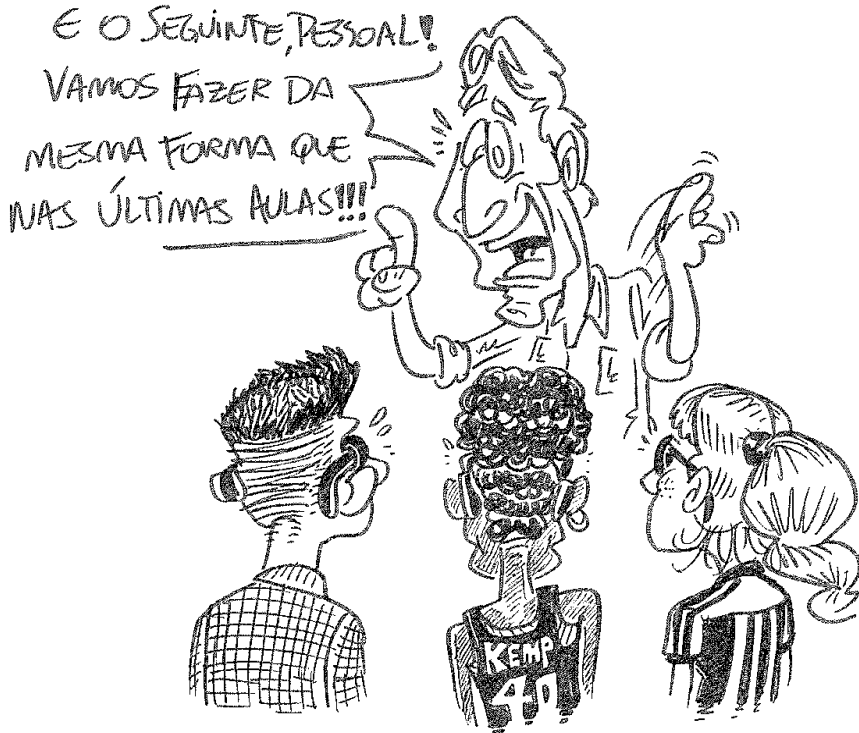
Um túnel feito de pano, formando um percurso com zig-zag, subidas e descidas. Os alunos iniciam o percurso em uma das pontas, ao comando do professor de Educação Física, que está na entrada do túnel, utilizando um apito e uma buzina. Na saída do túnel há um colchão, amortecendo a queda.

6. Identificar a performance da acuidade visual para saber até que distância as informações visuais são relevantes e a partir de onde os outros sistemas de informação passam a ser os principais.



A professora de Educação Física está parada ao lado de um aluno que utiliza óculos de grau e que olha para a frente, em direção a uma bola, colocada a uma distância específica. Enquanto o aluno, ainda em dúvida, olha para o objeto, a professora pergunta: “Quantos metros tem daqui até aquela bola, hein Marquinho?”.

7. Priorizar atividades que não requeiram modificações.



Três alunos, dois meninos e uma menina, todos utilizando óculos, um ao lado do outro, olhando em direção ao professor de Educação Física, que está na frente deles e diz: “É o seguinte, pessoal! Vamos fazer da mesma forma que nas últimas aulas!!”.

9. Elaborar programas a partir de uma avaliação das diferenças nas habilidades motoras dos alunos com cegueira congênita com seus pares videntes.



O professor de Educação Física está explicando a dois alunos que utilizam óculos escuros qual deve ser a posição dos pés no esqui. O professor sinaliza o número dois com os dedos da mão direita e, com a mão esquerda, aponta para o chão, indicando que os dois pés devem estar bem presos no esqui, evitando assim, futuros acidentes.

[Voltar para o sumário](#)

3.1.9 Comentário

Este item trata, entre outros, dos requisitos básicos que o professor deve conhecer para interagir junto às pessoas com deficiência visual, de maneira que possa refletir sobre suas providências iniciais com relação ao diagnóstico de cada participante, adaptação de ambiente e de tarefas, para poder preparar sua aula, a qual deverá considerar adaptações nas estratégias de ensino e nos recursos pedagógicos de modo a atingir os objetivos estabelecidos para esse grupo.

Denominou-se “atitude e conhecimento que o professor deverá adquirir para desenvolver habilidades e competências nos alunos com cegueira ou com baixa visão”, a aquisição prévia de um repertório conceitual e de estratégias de ensino e aprendizagem para desenvolver condutas e/ou habilidades, sejam elas motoras, sensoriais ou cognitivas. Coín e Enríquez (2003) avançaram nessa reflexão, pois entenderam que o professor deve adquirir noções para fazer com que o aluno incorpore todas essas condutas e/ou habilidades em seu repertório comportamental “para ter acesso, com garantia de sucesso, a um programa de instrução”, seja ele educacional ou esportivo.

Nessa direção, Mauerberg-deCastro (2011) sugeriu que todo programa de Educação Física deve fundamentar-se na identificação das necessidades e capacidades, no processo de desenvolvimento, nas metas a serem atingidas, na participação de todos, na promoção de desafios, nos cuidados com as frustrações, na adequação de recursos materiais e na avaliação dos desempenhos.

Quanto à preparação de programas e à busca de estímulos, Oliveira Filho (2003, p.24) destacou a necessidade de “[...] variação e mudanças constantes de métodos e técnicas, para não criar vícios, nem esquecer conteúdos”.

O conhecimento e a identificação diagnóstica que o professor adquire sobre cada um e o modo como organiza seu programa de atividade física é um dos requisitos para possibilitar o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social, ou seja, um desenvolvimento global harmônico, dos alunos com cegueira ou com baixa visão. Para que isso ocorra, o estímulo é fator preponderante.

As proposições, supracitadas sugerem aplicações destes estímulos, justificadas para combater a dificuldade de adquirir informação num mundo visual, o baixo repertório motor e a possibilidade de aprendizado em condições de igualdade social.

Contudo, “[...] observar os estímulos que lhe são escassos ou ausentes e buscar desenvolver os que estão mal aproveitados é primordial” (OLIVEIRA FILHO, 2003, p.24). Na concepção de Ruiz *et al.* (2003, p.45), não é bem simples avaliar os aspectos sociais, emocionais, cognitivos, entre outros. Por este motivo, Ruiz *et al.* (2003, p.45) observaram: “[...] as implicações que estes possam ter juntos com o déficit visual no desenvolvimento acadêmico (estilo de aprendizagem, método de ensino, material didático, meios técnicos, adaptações curriculares, entre outros”.

Intervir por meio de atividades físicas esportivas ou de lazer são eficientes quando associados a avaliação da capacidade visual enquanto percepção de luz, acuidade visual e campo visual.

Em diversas ocasiões os estímulos não são percebidos e interpretados por aqueles com baixa visão devido à iluminação. Para alguns, é necessário um ambiente bem iluminado, para outros, isso pode atrapalhar. Martín e Ramirez (2003, p.39) explicaram que:

A alteração da sensibilidade da retina à intensidade da luz pode produzir efeitos que podem nos parecer contraditórios. Há pessoas que se desenvolvem melhor em condições de meia ou baixa iluminação, ficando ofuscados em ambientes luminosos. [...]. Outro grupo de pessoas requer iluminação intensa para um uso proveitoso da sua baixa visão, chegando a agir como cegos durante o entardecer, à noite ou em dias nublados.

Não obstante, a acuidade visual tem sido um instrumento bastante utilizado na determinação da visão útil das pessoas. Para alguns alunos, a acuidade visual é suficiente para discriminar objetos em relação a determinadas distâncias, para outros, isso é impossível.

É fato que a acuidade visual é parte limitada da informação, não é um parâmetro único e determinante. Martín e Ramirez (2003, p.41) observaram que “[...]existem enormes diferenças na eficiência visual entre indivíduos que se encontram no intervalo da baixa visão, mesmo quando

possuem a mesma anomalia ocular e idêntica acuidade visual e perdas visuais similares”.

Com relação ao campo visual, este requer identificar como o aluno enxerga. Oliveira Filho (2003) e Ruiz *et al.* (2003) sugeriram testes de fácil aquisição e aplicação, sendo possíveis de serem realizados pelos professores ou terapeutas, na medida em que são de fácil interpretação e aquisição de materiais.

Quando se buscam informações relativas à anamnese é necessário deter-se na avaliação da percepção visual, no intuito de saber como agir e de que forma este aluno corresponderá às solicitações emitidas pelo professor. Ruiz *et al.* (2003, p.57) sugeriram recolher informações sobre os seguintes aspectos:

- a) percepção de cor, tamanho, forma, posição e demais semelhanças e diferenças;
- b) capacidade de imitar modelos bidimensionais ou tridimensionais;
- c) capacidade de relacionar parte-todo;
- d) coordenação viso motora;
- e) figura-fundo;
- f) relações espaciais;
- g) memória visual.

Segundo Ruiz *et al.* (2003), pode-se entender o funcionamento visual como um comportamento aprendido em que se a criança for submetida a um maior número de experiências visuais, mais condutos cerebrais serão estimulados, o que dará lugar a uma maior acumulação de imagens visuais variadas e de recordações.

Se a estimulação é um fato para que o professor possa interagir adequadamente com a turma, então é necessário obedecer aos critérios básicos como chamar cada um pelo nome, o que garante segurança a todos, promover o reconhecimento do ambiente adaptado, fazer com que os alunos com cegueira e os com baixa visão saibam quem é o colega que

está ao lado a fim de solicitar que estes se apresentem. São alguns dos fatores que requerem o uso da percepção tátil, auditiva e, principalmente, da linguagem.

Para Mauerberg-deCastro (2005, p.141),

[...] o desafio no desenvolvimento da linguagem e percepção dos sons da linguagem está na coerência dadas às propriedades significativas do campo auditivo com as propriedades simbólicas da linguagem.

É possível optar por um conjunto de dicas e informações empregadas simultaneamente, ou privilegiar diferentes modelos de informações isoladas para que a ação que se pretende do aluno seja transmitida e executada.

Se a percepção dos sons é a ferramenta para a aquisição da linguagem, o estímulo ao descobrimento e ao conhecimento verbal das ações de cada um é reflexo de desenvolvimento cognitivo, motor e social. É necessário fazer com que as crianças e os próprios adultos identifiquem o vocabulário correspondente às experiências sensoriais. De acordo com Mauerberg-deCastro (2011), estimular a produção de sons e a localização auditiva podem contribuir também para a percepção espacial.

Portanto, é função do professor saber abordar e introduzir o aluno na atividade correta, com iniciativa, ambiente e estímulos visuais adequados e ao alcance sensorial da capacidade de cada aluno, seja ele com cegueira congênita ou adquirida. Para isso, as estimulações visuais e sensoriais devem estar relacionadas entre si e com a estimulação da linguagem. Sobretudo, essa é uma forma de oferecer oportunidade de construir imagens constantes dos objetos explorados. Por sua vez, esses poderão identificar, comparar e atribuir nomes a esses objetos.

Essa pode ser uma estratégia docente com o intuito de minimizar atrasos motores, dada ao estímulo na exploração e reconhecimento dos objetos do meio circundante. Segundo as concepções de Lieberman (2005), é essencial preparar atividades que estejam adaptadas à real limitação visual dos alunos; em contrapartida, que esses se tornem independentes e membros participativos em suas aulas.

[Voltar para o sumário](#)

3.2 Reconhecer e explorar o ambiente

Objetivo Geral – Possibilitar aos profissionais formas de adquirir os requisitos básicos e técnicas, de orientação e mobilidade, para garantir a segurança e promover a locomoção independente no meio ambiente em que o aluno irá desempenhar as tarefas exigidas.

3.2.1 De que maneira o aluno poderá se sentir mais seguro?

1. Apresentar os campos de jogo, ginásios e equipamentos.
2. Informar previamente objetos no meio do caminho.
3. Ensinar estratégias de ultrapassagem de obstáculos no caminho, durante deslocamentos.
4. Utilizar as técnicas de orientação e mobilidade para posicionamentos, exploração e deslocamento do aluno e do professor como guia-vidente, com estímulo à independência.

3.2.2 Quais estratégias para formação do mapa mental?

1. Explorar o ambiente quantas vezes for necessário.
2. Propiciar experimentação física e formação de conceitos básicos espaciais e pontos de referência dos implementos e locais a serem utilizados, por exemplo: o vento entrando por uma porta ou janela, uma fonte sonora localizada em ponto constante, um odor característico, a posição do sol, a textura de solos e paredes, espessura, altura, sensações térmicas.
3. Explorar os objetos com as mãos, os pés, o corpo, descobrindo sua textura e consistência.
4. Avaliar o ambiente e criar estratégias para dominá-lo.

[Voltar para o sumário](#)

3.2.3 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da orientação e percepção espacial?

1. Proporcionar experiências sensório-motoras, integradas para exploração do meio físico. Utilizar o sentido tátil, cinestésico, visual, auditivo, olfativo e gustativo.

2. Vivenciar relações espaciais com o corpo: entrar e sair de caixas, pneus, tubos de cima para baixo, de baixo para cima, nomeando posições.

3. Orientar-se em relação aos colegas: colocar-se de frente ao colega na fila, às costas, ao lado. Colocar-se em pé, sentado, abaixado. O corpo deve tocar no do outro. Primeiro em par e depois entre dois colegas.

4. Utilizar brinquedos para crianças (carrinho e raquete de tênis adaptados) como forma de pré-bengala, para localizar obstáculos.

5. Utilizar verbalizações nas ações espaciais, nomeando cada uma delas.

6. Identificar, juntamente com os alunos, os pontos de referência que podem ajudá-los a se orientar sozinhos durante a atividade. Por exemplo: colchões fixados nas paredes do fundo do ginásio, em contraste com o revestimento das paredes laterais, bebedouros, janelas, escadarias, vestiários, portas de entrada e saída.

7. Deixar os equipamentos sempre na mesma posição. Se for necessário mudar algo de lugar, avisar os alunos com antecedência e orientá-los outra vez.

8. Relatar dimensões de um espaço ou alvo previamente apresentado utilizando várias estratégias cognitivas (Ex: mensurações, reproduções com desenho, emparelhamento de sons com distâncias).

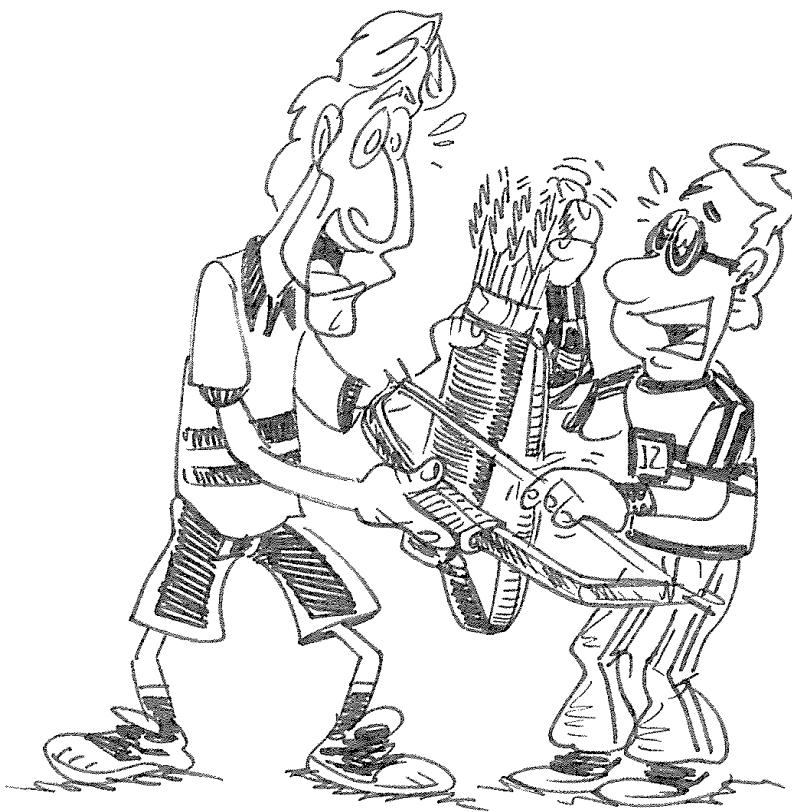
3.2.4 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da memória motora?

1. Treinar distância e direção (não contar passos).

2. Subir em caixas, cadeiras, mesa, banco, escadas, descobrindo as diferenças de altura, largura, profundidade etc.

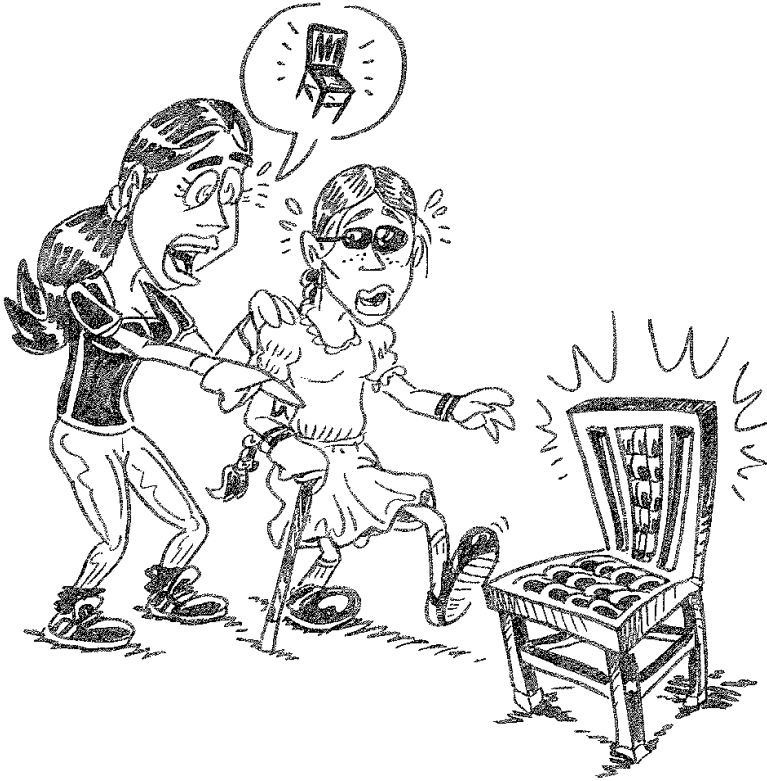
3.2.5 De que maneira o aluno poderá se sentir mais seguro?

1. Apresentar os campos de jogo, ginásios e equipamentos.



O professor de Educação Física tem na mão direita um arco e na mão esquerda um suporte com algumas flechas. O aluno que utiliza óculos escuros está em frente ao professor, tateando os objetos que o professor mostra a ele.

2. Informar previamente objetos no meio do caminho.



A professora de Educação Física está caminhando com a aluna que utiliza óculos escuros e uma bengala na mão direita. Assim que a professora vê uma cadeira na direção da aluna, ela coloca a mão esquerda sobre o ombro da aluna e avisa sobre o objeto.

3. Ensinar estratégias de ultrapassagem de obstáculos no caminho, durante deslocamentos.



O aluno utiliza óculos escuros e está percorrendo um caminho trilhado por cones, alternados entre os lados direito e esquerdo. Ao passar pelos cones, o aluno os empurra com as mãos e os derruba.

4. Utilizar as técnicas de orientação e mobilidade para posicionamentos, exploração e deslocamento do aluno e do professor como guia-vidente, com estímulo à independência.



O professor de Educação Física está auxiliando seu aluno que utiliza óculos escuros para descer uma escada. O professor está na frente e o aluno atrás, segurando com a mão esquerda no cotovelo do professor, que diz: “Vamô na fé, hein Joaquim! Agora vem o primeiro degrau ... vêm tranquilo”.

[Voltar para o sumário](#)

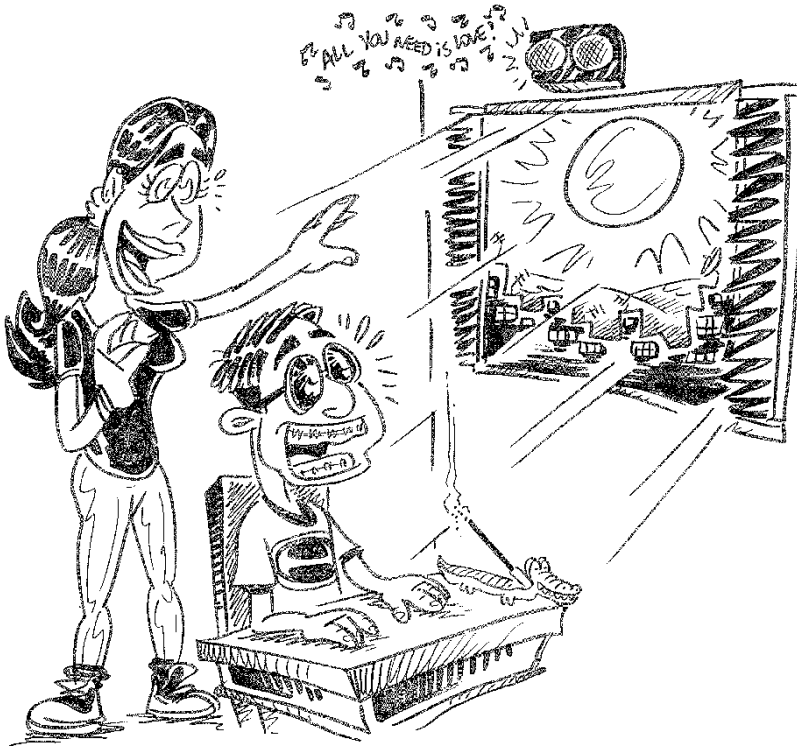
3.2.6 Quais estratégias para formação do mapa mental?

1. Explorar o ambiente quantas vezes for necessário.



Uma jovem utiliza óculos escuros e está diante de uma parede e utiliza o dorso e a palma das mãos e os dedos para explorá-la. Na parede há partes lisas, ásperas e outras onde o tijolo está aparecendo.

2. Propiciar experimentação física e formação de conceitos básicos espaciais e pontos de referência dos implementos e locais a serem utilizados, por exemplo: o vento entrando por uma porta ou janela, uma fonte sonora localizada em ponto constante, um odor característico, a posição do sol, a textura de solos e paredes, espessura, altura, sensações térmicas.



O aluno utiliza óculos escuros e está em sua carteira escolar, sentado ao de uma janela. Sobre a carteira tem um miniatura de jacaré. Em uma janela, ao lado da carteira, na parte superior acima dela, há uma caixa de som, tocando uma música. Atrás do aluno está a professora de Educação Física, contando ao aluno que é possível avistar pela janela: um sol radiante; montanhas; casas e carros.

3. Explorar os objetos com as mãos, os pés, o corpo, descobrindo sua textura e consistência.



O professor de Educação Física está segurando um tronco de árvore para que o aluno possa tateá-lo. No chão há um balde com água e uma pequena caixa com areia. O aluno está com boné, óculos escuros, descalço e pisando em um barro criado pelo professor.

4. Avaliar o ambiente e criar estratégias para dominá-lo.

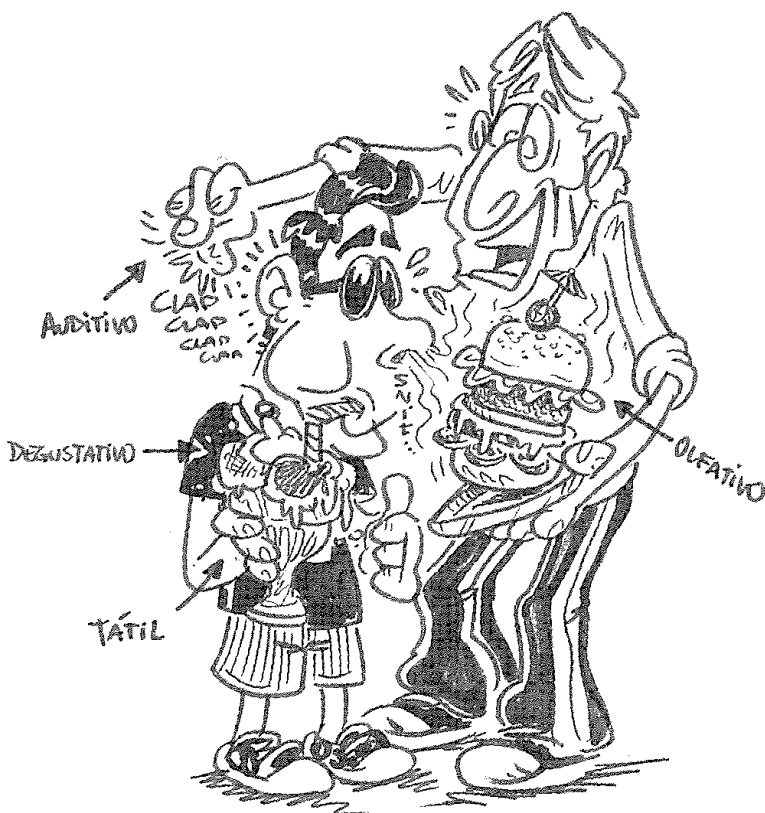


Há vários bastões amarrados em cordas e presos no teto, alguns no lado esquerdo e outros no lado direito. Na ponta de baixo de todos os bastões, há sinos e, na ponta de cima de todos os bastões há chocalhos. Uma aluna, que utiliza óculos escuros, caminha por entre os bastões, enquanto toca com as mãos em cada um deles.

[Voltar para o sumário](#)

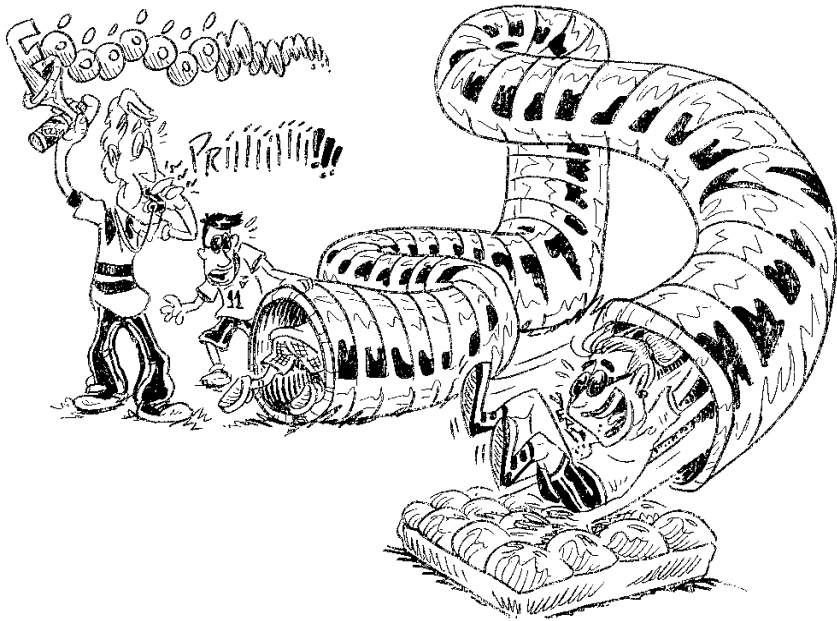
3.2.7 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da orientação e percepção espacial?

1. Proporcionar experiências sensório-motoras, integradas para exploração do meio físico. Utilizar o sentido tátil, cinestésico, visual, auditivo, olfativo e gustativo.



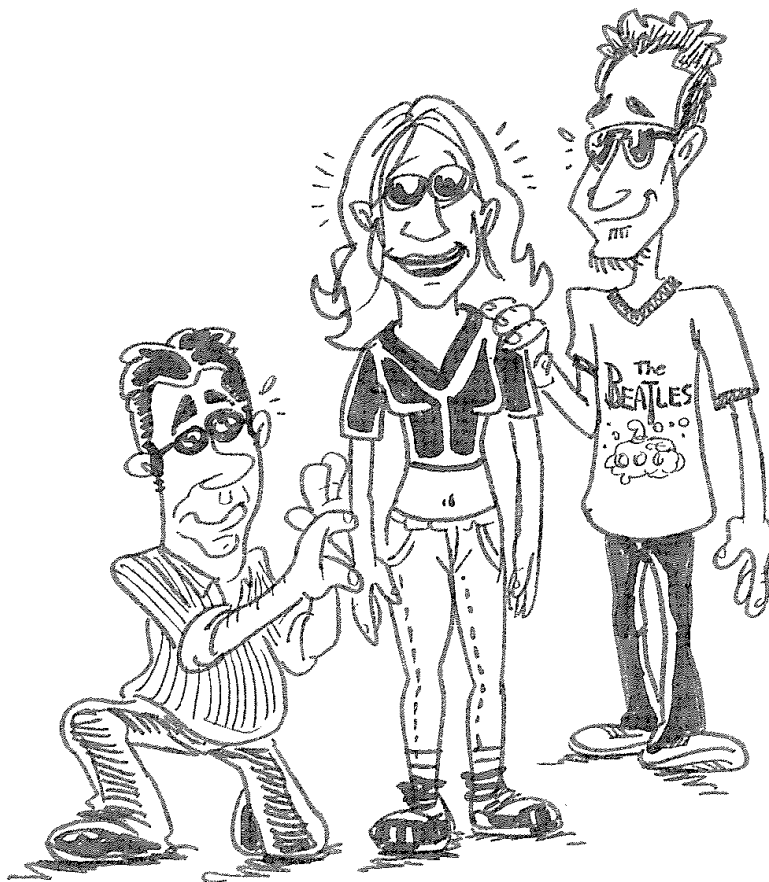
O professor de Educação Física está segurando um sanduíche com a mão esquerda e um aluno que utiliza óculos escuros explora por meio do olfato. Com a mão direita, o professor faz alguns sons próximo à orelha do aluno, proporcionando exploração auditiva. Enquanto isso, o aluno está segurando um copo, reforçando o tato, ao mesmo tempo em que utiliza um canudinho para tomar o sorvete que está no copo.

2. Vivenciar relações espaciais com o corpo: entrar e sair de caixas, pneus, tubos de cima para baixo, de baixo para cima, nomeando posições.



Um túnel feito de pano, formando um percurso com zig-zag, subidas e descidas. Os alunos iniciam o percurso em uma das pontas, ao comando do professor de Educação Física, que está na entrada do túnel, utilizando um apito e uma buzina. Na saída do túnel há um colchão, amortecendo a queda.

3. Orientar-se em relação aos colegas: colocar-se de frente ao colega na fila, às costas, ao lado. Colocar-se em pé, sentado, abaixado. O corpo deve tocar no do outro. Primeiro em par e depois entre dois colegas.



Três jovens, dois meninos e uma menina estão lado a lado. Os três utilizam óculos escuros. A garota está em pé e parada, entre os dois garotos. Um deles está em pé e toca com a mão direita no ombro da garota. O outro está ajoelhado e tocando no braço direito da garota.

4. Utilizar brinquedos para crianças (carrinho e raquete de tênis adaptados) como forma de pré-bengala, para localizar obstáculos.



Um menino utiliza óculos escuros e está segurando sua bengala com a mão direita, sendo que a bengala está encaixada em um carrinho de brinquedo, que está no chão. Conforme o menino caminha ele também empurra a bengala e o carrinho. Com a mão esquerda elevada lateralmente, o menino busca equilíbrio.

5. Utilizar verbalizações nas ações espaciais, nomeando cada uma delas.



O professor de Educação Física está narrando literalmente todas as ações que o aluno que utiliza óculos escuros deve fazer: “Flexão lateral! Dois passos para a frente! Vire ...”. O aluno está emburrado e sufocado com tantas informações, por isso está caminhando com as duas mãos tampando os ouvidos.

6. Identificar, juntamente com os alunos, os pontos de referência que podem ajudá-los a se orientar sozinhos durante a atividade. Por exemplo: colchões fixados nas paredes do fundo do ginásio, em contraste com o revestimento das paredes laterais, bebedouros, janelas, escadarias, vestiários, portas de entrada e saída.



O professor de Educação Física está apoiando sua mão direita em um bebedouro vertical de alumínio, enquanto dois alunos, que utilizam óculos escuros, tomam água e lavam as mãos. O professor diz a eles: “Usem como ponto de referência!!!”.

7. Deixar os equipamentos sempre na mesma posição. Se for necessário mudar algo de lugar, avisar aos alunos com antecedência e orientá-los outra vez.



Dois alunos parados, conversando. Ambos utilizam óculos escuros. O professor de Educação Física está perto deles, segurando um colchão e diz: “Ei moçada, tô levando o colchão pro canto do salão, beleza?” e os alunos respondem: “Blz, psô”, “Frmz total”, e sinalizam positivo com o dedo polegar.

8. Relatar dimensões de um espaço ou alvo previamente apresentado utilizando várias estratégias cognitivas (Ex: mensurações, reproduções com desenho, emparelhamento de sons com distâncias).



Uma corda está presa no teto e, na ponta, há uma bola coberta por muitos chocalhos e sinos. O aluno utiliza óculos escuros e está com um bastão de beisebol nas mãos, ouvindo os sons e deve localizar o objeto e acertar com o bastão.

[Voltar para o sumário](#)

3.2.8 Quais experiências devem ser proporcionadas para o desenvolvimento da memória motora?

1. Treinar distância e direção (não contar passos).



O professor de Educação Física está ao lado de um miniposte que têm uma bandeirinha afixada em cima. A aluna que utiliza óculos escuros está distante deles, e, com as orientações fornecidas pelo professor, ela deve chegar até o objeto e pegar a bandeirinha. Com o objetivo de guiar a aluna, o professor diz: “Um pouco mais pra direita ... tá morno, Carol ... tá morno ... dá mais uns passos pra frente ... tá quente ...”.

2. Subir em caixas, cadeiras, mesa, banco, escadas, descobrindo as diferenças de altura, largura, profundidade etc.



Caixas espalhadas pelo chão, sendo que há algumas sozinhas e outras empilhadas. O aluno que utiliza óculos escuros está com o pé esquerdo em uma caixa e com o pé direito sobre outra caixa, que se encontra em uma altura mais elevada que a primeira. A professora de Educação Física está no chão, tendo o pé direito apoiado na mesma caixa que o aluno está e segura na mão dele.

[Voltar para o sumário](#)

3.2.9 Comentário

É evidente a preocupação dos autores em garantir a segurança como requisito principal para o relacionamento com o meio, com as pessoas e os implementos. É consenso que há cuidados que são preliminares, por exemplo: o ambiente deve ser organizado de forma a evitar acidentes. Vinculados à insegurança e à ansiedade, a pessoa com deficiência visual, em virtude da dificuldade de adaptação sensorio motora, durante a aprendizagem de movimentos, demonstra incapacidades diversas e inesperadas (FONSECA, 1993).

Mauerberg-deCastro *et al.* (2000) adaptaram os princípios de Atividade Física Adaptada, postulados por Sherril (1998), dos quais as indicações para segurança estão em primeiro lugar, como estratégias para a navegação, as manobras de segurança nos ambientes e nas posições e direções de deslocamento para execução de tarefas motoras. No quesito segurança, Melo (2004) reconheceu a necessidade de motivar a descoberta orientada das potencialidades motoras.

Os autores pesquisados ressaltaram que conhecer e nomear os espaços a serem vivenciados é fundamental para o bom desempenho das atividades. Caiado (2002) alertou sobre a importância do uso da fala para informar o aluno com cegueira sobre seu entorno, estimular que peça ajuda e faça perguntas. Sobre essa concepção, Caiado (2002, p.230) entendeu que:

Os sentidos sensoriais têm um substrato orgânico que é próprio da espécie, porém os sentidos sensoriais do homem são sociais, porque esse homem percebe aquilo que as condições históricas possibilitam nomear.

Lima (2006, p.95) enfatizou que “[...] o espaço de ação cotidiana, vivenciado e representado pelo aluno, é o espaço a partir do qual serão construídas noções espaciais, que ele perceberá e representará”. Essa representação é adquirida por meio de suporte simbólico, como mapas ou a construção de um mapa interno, baseado em experiências pessoais. Nessa perspectiva, Caiado (2002, p.230) analisou que:

A concepção de um homem que não pode entrar em contato direto, natural e biológico, com o mundo objetivo e, sim, necessita de sistemas simbólicos para a representação do real ainda é uma concepção embrionária na área.

Lima (2006), por meio de entrevistas realizadas com pessoas com deficiência visual, concluiu que é premente a existência de uma exploração inicial do espaço e o seu registro, pela memória corporal, de modo a possibilitar referências espaciais, requisitos necessários para que o aluno possa perceber o espaço imediato e, depois, o mais distante. A memória corporal ou memória motora, como é mais conhecida na literatura, é entendida como uma espécie de sentido de direção e distância. A pessoa com cegueira percebe que seu objetivo, em termos de alcançar o espaço, encontra-se a uma determinada distância em função do tempo e do movimento, sem contar passos.

Mauerberg-deCastro *et al.* (2004, p.13) observaram que pessoas com deficiência visual podem evoluir após um treinamento com a navegação independente. A longo prazo, a privação visual não parece afetar a habilidade destas pessoas para quantificar os espaços em suas distâncias, sendo a noção de direção mais suscetível à deterioração na ausência da visão. A pessoa restrita de visão poderá superar essas limitações na medida em que a prática pedagógica atuar sobre os sentidos remanescentes, adaptando a pessoa com cegueira às exigências do mundo real (CAIADO, 2002).

Orientar-se e mover-se adequadamente no espaço são necessidades básicas para que as pessoas com cegueira ou com baixa visão possam explorar e reconhecer espaços, objetos e pessoas.

É a partir da habilidade de coordenar a ação com direção e distâncias relativas que as noções conceituais de origem, estado e destino se constroem (MAUERBERG-DECASTRO, 2004, p.1).

Mover-se livremente no espaço, localizar lugares e planejar trajetórias devem ser estimulados na intenção de possibilitar autonomia progressiva nos deslocamentos e, conseqüentemente, independência em locomoção (LIMA, 2002, 2006; MACIEL, 1988; MELO, 1991). À medida que estas pessoas se relacionam com o meio, colhem informações espaciais e temporais como cheiros, ruídos, alterações de níveis do solo; elas podem se assegurar de sua orientação, o que a literatura conceitua como aquisição do mapa mental.

No processo de aquisição do mapa mental, de um determinado ambiente, Mauerberg-deCastro *et al.* (2004, p.2) evidenciaram que:

O fato de uma pessoa ser capaz de desenhar a localização de sua casa em uma área geográfica específica indica a existência de um processo consciente e intencional que representa a estrutura geográfica do meio ambiente no cérebro.

A deficiência visual, seja ela congênita ou adquirida, traz um comprometimento no controle visual, sobre o espaço, durante ações vinculadas à mobilidade. Para Mauerberg-deCastro *et al.* (2004, p.4) “[...] a falta de visão tem um impacto grave na navegação em ambientes complexos e com rotas irregulares”. No entanto, as autoras destacaram que “[...] na rotina diária, o indivíduo com deficiência visual desenvolve estratégias compensatórias no sistema de orientação que permitem uma navegação funcional”.

Todavia, no que se refere à mobilidade, quando se ensina uma pessoa com deficiência visual a mover-se por espaços desconhecidos, segundo Mosquera (2000), o requisito mais importante é sua experiência anterior, no sentido de desenvoltura física e motora. Melo (2004) considerou que o repertório motor e a organização corporal deveriam ser ampliados com base nas experiências vividas. Isso indica a importância de o professor estimular o uso das técnicas de orientação e mobilidade como fator de segurança, orientação espacial, desenvolvimento do mapa mental e independência em conquistar espaços próximos e distantes.

O desafio metodológico do professor é ensinar o aluno a agir e resolver seus próprios problemas. É necessário levar os alunos com deficiência visual a deslocarem-se sem qualquer tipo de ajuda, o que os remete a busca da formação e execução de planos. A locomoção independente exige tomada de decisões, as quais, para Melo (2004), requerem um bom afinamento corporal para que a pessoa com deficiência visual demonstre habilidade.

A somatória das capacidades de localização, orientação e organização espacial podem tornar o aluno mais integrado em seu meio e com movimentos mais naturais, sendo estas compreendidas como:

a) Localização espacial - é a função mediante a qual o sujeito situa os objetos em relação a si mesmo e uns em relação aos outros.

b) A Organização espacial, que primeiro está centrada em si (subjetiva), em seguida, descentraliza-se de si (objetiva).

c) Orientação espacial - é um sistema de referência a partir do próprio indivíduo, sem ter como ponto de referência nenhum objeto externo.

A orientação espacial precisa do reconhecimento do contorno e das ações espaço-tempo. E a organização ou estruturação espacial são as diversas formas de relação externa com outros indivíduos ou objetos. A estrutura espacial depende de experiências físicas e do espaço lógico-matemático das ações executadas com esses objetos.

Neste contexto, proposto, os atrasos no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual podem estar relacionados a diferentes situações de aprendizagem que dependem da visão e que ocorrem de forma incidental no vidente. Todavia, essas experiências devem ser providas à pessoa com deficiência visual mediante interações com pessoas e objetos significativos.

Se o professor negligenciar este complexo senso perceptivo motor, predisporá seus alunos a enfrentarem riscos, a sentirem-se inseguros, por motivo de choques e quedas que acarretam ferimentos e, fatalmente, a desistirem dos desafios do movimento e do gesto espontâneo que a atividade física irá proporcionar-lhes.

3.3 Apresentação, execução e *feedback* da tarefa.

Objetivo Geral - Possibilitar ao professor requisito para entender como apresentar uma tarefa para seu aluno com deficiência visual, a fim de saber descrever a forma em que o aluno deverá proceder durante o desempenho de uma tarefa de maneira que alcance a compreensão na forma de executar e corrigir suas ações.

3.3.1 Quais estratégias usar para a comunicação?

1. Usar o modo de comunicação preferido pelos alunos.
2. Identificar se o aluno compreendeu a instrução, caso contrário explicar de forma diferente.
3. Verbalizar, em todas as instruções, com voz de comando clara e tranquila para facilitar a percepção do comando solicitado.

4. Intervir na fase de aprendizagem - explicar e comentar, detalhadamente, os exercícios solicitados (auditiva verbal). Se necessário, tocar o aluno e deixar que ele toque o professor durante a execução do exercício (tátil direta). Promover uma interpretação correta para que se incorpore cada tipo de instrução.

5. Evitar ambientes com excesso de ruídos para não interferir na comunicação. Na impossibilidade (como submersão na água) utilizar gestos e sinais táteis previamente combinados.

3.3.2 Quais as formas para apresentação e execução de uma tarefa?

1. Investir na demonstração e explicação do movimento conjuntamente.

2. Demonstrar a tarefa dentro do campo visual do aluno.

3. Escolher um aluno com tamanho e capacidade semelhante a do aluno em questão e pedir para servir como modelo na apresentação da tarefa.

4. Instruir o aluno, na fase de performance, somente com estímulos auditivos verbais para execução dos movimentos, seja esportivo ou de ritmo musical.

5. Estimular a troca de informações, entre os próprios alunos acerca da atividade a ser realizada.

6. Instruir os alunos com baixa visão que estejam próximos quando da demonstração de tarefas.

[Voltar para o sumário](#)

3.3.3 Quais procedimentos usar para ensinar a execução de uma Tarefa?

1. Adotar (quando possível) o método de ensino todo-parte-todo. Demonstrar primeiro a habilidade como um todo e depois partes dela e então ensinar a tarefa toda novamente.

2. Observar que a quantidade de informações oferecidas ao aluno deve estar ligada à sua capacidade de realizar um movimento.

3. Utilizar, durante um jogo, uma campainha, a palma da mão, um rádio portátil, entre outras coisas, para direcionar o campo visual (cada time pode usar um som diferente).

4. Implementar modificações na instrução, conforme a continuidade do aprendizado. Visar o incentivo na exploração do movimento. Exemplos: você pode caminhar entre os obstáculos? Mostre-me outra maneira? Quais maneiras diferentes você tem para ir? Veja se você pode chegar até? Ou mostre-me o quanto você pode se mexer?

5. Distinguir os modelos oferecidos para as representações dos modelos concretos - exploração e percepção sensorial e para os adultos maquetes e plantas baixas em relevo para apresentar quadras esportivas e instalações de Educação Física.

6. Dar preferência para iniciantes, atividades em círculos, fileiras e colunas, até considerar que a relação corpo-espço esteja com domínio razoável.

7. Iniciar a disposição da turma em formação de roda, de mãos dadas ou com a utilização de corda circular, principalmente para alunos e professores iniciantes.

8. Descrever uma corrida a partir das experiências motoras individuais. Informar a direção da corrida, as condições do meio e as características do movimento.

9. Ensinar aos alunos as possibilidades sensoriais de interação durante um jogo, como: usar a informação auditiva verbal, para conversar com seu parceiro; a auditiva sinalética, para acompanhar a bola (que possui

guizo) e a tátil indireta para se localizar em quadra, já que esta possui marcações em relevo.

10. Propor, periodicamente, para crianças com cegueira, o modelo de movimentos coativos, inicialmente ambos sentados, com a criança encaixada no colo e evoluir para posições que enfatizem contrastes tônico-musculares, e movimentos vigorosos com o tronco sobre o tronco do aluno e durante a locomoção de um percurso.

11. Explorar a percepção de cores (suaves e fortes), o tipo de clima e os comportamentos (meiguice, singeleza) podem ser relacionados ao tipo de música e ao andamento (rápido, acelerado e vibrante) oferecido para cada situação.

12. Antecipar verbalmente suas ações para não surpreender ou assustar o aluno. Caso seja necessário, tocá-lo durante a explicação de um movimento ou qualquer outra circunstância; é importante avisá-lo para que esteja preparado.

13. Adaptar as regras da atividade para poder possibilitar a participação. Com pequenas modificações garantir a essência da modalidade esportiva.

14. Adaptar a técnica da habilidade para poder permitir a execução.

15. Categorizar as regras relacionadas com o jogo e as regras relacionadas com os jogadores.

16. Proporcionar, quando possível, que o aluno pratique a habilidade sobre as condições que realmente serão usadas, reduzindo a necessidade de ajustamentos posteriores.

17. Aplicar, em algumas situações, o método de ensino não diretivo - sem apresentação de modelos, imposição e demonstração. Isso intensifica oportunidades de vivências corporais, modificações nas expressões corporais, tornando-se mais disponíveis para vivências exploratórias e criativas.

18. Ensinar as habilidades, tarefas e jogos a partir de uma didática apropriada que favoreça a independência, de modo que, quando houver uma limitação óbvia à demonstração, além da voz de comando, o

professor poderá utilizar a ajuda física (percepção tátil - levá-la a perceber o movimento realizado pelo professor por meio do toque) e, se ainda a tarefa não for compreendida, recorrer à percepção cinestésica, tocando o aluno e deixando que ele o toque.

19. Observar manobras de segurança durante a execução de deslocamentos. Verificar a posição, o ambiente e a direção do deslocamento.

20. Administrar atividades que exijam a busca e a localização de locais, equipamentos, materiais ou pessoas, por meio da informação sonora com diversos níveis de intensidade para permitir a detecção e seleção do conteúdo relevante para navegação. As atividades devem ser solicitadas em ritmos lentos, rápidos, bruscos ou variáveis.

21. Discutir com o aluno ou em grupo as situações de medo, tristeza, agressividade, desatenção e falta de motivação.

22. Estimular, nas atividades manipulativas, que o aluno com cegueira utilize ambas as mãos, a fim de favorecer sua ação conjunta e a capacidade de recolhimento de informações.

3.3.4 Quais possibilidades de oferecer *feedback*?

1. Preparar os materiais com respostas auditivas (guizos presos aos alvos e bolas) para que possam ouvir ao interagir com eles.

2. Recompensar e reconhecer as conquistas para que melhorem sua autoestima e motivação, criar um sistema de recompensa que reconheça as conquistas, como quadro de avisos, jornais de alunos, anúncios, gestos e reconhecimento verbal.

3. Proporcionar *feedback* com descrições precisas e sem ambiguidade. Exemplo: segurar a raquete de 7 a 10 cm acima de seu ombro esquerdo.

4. Registrar as habilidades que requeiram assistência física e informar para o aluno as partes do corpo que seriam tocadas ou manuseadas.

5. Oferecer *feedback* tátil sem tirar o tempo do resto da aula.

[Voltar para o sumário](#)

2. Identificar se o aluno compreendeu a instrução, caso contrário explicar de forma diferente.



O professor de Educação Física está narrando literalmente todas as ações que o aluno que utiliza óculos escuros deve fazer: “Flexão lateral! Dois passos para a frente! Vire ...”. O aluno está emburrado e sufocado com tantas informações, por isso está caminhando com as duas mãos tampando os ouvidos.

3. Verbalizar, em todas as instruções, com voz de comando clara e tranquila para facilitar a percepção do comando solicitado.



A professora de Educação Física está ensinando para uma aluna que utiliza óculos escuros o movimento do arremesso no basquetebol. Utilizando uma bola com guizo, a professora executa o movimento do arremesso e simultaneamente verbaliza cada uma das ações: “Daí você dá um pulo e arremessa pra cesta!!!”. Enquanto a professora faz as explicações, a aluna presta atenção aos comandos e segura uma bola de basquetebol embaixo do braço esquerdo.

4. Intervir na fase de aprendizagem - explicar e comentar detalhadamente os exercícios solicitados (auditiva verbal). Se necessário, tocar no aluno e deixar que ele toque no professor durante a execução do exercício (tátil direta). Promover uma interpretação correta para que se incorpore cada tipo de instrução.



O aluno que utiliza óculos escuros e o professor de Educação Física estão frente a frente, com os rostos voltados um para o outro. Tanto o aluno como o professor estão com as mãos apoiadas sobre o ombro do outro, sendo que as mãos diretas, de ambos, tocam nos ombros do lado esquerdo, e as mãos esquerdas tocam nos ombros do lado direito do outro.

3.3.6 Quais as formas para apresentação e execução de uma tarefa?

1. Investir na demonstração e explicação do movimento conjuntamente.



A professora de Educação Física está ensinando para a aluna, que utiliza óculos escuros, o movimento do arremesso no basquetebol. Utilizando uma bola com guizo, a professora executa o movimento do arremesso e, simultaneamente, verbaliza cada uma das ações: “Daí você dá um pulo e arremessa pra cesta!!!”. Enquanto a professora faz as explicações, a aluna presta atenção aos comandos e segura uma bola de basquetebol embaixo do braço esquerdo.

2. Demonstrar a tarefa dentro do campo visual do aluno.



O professor de Educação Física está segurando um alvo circular, bem a frente do aluno cego. O aluno, por sua vez, utiliza óculos escuros e segura uma dardo, justamente para acertar no alvo. Porém, mesmo com o alvo à frente, o aluno não o identifica. O professor olha atentamente para o aluno e identifica que o alvo não está no seu campo visual.

3. Escolher um aluno com tamanho e capacidade semelhante à do aluno em questão e pedir para servir como modelo na apresentação da tarefa.



O professor de Educação Física está sentado em um banquinho, e, ao seu lado, há três alunos sentados em um semicírculo, sendo que todos eles utilizam óculos escuros. Há, entre eles, um aluno em pé, superanimado e dançando. Enquanto este aluno apresenta seus passos engraçados, os demais riem sem parar

4. Instruir o aluno, na fase de performance, somente com estímulos auditivos verbais para execução dos movimentos, seja esportivo ou de ritmo musical.



O aluno, que utiliza óculos escuros, está em sua carteira escolar, dentro da sala de aula. Em cima da carteira há um livro em Braille, o qual o aluno está fazendo a leitura. Na parede, ao lado do aluno, há um estante de madeira, com um passarinho de enfeite, que emite sons. Na parede atrás do aluno há, na parte superior, uma caixa de som tocando uma música, e, no chão, ao lado esquerdo do aluno, há um vaso com uma planta.

5. Estimular a troca de informações, entre os próprios alunos acerca da atividade a ser realizada.



Dois alunos estão parados um na frente do outro, conversando sobre um jogo de futebol. Ambos utilizam óculos escuros. Enquanto conversam, eles também fazem gestos com as mãos e dedos. Um deles diz: “Dai Lê, você dribla um e toca prá mim! Ae tu corre na frente que eu passo e ...”. O outro ouve e, em seguida, responde: “Ripa na chulipa, Duda!!!”.

6. Instruir aos alunos com baixa visão que estejam próximos quando da demonstração de tarefas.



Dois alunos vestidos com camisetas e calções de basquetebol estão conversando com a professora de Educação Física. A professora está batendo/quicando a bola de basquetebol no chão com a mão esquerda, e, com a mão direita, ela acena para outro aluno que estava atrás dela, e diz: “Ei, Tony, junte-se a nós! Só tava faltando você!!!”. Os dois meninos também fazem gestos com a mão, chamando o colega para perto deles. Os três alunos utilizam óculos escuros.

[Voltar para o sumário](#)

3.3.7 Quais procedimentos usar para ensinar a execução de uma Tarefa?

1. Adotar (quando possível) o método de ensino todo-parte-todo. Demonstrar primeiro a habilidade como um todo e depois partes dela e, então, ensinar a tarefa toda novamente.



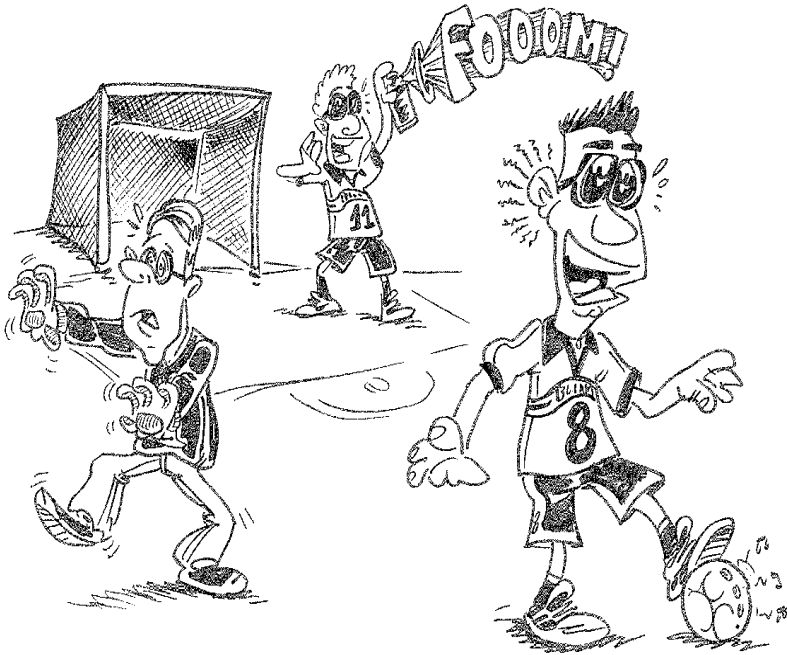
Em uma quadra esportiva, a rede de voleibol está posta, e, no chão, há várias bolas com guizo espalhadas. Neste espaço está o professor de Educação Física e dois alunos que utilizam óculos escuros, um menino e uma menina. O professor está dando o comando: “Sintam o ginásio!!!”. O aluno está em pé, tateando a rede de voleibol e, a aluna, está agachada, pegando uma das bolas com guizo.

2. Observar que a quantidade de informações oferecidas ao aluno deve estar ligada à sua capacidade de realizar um movimento.



O professor de Educação Física está narrando, literalmente, todas as ações que o aluno, que utiliza óculos escuros, deve fazer: “Flexão lateral! Dois passos para a frente! Vire ...”. O aluno está emburrado e sufocado com tantas informações, por isso está caminhando com as duas mãos tampando os ouvidos.

3 Utilizar, durante um jogo, uma campainha, a palma da mão, um rádio portátil, entre outras coisas, para direcionar o campo visual (cada time pode usar um som diferente).



Em uma quadra está acontecendo um jogo de futsal. Há três jogadores. Dentro da área de gol há um jogador acionando uma buzina; distante dele, mais próximo da linha central, há o goleiro, que utiliza óculos de grau, um pouco perdido e tentando encontrar algo ou alguém a sua frente, por isso está com os braços em elevação frontal e, o terceiro jogador está próximo ao goleiro, porém, de costas para o gol e de posse da bola. Ele utiliza óculos escuros. O som da buzina tem o objetivo de orientar os jogadores em direção ao gol.

4. Implementar modificações na instrução, conforme a continuidade do aprendizado. Visar o incentivo na exploração do movimento. Exemplos: você pode caminhar entre os obstáculos? Mostre-me outra maneira? Quais maneiras diferentes você tem para ir? Veja se você pode chegar até? Ou mostre-me o quanto você pode se mexer?



O professor de Educação Física e um aluno que utiliza óculos escuros estão caminhando, lado a lado, em um ambiente natural, com montanhas e pôr do sol. O professor está apoiando a mão direita nas costas do aluno e diz: “Você pode ir através? Quais as maneiras diferentes você tem para ir? Veja se você pode chegar até, ou mostre-me o quanto você pode se mexer”. O aluno está em dúvida e com o dedo indicador na boca.

5. Distinguir os modelos oferecidos para as representações dos modelos concretos - exploração e percepção sensorial e para os adultos maquetes e plantas baixas em relevo para apresentar quadras esportivas e instalações de Educação Física.



Em cima de uma mesa há uma maquete representando uma quadra poliesportiva, com os elementos devidamente montados e posicionados. O professor de Educação Física, animado e sorridente, observa o aluno, que utiliza óculos escuros, tatear a maquete e perceber: os dois gols do futsal; a rede e os postes do voleibol e, também, os dois suportes que seguram as tabelas e as cestas do basquetebol. Além disso, há todas as linhas demarcatórias devidamente pintadas.

6. Dar preferência para iniciantes, atividades em círculos, fileiras e colunas, até considerar que a relação corpo-espço esteja com domínio razoável.



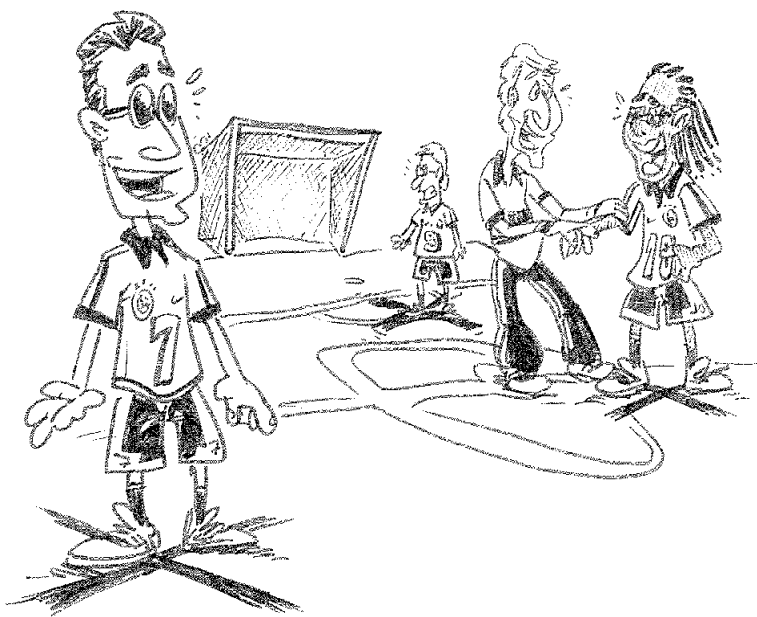
Três alunos, um atrás do outro, em fila. Todos utilizam óculos escuros. O primeiro deles está de mãos dadas com a professora de Educação Física, os demais estão todos com a mão direita apoiada no ombro do colega da frente. A professora conversa com o primeiro aluno e diz: “Oi Fred, tudo bem? Você que tá estreando, tem preferência ...”

7. Iniciar a disposição da turma em formação de roda, de mãos dadas ou com a utilização de corda circular, principalmente para alunos e professores iniciantes.



Cinco jovens, sendo quatro meninos e uma menina, estão em pé, lado a lado, formando um círculo. Um deles utiliza óculos de grau e os outros quatro utilizam óculos escuros. Cada jovem está dando a mão direita ao colega que está no seu lado direito e, a mão esquerda ao colega que está ao seu lado esquerdo. Assim, estão todos de mãos dadas.

8. Descrever uma corrida a partir das experiências motoras individuais. Informar a direção da corrida, as condições do meio e as características do movimento.



Em quadra, há três alunos e o professor de Educação Física. Todos os alunos utilizam óculos escuros. No chão da quadra, estão desenhados três “x”, um distante do outro. Cada aluno está localizado em cima de um dos “x” e o professor está conversando com cada um deles individualmente.

9. Ensinar aos alunos as possibilidades sensoriais de interação durante um jogo, como: usar a informação auditiva verbal, para conversar com seu parceiro; a auditiva sinalética, para acompanhar a bola (que possui guizo) e a tátil indireta para se localizar em quadra, já que esta possui marcações em relevo.



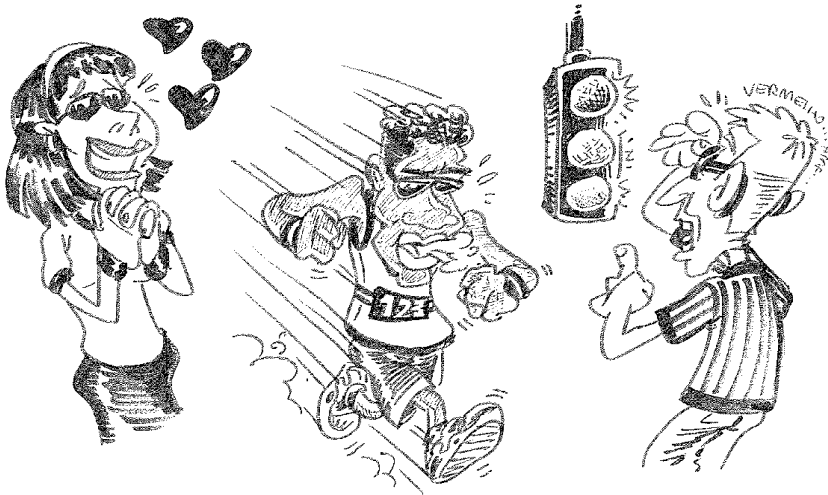
Dois alunos, em quadra, vivenciando uma situação de basquetebol. Ambos utilizam óculos escuros. No chão há vários “x” em alto-relevo, espalhados. Um dos alunos está de costas para a cesta de basquetebol e bastante confuso e perdido, isso porque, do seu lado direito, há o som de um despertador e, do seu lado esquerdo, o som de uma buzina. Além disso, o colega, que está próximo à cesta, e atrás deste aluno, lança a bola de basquetebol com guizo e, quando a bola está próxima da cabeça do colega, ele grita: “Hei Mike! Olha a bola aê, ó !!!!”.

10. Propor, periodicamente, para crianças com cegueira, o modelo de movimentos coativos, inicialmente ambos sentados, com a criança encaixada no colo e evoluir para posições que enfatizem contrastes tônico-musculares, e movimentos vigorosos com o tronco sobre o tronco do aluno e durante a locomoção de um percurso.



O professor de Educação Física está sentado em uma cadeira. O aluno que utiliza óculos escuros está sentado na perna esquerda do professor, de frente para ele, sendo que professor e aluno estão cara a cara. O aluno coloca seu pé esquerdo em cima do pé direito do professor. Ambos estão de mãos dadas e o professor faz movimentos de elevação do joelho que o aluno está sentado.

11. Explorar a percepção de cores (suaves e fortes), o tipo de clima e os comportamentos (meiguice, singeleza) podem ser relacionados ao tipo de música e ao andamento (rápido, acelerado e vibrante) oferecido para cada situação.



A figura está dividida em três situações. Na primeira, uma menina que utiliza óculos escuros com um enorme sorriso, mãos unidas na altura do quadril e ar de apaixonada.

Na segunda, há um atleta, que utiliza óculos escuros, em uma prova de atletismo, esforçando-se ao máximo, todo suado,

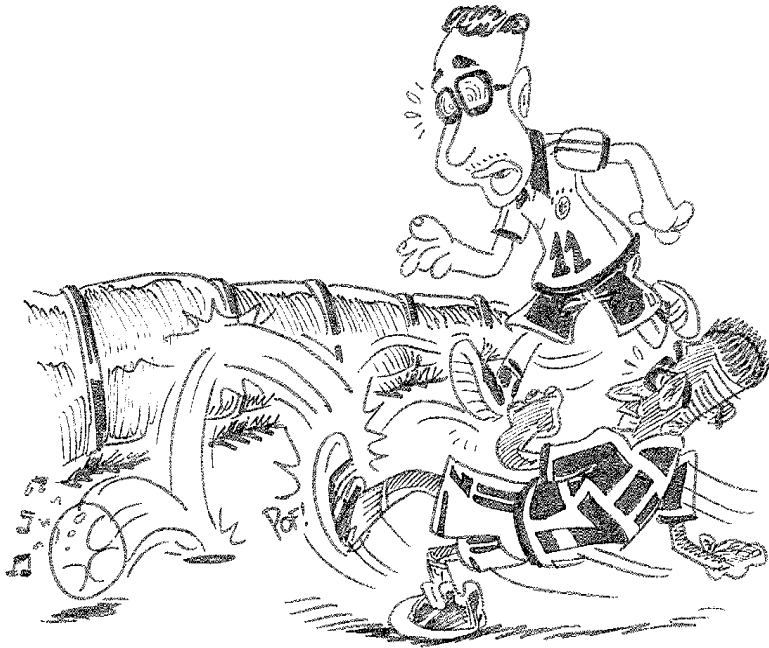
E, na terceira situação, há um jovem que utiliza óculos de grau olhando para um semáforo e identificando as cores que aparecem.

12. Antecipar verbalmente suas ações para não surpreender ou assustar o aluno. Caso seja necessário, tocá-lo durante a explicação de um movimento ou qualquer outra circunstância; é importante avisá-lo para que esteja preparado.



O professor de Educação Física está explicando, para uma aluna que utiliza óculos escuros, verbalmente e por meio de gestos, o movimento do arremesso do basquetebol. Ele explica que no momento do arremesso ela deve flexionar o punho. A aluna está com o dedo indicador na boca, confusa e sem entender muito bem o exemplo dado pelo professor.

13. Adaptar as regras da atividade para poder possibilitar a participação. Com pequenas modificações garantir a essência da modalidade esportiva.



Dois alunos jogam futsal. Um dos alunos utiliza óculos de grau e o outro óculos escuros. As laterais da quadra foram fechadas e reforçadas com uma barreira protetora, de modo que quando a bola bater nela, retorne ao jogo. Os dois alunos estão em uma disputa de bola, próximos da lateral fechada da quadra. Um dos alunos está correndo atrás da bola com guizo e o outro se joga na direção da bola, estando deitado na quadra.

14. Adaptar a técnica da habilidade para poder permitir a execução.



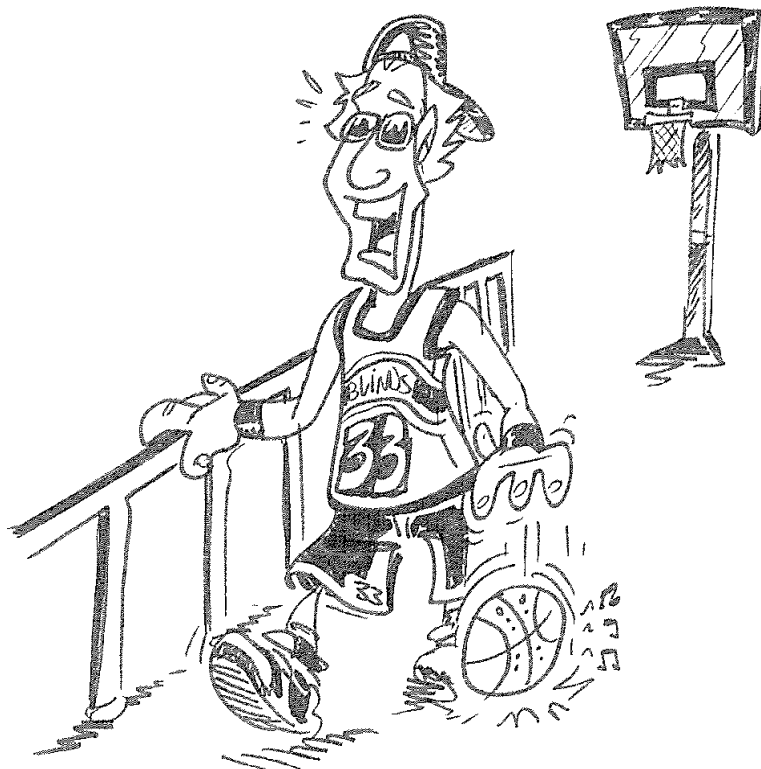
Uma atividade em que o aluno, que utiliza óculos escuros, deve saltar de um colchão para o outro, havendo um espaço vazio entre um colchão e o seguinte. O aluno está usando um colete, que está amarrado em uma corda presa no teto. Assim, o aluno fica suspenso no ar, e quando ele faz o salto de um colchão para o outro, ele fica pendurado na corda.

15. Categorizar as regras relacionadas com o jogo e as regras relacionadas com os jogadores.



Dois rapazes que utilizam óculos escuros estão devidamente vestidos para um jogo de futebol. Um deles está segurando e lendo uma enorme lista com as regras do jogo, escritas em Braille, e, o outro rapaz está ao seu lado, mas não entende algumas das regras.

16. Proporcionar, quando possível, que o aluno pratique a habilidade sobre as condições que realmente serão usadas, reduzindo a necessidade de ajustamentos posteriores.



Para aprender a quicar/bater bola, uma habilidade utilizada no basquetebol, o aluno, que utiliza óculos escuros, está se orientando por um corrimão que foi colocado na quadra. Com a mão direita, o aluno segura no corrimão, enquanto, com a mão esquerda, ele quica a bola de basquetebol com guizo. Sorridente, o aluno caminha e bate a bola ao longo de todo o corrimão.

17. Aplicar, em algumas situações, o método de ensino não diretivo - sem apresentação de modelos, imitação e demonstração. Isso intensifica oportunidades de vivências corporais, modificações nas expressões corporais, tornando-se mais disponíveis para vivências exploratórias e criativas.



Três rapazes, um ao lado do outro. Todos utilizam óculos escuros. O primeiro deles está dançando, com os joelhos flexionados, um pé a frente do outro, a mão direita indicando para a frente e, a mão esquerda atrás das costas.

O segundo rapaz está saltando e fazendo o soco e o chute do karatê.

E, o terceiro rapaz está de joelhos no chão, gritando e fazendo gestos com a mão, como se estivesse tocando uma guitarra.

18. Ensinar as habilidades, tarefas e jogos a partir de uma didática apropriada que favoreça a independência, de modo que, quando houver uma limitação óbvia à demonstração, além da voz de comando, o professor poderá utilizar a ajuda física (percepção tátil – levá-la a perceber o movimento realizado pelo professor por meio do toque) e, se ainda a tarefa não for compreendida, recorrer à percepção cinestésica, tocando o aluno e deixando que ele o toque.



O professor de Educação Física está explicando, verbalmente e por meio de gestos, para uma aluna, que utiliza óculos escuros, o movimento do arremesso do basquetebol. Ele explica que, no momento do arremesso, ela deve flexionar o punho. A aluna está com o dedo indicador na boca, confusa e sem entender muito bem o exemplo dado pelo professor.

19. Observar manobras de segurança durante a execução de deslocamentos. Verificar a posição, o ambiente e a direção do deslocamento.



O professor de Educação Física está parado e distante de um aluno que utiliza óculos escuros, mas, está de frente para ele. O aluno está caminhando em direção ao professor, até chegar ao seu lado. Para orientar o aluno, o professor grita: “Ei, João! Por aqui!!!”.

20. Administrar atividades que exijam a busca e a localização de locais, equipamentos, materiais ou pessoas, por meio da informação sonora com diversos níveis de intensidade para permitir a detecção e seleção do conteúdo relevante para navegação. As atividades devem ser solicitadas em ritmos lentos, rápidos, bruscos ou variáveis.



Dois alunos, em quadra, vivenciando uma situação de basquetebol. Ambos utilizam óculos escuros. No chão, há vários “x” em alto-relevo, espalhados. Um dos alunos está de costas para a cesta de basquetebol e bastante confuso e perdido, isso porque, do seu lado direito, há o som de um despertador e, do seu lado esquerdo, o som de uma buzina. Além disso, o colega que está próximo à cesta e, atrás deste aluno, lança a bola de basquetebol com guizo e, quando a bola está próxima da cabeça do colega, ele grita: “Hei Mike! Olha a bola aê, ó !!!!”.

21. Discutir com o aluno ou em grupo as situações de medo, tristeza, agressividade, desatenção e falta de motivação.



A professora de Educação Física está explicando ao aluno, que utiliza óculos escuros, que, dependendo da ocasião, as pessoas podem estar tristes, chorando; em outros momentos, elas podem estar com medo, tremendo, e existem momentos em que as pessoas podem estar nervosas, muito bravas, xingando.

22. Estimular, nas atividades manipulativas, que o aluno com cegueira utilize ambas as mãos, a fim de favorecer sua ação conjunta e a capacidade de recolhimento de informações.



Um moço, que utiliza óculos escuros, está tateando, com as duas mãos, um pneu de caminhão. Conforme tateia o pneu, demonstra, em seu rosto, expressão de surpresa.

[Voltar para o sumário](#)

3.3.8 Quais possibilidades de oferecer *feedback*?

1. Preparar os materiais com respostas auditivas (guizos presos aos alvos e bolas) para que possam ouvir ao interagir com eles.



Um menino, que utiliza óculos escuros, bastante empolgado, está brincando com três bolas com guizo. Com a mão direita, ele está quicando uma das bolas; a segunda bola está sendo girada com o dedo indicador da mão esquerda e, com o pé esquerdo, o aluno faz embaixadinhas com a terceira bola.

2. Recompensar e reconhecer as conquistas para que melhorem sua autoestima e motivação, criar um sistema de recompensa que reconheça as conquistas, como quadro de avisos, jornais de alunos, anúncios, gestos e reconhecimento verbal.



Um aluno está utilizando óculos escuros de natação, toca, e shorts. Está em cima de um podium e ocupa a posição do primeiro lugar. No pescoço do aluno há uma medalha, pendurada, ele está animado e comemorando com os braços elevados. No chão, ao seu lado, está o professor de natação, com um enorme sorriso dizendo: “Parabéns, campeão!!!”.

3. Proporcionar *feedback* com descrições precisas e sem ambiguidade.
Exemplo: segurar a raquete de 7 a 10 cm acima de seu ombro esquerdo.



O professor de Educação Física está entregando uma raquete de tênis para um aluno que utiliza óculos escuros, que a segura conforme as instruções do professor: “Ei, Carlos! Segure a 10 cm de seu ombro esquerdo”. O professor permanece segurando a raquete mesmo quando o aluno já a segurou.

4. Registrar as habilidades que requeiram assistência física e informar para o aluno as partes do corpo que seriam tocadas ou manuseadas.



No chão, há uma barra de musculação com quatro anilhas em cada extremidade. Um aluno, que utiliza óculos de grau, está com as duas mãos na barra, mantendo o tronco e os joelhos flexionados. Ao lado do aluno está o professor de musculação, explicando e demonstrando ao aluno que ele deve segurar na barra que está no chão e, em seguida, deve elevá-la, deixando os braços elevados, mantendo a barra em uma altura acima da cabeça.

5. Oferecer *feedback* tátil sem tirar o tempo do resto da aula.



Uma aluna, que utiliza óculos escuros, está tentando tatear o rosto do professor de Educação Física. A aluna está gostando da brincadeira, sorri bastante, enquanto o professor se esquivava, segurando as mãos da aluna, afastando-as do seu rosto.

[Voltar para o sumário](#)

3.3.9 Comentário

Observa-se, neste item, que os autores pesquisados apresentam cuidados e preocupações com o ensino e aprendizagem, voltados à utilização de estratégias de ensino sejam elas verbais, táteis ou cinestésicas, que alcancem, com eficiência e com prioridade na independência do aluno, a compreensão, execução e percepção do resultado de sua ação.

O estudo dos autores volta-se para a indicação de procedimentos que respeitem as capacidades e experiências motoras e sensoriais no trato para a solicitação de uma ação.

Os autores sugeriram, em suas publicações, diferentes formas e estratégias de comunicação com pessoas com deficiência visual, no entanto, é comum, entre eles, a ideia de que verbalizar é a primeira forma de comunicação, seguida pelo tato e pela cinestesia, o que compreende priorizar a independência (ALMEIDA; CONDE, 2002; AUXTER; PYFER, 2001; CRAFT; LIEBERMAN, 2004; MAUERBERG-deCASTRO, 2011).

O que se pode esperar das formas de comunicação é que sejam eficientes para substituir a demonstração, quando uma solicitação para uma ação foi realizada. Portanto, a comunicação verbal deve ser clara, ritmada e emitida de uma distância que seja compreendida com toda a sua intensidade e sem ser confundida com ruídos advindos do meio. Por sua vez, a comunicação tátil e cinestésica somente deverá ser preterida quando necessária ou no início de programas de intervenção, para possibilitar a total compreensão do movimento.

Em decorrência das interações em grupo, as pessoas com cegueira apresentam dificuldades em aspectos perceptivos, no que se refere ao reconhecimento de expressões vocais, quando se trata de compensar a ausência de habilidades como expressões faciais, posturas, gestos, entre outras.

Na concepção de Munster e Almeida (2006), apesar de alguns autores indicarem a informação cinestésica como método mais eficiente de ensino para pessoas com deficiência visual, deve-se considerar o uso com moderação para que as pessoas com deficiência visual não fiquem dependentes desse método de ensino. Segundo Craft e Lieberman (2004,

p.189), é preciso perguntar qual adaptação o aluno prefere, “[...] por exemplo, como você gosta de correr? Com um guia? Com uma corda guia? Sozinho em uma pista bem demarcada?”.

Para Gallahue e Ozmun (2003), as interações entre as necessidades da tarefa, as características biológicas e as condições ambientais são implicações importantes para o desenvolvimento motor. Isto posto, significa que a quantidade e o aproveitamento de informações auditivas e táteis pressupõem a experiência motora e global do aluno, ou seja, quanto maior a experiência, menor a requisição de informações, sejam elas táteis ou auditivas.

Ao apresentar uma tarefa e orientar uma execução que exija deslocamentos vigorosos, como corridas, Munster e Almeida (2006) relataram que o grupo por eles atendidos, preferia atividades em quadras externas, na proporção em que as internas proporcionavam confusão na localização do som. Em decorrência desse pressuposto, pode-se perceber que é necessário adaptar as regras para os jogos como também para os jogadores, ou para as diversidades requeridas pelas condições sensoriais dos jogadores.

Pelo exposto nessa categoria, pode-se considerar que o estilo de ensino escolhido é fator fundamental para motivação, aprendizagem, *feedback* e, finalmente, para o sucesso. Considerar as necessidades individuais por meio de um ensino individualizado é uma forma de garantir a aprendizagem.

No entanto, o ensino individualizado não é sempre possível, principalmente num ambiente inclusivo, em que se trabalha com uma diversidade de alunos e em número elevado. Todavia, é essencial ponderar que acertar o estilo de ensino, ou seja, a maneira como se apresenta o conteúdo, é trilhar para o sucesso da aprendizagem de todo o grupo.

Em detrimento da aprendizagem incidental, que diminui sua eficiência drasticamente na pessoa com comprometimento visual, Craft e Lieberman (2004) sugeriram que se ofereça diretamente uma quantidade maior de informações, explique o que está acontecendo em torno do meio circundante bem como o motivo dos acontecimentos.

Na concepção de Rich (2004), dentre os diferentes estilos de ensino, a escolha deve considerar o tempo de interação com o aluno ou com o grupo, a fim de decidir por estilos diretos, centrados no professor, ou indiretos, centrados no aluno. Para a pessoa com cegueira ou com baixa visão, é necessário permitir a ela que desempenhe um papel ativo no processo de aprendizagem, solucione problemas, faça experimentações e autodescobertas.

Para Nabeiro (2010), o professor não pode ignorar o fato de que é necessário dar oportunidade para que as pessoas com cegueira ou com baixa visão possam expressar-se livremente e ir além, sem a necessidade de o professor prever ou quantificar. A autora sugeriu um modelo de ensino, ou ainda, um programa de atividades corporais não diretivas, que considerem as manifestações expressivas, criativas e livres dos alunos frente às aulas.

Independente da forma em que se solicita a execução das tarefas, é fundamental o *feedback* promovido pelo professor. Neste âmbito, Rich (2004) entendeu que as experiências de sucesso promovem uma relação positiva. Conseqüentemente, oferecer um *feedback* positivo e elogios aumentam a autovalorização. O autor chamou a atenção para o uso de análises de tarefas e atividades adequadas, pois possibilitariam uma contribuição na percepção dos alunos quanto ao desenvolvimento de suas habilidades. É essencial reforçar o movimento positivamente, demonstrar fisicamente e verbalmente (CRAFT; LIEBERMAN, 2004, p.184).

Craft e Lieberman (2004 p.184) verificaram que as pessoas com cegueira adquirida, após vários anos de vida, geralmente não apresentam atrasos motores, portanto “[...] precisam de *feedback* corretivo dos observadores para substituir a monitoração dos seus próprios movimentos, para que as habilidades, quando dominadas, sejam assimiladas”.

Os ambientes adequados e motivantes e o emprego de abordagens e modelos de ensino eficientes que facilitem a aprendizagem poderão garantir uma interação efetiva com os alunos, enquanto ganho de habilidades motoras e esportivas. Enfim, compreender as variáveis que influem na aprendizagem é percorrer um caminho mais curto e com menos erros na busca para atingir o potencial máximo do aluno, ou seja, “o caminho da liberdade” (RICH, 2004, p.87).

[Voltar para o sumário](#)

3.4 Procedimento para o uso do colega-tutor

Objetivo Geral - Apresentar ao professor as possibilidades de interação do colega-tutor ou auxiliar, como agente facilitador do processo de ensino-aprendizagem que colabore com a explicação, descrição e mobilidade das pessoas com deficiência visual de modo a promover o andamento da aula em ritmo normal, sem a necessidade de interromper ou implementar muitas adaptações.

3.4.1 Como treinar um tutor?

1. Treinar um colega para ajudar nos comandos cinestésicos auditivos, na mobilidade, aquisição de habilidades e no *feedback*.

2. Solicitar reunião com o aluno e seu tutor alguns minutos antes da aula, para apresentar os conceitos e movimentos que serão ensinados.

3. Atribuir a função de “narrador” de um evento a um colega que, de preferência, seja divertido de modo a possibilitar a participação, de pessoas com deficiência visual como espectadores.

4. Sugerir aos alunos, sem deficiências, maneiras simples de como realizar uma assistência informal, como ajudar a encontrar sua posição no campo, executar um movimento particular, dividir estratégias, ajudá-los a se posicionar no momento do jogo de modo a oferecer o mínimo entendimento sobre deficiência visual, habilidades visuais específicas dos estudantes que estão sendo incluídos, para que se encorajem a auxiliá-los durante as atividades físicas e esportivas e a oferecer *feedback*.

[Voltar para o sumário](#)

3.4.2 Tutor: quem deve ser? E o que o professor deve fazer?

1. Estimular a independência a fim de possibilitar que façam as atividades sozinhas, sempre que possível. Portanto, devem ser encorajados a oferecer e aceitar reciprocamente ajuda dos colegas.

2. Indicar um tutor para realizar a atividade com o aluno quando for necessário garantir mais segurança a determinado aluno.

3. Ajudar nas posturas e expressão facial e para crianças o rolar, sentar, arrastar-se e andar.

4. Criar, para os alunos com baixa visão, situações em que se estimule cada vez mais a sua visão, só que sem auxílio sonoro.

5. Organizar as atividades para a pessoa com cegueira, segundo sua rotina de vida diária.

6. Agrupar colegas-tutores com a mesma idade daqueles que serão auxiliados.

7. Trabalhar em conjunto, pais e professores, a fim de oferecer motivos para a pessoa com deficiência visual se movimentar e desenvolver habilidades motoras básicas.

8. Estimular a pessoa com deficiência visual a utilizar nas aulas as estratégias de adaptação que aprenderam.

[Voltar para o sumário](#)

3.4.3 Como treinar um tutor?

1. Treinar um colega para ajudar nos comandos cinestésicos auditivos, na mobilidade, aquisição de habilidades e no *feedback*.



O professor de Educação Física está parado diante de um cartaz, que está preso numa parede. Utilizando o cartaz, o professor explica ao colega-tutor o que é deficiência visual. O colega-tutor está em sua carteira escolar, atento às explicações e com um caderno em cima da carteira.

2. Solicitar reunião com o aluno e seu tutor alguns minutos antes da aula, para apresentar os conceitos e movimentos que serão ensinados.



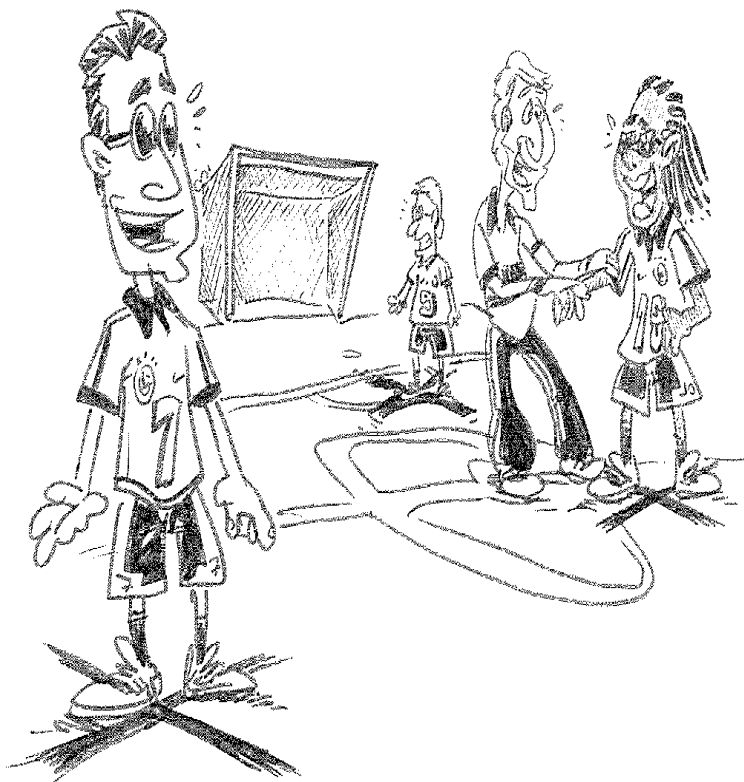
O professor de Educação Física está reunido com dois alunos, para fazer explicações sobre a aula. Ambos os alunos utilizam óculos escuros. Um dos alunos é o colega-tutor, que apenas observa, enquanto o professor coloca a mão direita no ombro do outro aluno e simultaneamente verbaliza e gesticula com a mão esquerda, girando o dedo indicador e dizendo: “Conceitos de movimento: giros, rolamentos ...”.

3. Atribuir a função de “narrador” de um evento a um colega que, de preferência, seja divertido de modo a possibilitar a participação, de pessoas com deficiência visual como espectadores.



O professor de Educação Física e um aluno que utiliza óculos escuros estão sentados lado a lado, em uma arquibancada de um ginásio. Enquanto assistem o jogo de basquetebol o professor, empolgado, gesticula com as mãos ao mesmo tempo em que explica para o aluno: “Agora ele deu um “gancho” e fez uma bela cesta!!”.

4. Sugerir aos alunos, sem deficiências, maneiras simples de como realizar uma assistência informal, como ajudar a encontrar sua posição no campo, executar um movimento particular, dividir estratégias, ajudá-los a se posicionar no momento do jogo de modo a oferecer o mínimo entendimento sobre deficiência visual, habilidades visuais específicas dos estudantes que estão sendo incluídos, para que se encorajem a auxiliá-los durante as atividades físicas e esportivas e a oferecer *feedback*.



Em quadra, há três alunos e o professor de Educação Física. Todos os alunos utilizam óculos escuros, No chão da quadra estão desenhados três “x”, um distante do outro. Cada aluno está localizado em cima de um dos “x” e, o professor está conversando com cada um deles individualmente.

[Voltar para o sumário](#)

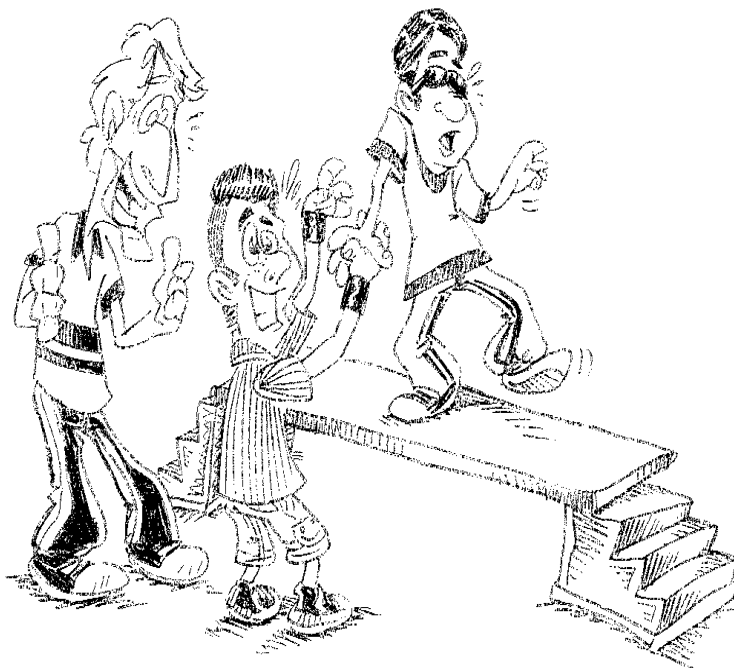
3.4.4 Tutor: quem deve ser? E o que o professor deve fazer?

1. Estimular a independência a fim de possibilitar que façam as atividades sozinhas, sempre que possível. Portanto, devem ser encorajados a oferecer e aceitar reciprocamente ajuda dos colegas.



Um garoto está com a mão esquerda apoiada no ombro de um senhor que utiliza óculos escuros e que caminha apoiado em sua bengala. Ao aproximar do senhor, o garoto diz: “Oi, posso ajudar?”. O senhor sorri e confirma sinalizando positivo com o polegar esquerdo.

2. Indicar um tutor para realizar a atividade com o aluno quando for necessário garantir mais segurança a determinado aluno.



O aluno que utiliza óculos escuros está andando, cuidadosamente, em uma tábua, que está apoiada em duas escadas de três degraus cada, uma em cada ponta. No chão, está o colega-tutor, que segura com a mão direita na mão direita do aluno cego, acompanhando-o durante a travessia da tábua. O professor de Educação Física está ao lado do colega-tutor, sinalizando positivo com os dois polegares.

3. Ajudar nas posturas e expressão facial e para crianças o rolar, sentar, arrastar-se e andar.



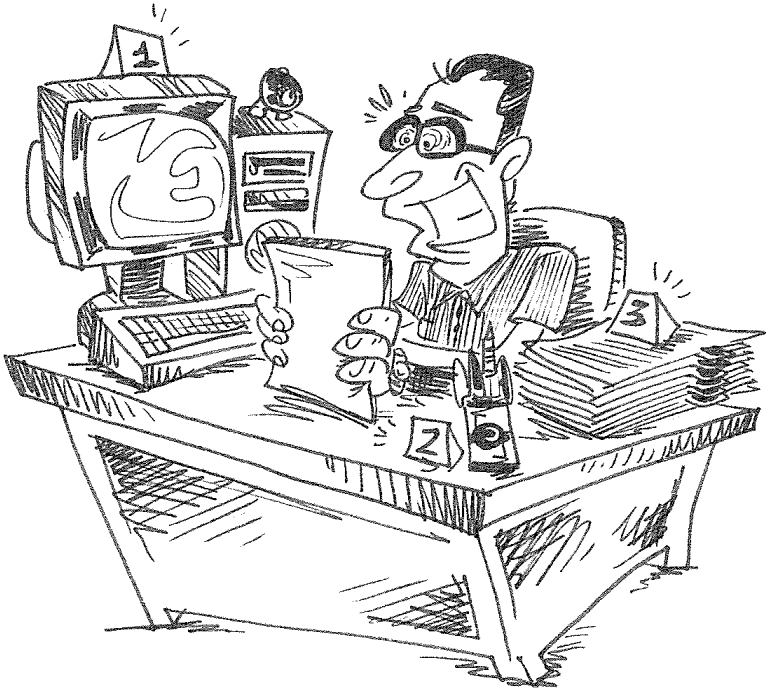
O aluno que utiliza óculos escuros está deitado de barriga para baixo, em um colchão. O professor de Educação Física está ajoelhado, atrás do aluno, rolando-o para frente e para trás, ao longo do colchão.

4. Criar, para os alunos com baixa visão, situações em que se estimule cada vez mais a sua visão, só que sem auxílio sonoro.



Alguns objetos estão amarrados em cordas e pendurados no teto. Conforme o aluno que utiliza óculos de grau caminha, ele encontra pendurado, na altura de seus ombros: rádio; lanterna; garrafa; panela e, toca nos objetos com as duas mãos.

5. Organizar as atividades para a pessoa com cegueira, segundo sua rotina de vida diária.



Um senhor que utiliza óculos de grau está sentado atrás de uma mesa de escritório, segurando e lendo uma folha. Na mesa há um computador numerado com uma placa com o número 1; um porta caneta com o número 2 e, uma pilha de papéis numerada em 3.

6. Agrupar colegas-tutores com a mesma idade daqueles que serão auxiliados.



Há quatro alunos, um ao lado do outro, sendo dois alunos e dois colegas-tutores. Cada aluno que utiliza óculos escuros está acompanhado do seu colega-tutor. A primeira dupla é uma aluna de 12 anos, que está de braços dados com sua colega-tutora de 19 anos. Ao lado delas há um aluno de 14 anos segurando no braço esquerdo do seu colega-tutor de 22 anos. O professor de Educação Física está na frente dos quatro alunos, segurando um caderno e anotando as idades que cada aluno fala.

7. Trabalhar em conjunto, pais e professores, a fim de oferecer motivos para a pessoa com deficiência visual se movimentar e desenvolver habilidades motoras básicas.



O pai e a mãe do aluno estão sentados em cadeiras, atentos ao que a professora de Educação Física está mostrando. Na lousa há uma ficha, com a foto do aluno e o nome dele embaixo. Nessa ficha há, no lado esquerdo, o “sim” e, no lado direito o “não”, e a professora mostra aos pais as descrições sobre o aluno.

8. Estimular a pessoa com deficiência visual a utilizar nas aulas as estratégias de adaptação que aprenderam.



Um jogador de basquetebol está segurando uma bola de basquetebol embaixo do braço direito e faz um movimento com o dedo indicador da mão esquerda. Há três alunos na frente do jogador, atentos ao que ele diz. Todos os alunos utilizam óculos escuros. Enquanto dois alunos tentam repetir o movimento, um deles faz o movimento com o dedo indicador e diz: “Eu se fazer isso, já aprendi!”.

[Voltar para o sumário](#)

3.4.5 Comentário:

É evidente o progresso de alunos com deficiência em uma classe inclusiva de Educação Física ou em uma atividade física qualquer, quando se tem ajuda dos colegas e quando aceita e solicitada por ele. Geralmente são bem-sucedidas as respostas das atividades que contam com o auxílio de colegas-tutores que aqui entende-se por aqueles alunos sem deficiência que auxiliam com ou sem treinamento os colegas com deficiência.

Oferecidas as oportunidades e adequadas às capacidades e às necessidades das pessoas com deficiência visual, seus resultados podem ser os mesmos de seus pares videntes (LIEBERMAN *et al.*, 2000). Em muitas situações em que a pessoa com cegueira tem auxílio, sente-se mais segura, principalmente frente aos novos desafios e aos mais complexos.

Com a ajuda de um colega-tutor os alunos com deficiência visual podem receber maior número de instruções e *feedback*, o que garante um avanço do processo de ensino e aprendizagem (NABEIRO, 2010; SOUZA, 2008).

Autores como Block e Zeman (1996), Craft e Lieberman (2004), Souza (2008), Mauerberg-deCastro (2011) e Nabeiro (2010), evidenciaram que a ajuda dos colegas-tutores treinados é efetiva e aumenta a performance motora de alunos com deficiência. Portanto, é uma possibilidade econômica e que pode garantir o cumprimento total das metas estabelecidas pelo professor de Educação Física, em aulas regulares e em atividades físicas e esportivas.

O treinamento do colega-tutor deve compreender informações a respeito das limitações do colega, suas capacidades, as estratégias de ensino, com prevalência na instrução verbal, na assistência física e no *feedback*. Assim dar preferência por aquela instrução que dê maior autonomia e independência (NABEIRO, 2010; SOUZA, 2008).

Rich (2004) apresentou diferentes técnicas organizacionais e metodológicas para individualizar o ensino, como o ensino em equipe, ensino de apoio, ensino por colegas, ensino por pessoas de idades diferentes e aprendizagem independente. No ensino por colegas, Rich (2004, p.99) compreendeu que se pode “[...] adotar o ensino por colegas-tutores

para diminuir a proporção entre alunos e professores”. O autor relatou programas, nos Estados Unidos, que empregaram colegas-tutores com idades diferentes. Destacou que esse método proporciona satisfação para os tutores e aumento do nível de aprendizagem dos alunos.

Por sua vez, Rich (2004) descreveu estudos que apresentavam experiências com colegas-tutores da mesma idade, que treinados para auxiliar alunos com deficiência de desenvolvimento, ocasionaram uma melhora na aprendizagem motora. Mauerberg-deCastro (2011) considerou que a tutoria não é uma relação unilateral, do aluno sem deficiência que ajuda a aprendizagem do aluno com deficiência. “Esta relação pode ser invertida, pode vir emparelhada com pares exclusivamente com deficiências, pode vir entre pares de idades de contrastes”.

Com a necessidade de o professor de Educação Física refletir sobre os primeiros passos da atuação de um tutor num contexto inclusivo, Mauerberg-deCastro (2011, p.526) considerou que:

[...] o professor deve aproveitar o momento de socialização estabelecido naturalmente entre alunos com deficiência e tutores com um propósito construtivo. Sem diminuir o vínculo motivacional de ambas as partes, direcionar a percepção de ambos os aprendizes para a meta da tarefa de momento. Por exemplo, ao mesmo tempo que um tutor aproveita a “curtição” de uma correria em um aquecimento junto com seu amigo ou o grupo, ele deve ser sensível para detectar elemento de segurança, de aproveitamento de todos na atividade, e proporcionar um contexto favorável de aprendizagem para ambas as partes. Ou seja, ele brinca, aprende e ensina.

O envolvimento de alunos com suas próprias experiências de aprendizagem e com a incorporação de novas habilidades significativas, para seus colegas, é fundamental para a criação de um ambiente menos restritivo com oportunidades para todos. Compreende-se, dos estudos de Mauerberg-deCastro (2011), que a tutoria é tão importante para ambas as partes, que essa ajuda faz com que os alunos sem deficiência reflitam sobre a diversidade e o problema da discriminação.

[Voltar para o sumário](#)

3.5 Recursos pedagógicos

Objetivo Geral - Apresentar ao professor as possibilidades de utilização de materiais, equipamentos próprios e/ou adaptados, sugestões de como e quando utilizar, qual o tipo de material e/ou equipamento adequado, segundo as limitações visuais de cada aluno, decorrente da etiologia, e como estes podem solucionar seus problemas a partir do uso de recursos pedagógicos.

3.5.1 Quais as sugestões para a adaptação?

1. Usar cones auditivos ou músicas para indicar o alvo, exemplo: colocar um rádio embaixo da cesta de basquete.

2. Fazer com que as bolas comuns se tornem percebidas auditivamente, cortando a bola, inserindo guizos e vedando-a novamente com um remendo próprio de bicicleta.

3. Fazer com que a marcação de gols seja percebida auditivamente, amarrando guizos à rede do gol. Quando um gol é marcado, todos ouvem o barulho.

4. Usar fitas adesivas para melhorar o contraste entre o equipamento (como o suporte e o sarrafô para o salto em altura e as extremidades da barra de equilíbrio) e o plano de fundo.

5. Utilizar bolas, colchões, marcações de campo e traves com cores brilhantes, que contrastem com o plano de fundo.

6. Fazer com que a iluminação do ginásio seja mais forte ou mais fraca para os alunos que tenham sensibilidade à claridade, ou tendam a se autoestimular sob luz forte.

7. Utilizar cores contrastantes (sempre que possível) no caso de alunos com baixa visão, aumentar dimensões dos objetos.

8. Utilizar instrumentos sonoros (variar a intensidade do ruído) para construção do referencial do indivíduo, para locomoção, para habilidades esportivas, distâncias e direções de objetos e equipamentos e diferenciar bolas rolando e quicando, por exemplo, palmas, eletroeletrônicos, ruídos;

9. Localizar pontos de referência por meio de sons ou vozes.

10. Usar bolas eletrônicas com beepers para facilitar a localização ou sacos de grãos com guizos costurados dentro da bola, ou enrolar uma bola convencional com sacos plásticos ou papel celofane e fita crepe, tornando-a capaz de emitir som durante o rolamento, quando da impossibilidade de aquisição de uma bola com guizos.

11. Adaptar bolas pintadas de laranja ou o para estimular a prática de atividades pelos alunos com baixa visão.

12. Adaptar bolas que sejam de esponja firme, para determinados jogos, de modo que a segurança seja garantida.

13. Programar o uso de cones coloridos ou brilhantes ou passar a fita para marcar e delimitar os espaços.

14. Apresentar materiais diversificados pode resultar em uma exigência diferenciada sobre a lógica interna do indivíduo, por exemplo, executar um chute com uma bola leve e pequena e com uma bola maior e mais pesada ou saltar sobre um trampolim de madeira de ginástica olímpica e saltar sobre um minitrampolim utilizado na mesma modalidade.

15. Produzir som, como pista para posicionamento, exatamente atrás ou à frente do aluno. Falar ao lado do aluno quando a intenção ou objetivo é de que ele se alinhe à frente de um equipamento ou objeto, ou ainda, quando se deseja que ele se locomova em direção a um local predeterminado.

16. Substituir informações visuais por táteis ou auditivas por meio da adaptação do espaço físico como a demarcação de uma quadra com fita adesiva sobre um fio de barbante de forma a tornar as linhas em relevo perceptíveis ao tato.

17. Posicionar colchonetes ou carpetes dispostos sobre o chão quando necessitar indicar percursos ou caminhos a serem seguidos ou durante exercícios em circuito.

18. Implementar pistas estratégicas para a localização no espaço físico como, por exemplo, o futebol de salão que dispunha de um chamador - pessoa encarregada de orientar a posição da trave ou bip-beisebol, que conta com dispositivo eletrônico que indica a posição de base dos jogadores.

19. Estimular o desenvolvimento perceptivo motor - por meio de atividades lúdicas como jogo, brinquedo e brincadeira, por exemplo, os materiais lúdicos adaptados.

20. Adaptar em ambientes naturais, para esportes ou trilhas, o uso de corrimões feitos com cordas ao longo do trecho mais acidentado, ou o uso de boias e raias para delimitar o espaço e estabelecer áreas de segurança em atividades aquáticas.

[Voltar para o sumário](#)

3.5.2 Quais os materiais adequados a cada limitação?

1. Utilizar para as pessoas com albinismo e glaucoma objetos com cores e luzes que não ofusquem.

2. Prescrever a corda-guia, como recursos para corridas, dependendo do nível da deficiência. Caso não utilize a corda-guia, o corredor-guia acompanhará o aluno ao lado dele ou à frente para lhe dar mais segurança.

3. Não oferecer a um albino uma bola muito clara, em uma quadra clara, sob um dia também muito claro. Ou levar uma pessoa com cegueira noturna (hemeralopia) a explorar materiais escuros em locais de fraca luminosidade. Essas recomendações também cabem a pessoa com hipermetropia forte.

4. Atentar para não oferecer: 1) atividades que exijam lançamentos distantes, em alvos estáticos que apresentem tamanho reduzido ou com pouco contraste; 2) materiais em movimento rápido na altura do rosto.

5. Obter materiais ilustrativos em braille para aprender essa linguagem por meio de jogos que reforcem o seu aprendizado.

6. Disponibilizar objetos com cores fortes, com contraste em relação ao ambiente, de modo a encorajar os alunos com baixa visão a usar o resíduo visual.

7. Usar bolas azuis quando jogar em campo aberto na grama, ou usar bolas azuis dentro do ginásio.

8. Utilizar sons contínuos e intervalados em programas para crianças com cegueira e com dificuldade de aprendizagem.

9. Disponibilizar recursos materiais e equipamentos de acordo com as preferências e o campo visual dos alunos.

10. Atentar para o tempo decorrido desde a perda da capacidade visual e a escolha dos materiais para a solicitação de arremessos precisos e a transposição de obstáculos, pois podem ser tarefas complexas para alunos que possuem distúrbios recentes de binocularidade. Neste caso, recomenda-se que sejam utilizados blocos de espuma ou outros materiais que não ofereçam perigo em caso de queda. À medida que a criança vai se adaptando à sua condição visual, deve-se aumentar o grau de dificuldade das atividades propostas.

3.5.3 Como ajudar o aluno a solucionar os problemas?

1. Permitir ao aluno com deficiência visual utilizar equipamentos especiais se for necessário para garantir seu sucesso.

2. Proporcionar experiências táteis e auditivas com objetos que façam o aluno sentir-se produtor do som ou do movimento: molas, bexigas, canudos, bolsa d'água, apitos etc.

3. Solicitar que explore simultaneamente a forma, o tamanho e os pequenos detalhes de um objeto ou material que o professor deverá informar e descrever quando entregar.

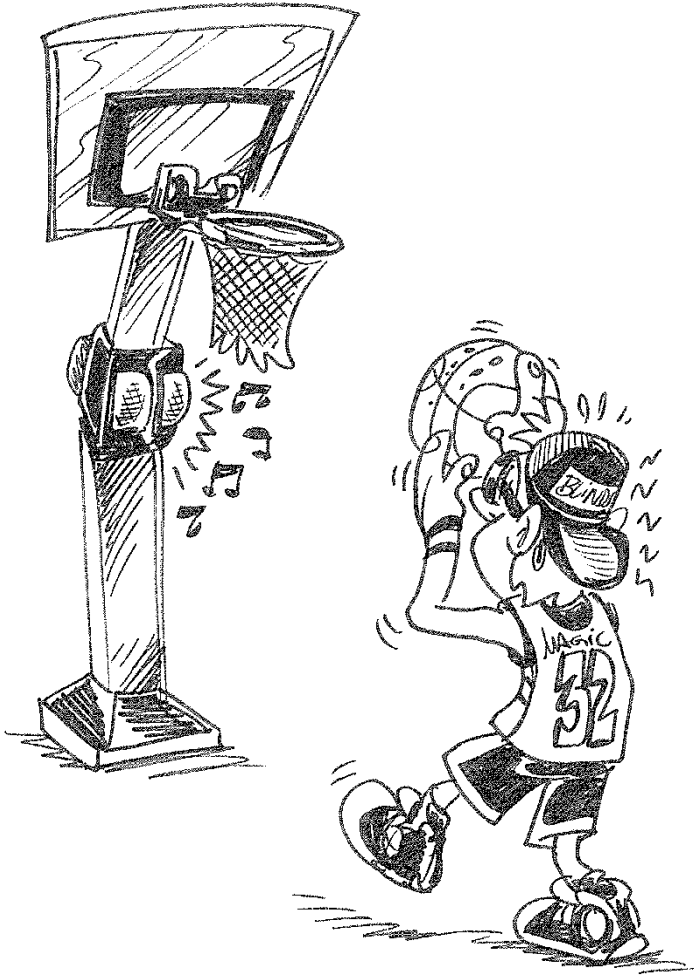
4. Oferecer uma simples caixa, cheia de bolas, para que o aluno tenha a oportunidade de seriar e classificar por tamanho, cor, textura, peso e fazer a relação no tempo e no espaço.

5. Utilizar objetos símbolos para indicação do ambiente.

[Voltar para o sumário](#)

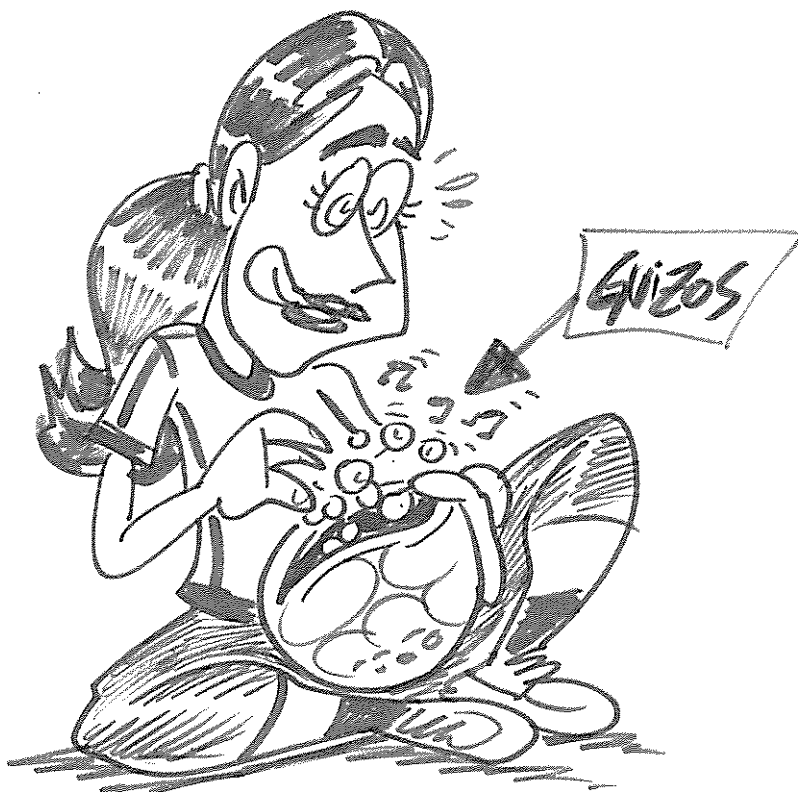
3.5.4 Quais as sugestões para a adaptação?

1. Usar cones auditivos ou músicas para indicar o alvo, exemplo: colocar um rádio embaixo da cesta de basquete.



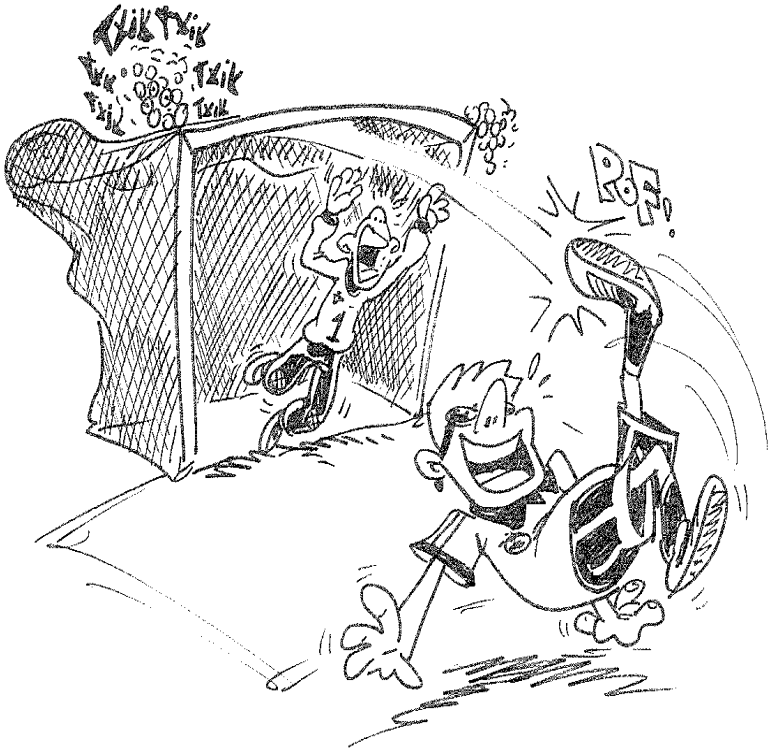
O aluno que utiliza óculos escuros está usando um boné, camiseta, shorts e tênis de basquetebol. Ele tem em suas mãos uma bola de basquetebol e prepara um arremesso em direção à cesta, mantendo os braços elevados. Na frente do aluno, há um suporte com a tabela e a cesta e, embaixo da cesta, há um rádio, preso no suporte, emitindo sons.

2. Fazer com que as bolas comuns se tornem percebidas auditivamente, cortando a bola, inserindo guizos e vedando-a novamente com um remendo próprio de bicicleta.



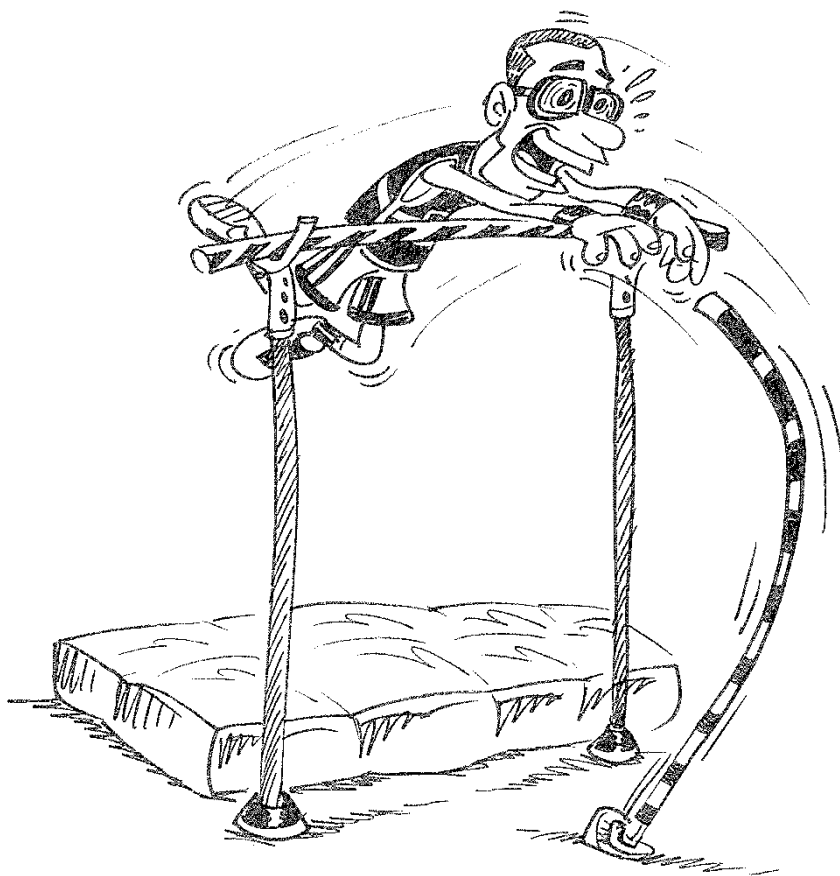
A professora de Educação Física está sentada no chão, segurando uma bola com um rasgo, por onde ela está colocando guizos.

3. Fazer com que a marcação de gols seja percebida auditivamente, amarrando guizos à rede do gol. Quando um gol é marcado, todos ouvem o barulho.



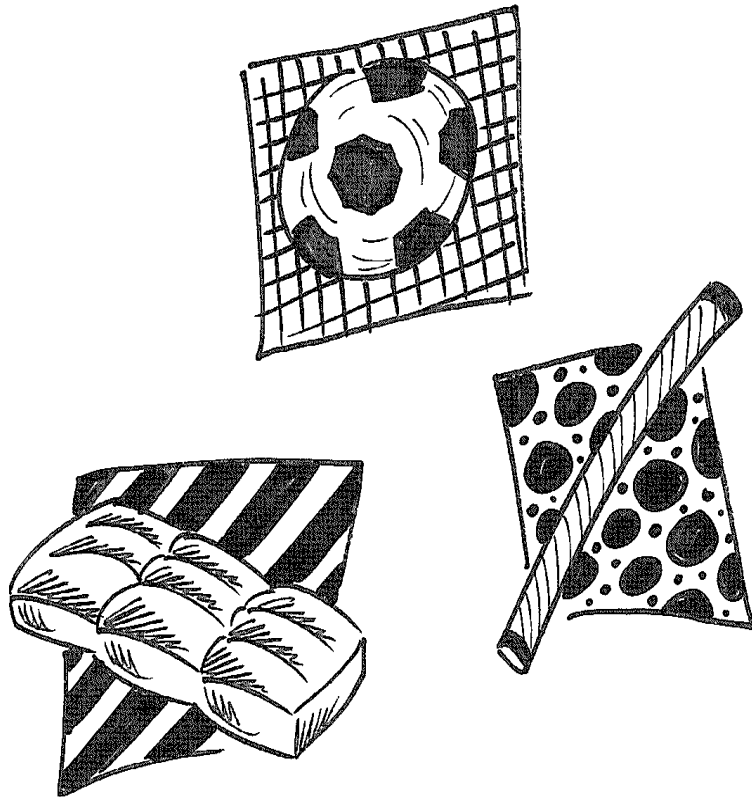
Um aluno que utiliza óculos escuros está fazendo a movimentação da bicicleta, típica no futebol, em direção ao gol. O goleiro tenta pegar a bola, pula em direção a ela, mas, é gol. Em alguns pontos da rede há guizos amarrados, que emitem sons quando a rede é balançada.

4. Usar fitas adesivas para melhorar o contraste entre o equipamento (como o suporte e o sarrafo para o salto em altura e as extremidades da barra de equilíbrio) e o plano de fundo.



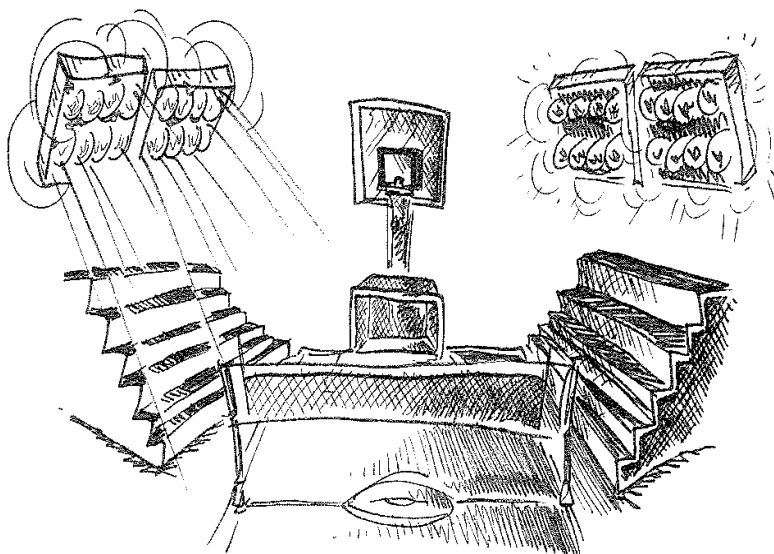
O aluno que utiliza óculos de grau está fazendo um salto com vara e caindo sobre um colchão. Para isso, tanto a vara como o sarrafo estão revestidos com fitas adesivas.

5. Utilizar bolas, colchões, marcações de campo e traves com cores brilhantes, que contrastem com o plano de fundo.



Há três figuras. A primeira delas é uma bola de futebol, estampada com losangos pretos e brancos. Esta bola está em cima de um fundo xadrez. A segunda figura é uma barra de ferro, colorida com faixas. A barra está sobre um fundo de bolinhas. E, a terceira figura é um colchão que está sobre um fundo listrado, cor sim, cor não.

6. Fazer com que a iluminação do ginásio seja mais forte ou mais fraca para os alunos que tenham sensibilidade à claridade, ou tendam a se autoestimular sob luz forte.



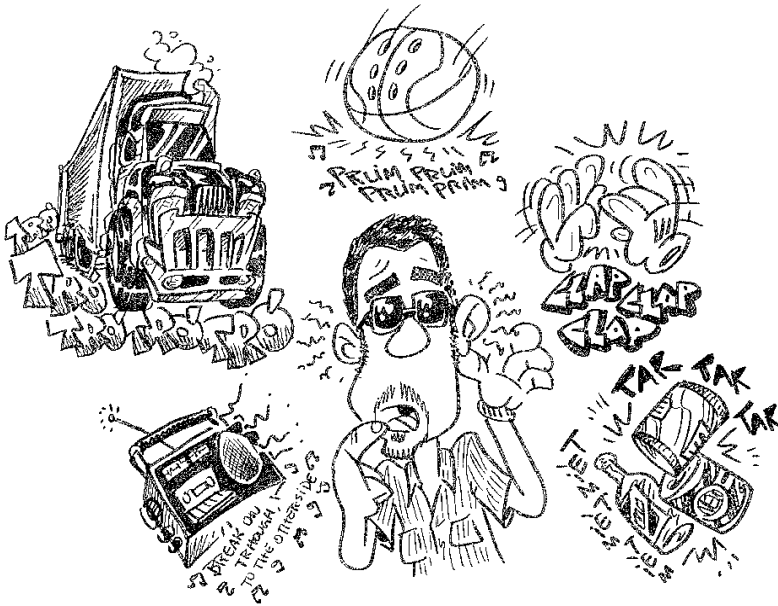
Um ginásio poliesportivo, com uma quadra ao centro, e arquibancadas nas duas laterais. Nos dois lados do ginásio há holofotes, sendo que a iluminação do lado direito é mais fraca, ficando mais escuro, e a do lado esquerdo é mais forte, ficando uma parte mais clara.

7. Utilizar cores contrastantes (sempre que possível) no caso de alunos com baixa visão, aumentar dimensões dos objetos.



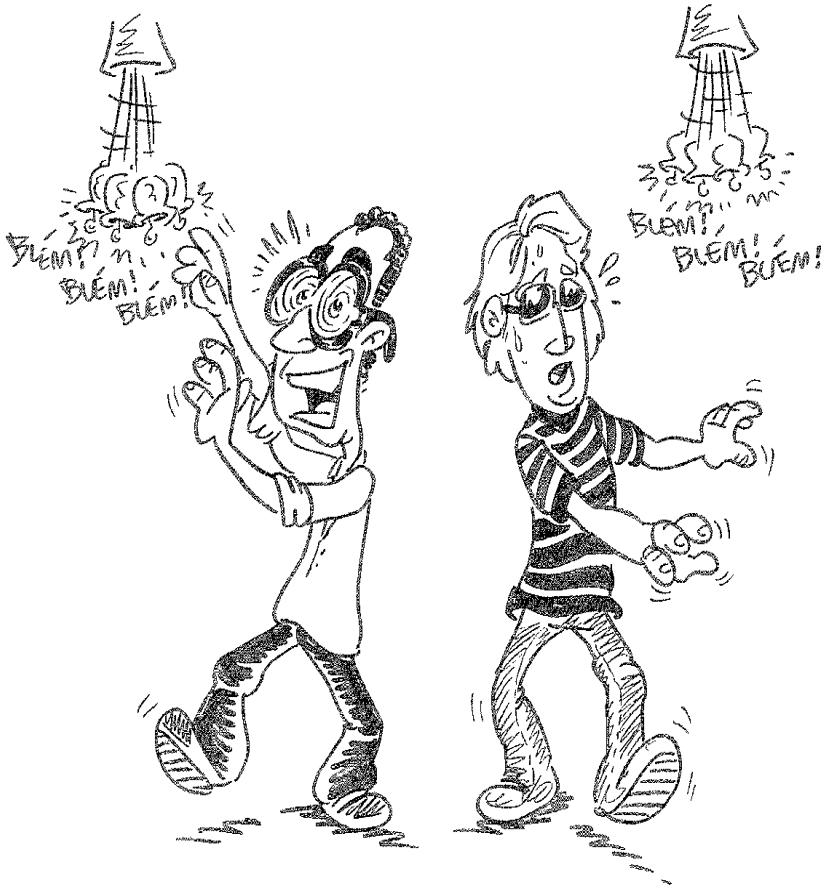
Há dois alunos, um menino e uma menina brincando com dois objetos. Ambos utilizam óculos escuros. O professor de Educação Física está animado, com os braços elevados, observando os alunos. O menino está tateando um enorme cone, mais alto e maior que ele, que está a sua frente, enquanto a aluna está deitada de barriga para baixo em uma enorme bola, segurando-a com as duas mãos.

8. Utilizar instrumentos sonoros (variar a intensidade do ruído) para construção do referencial do indivíduo, para locomoção, para habilidades esportivas, distâncias e direções de objetos e equipamentos e diferenciar bolas rolando e quicando, por exemplo, palmas, eletroeletrônicos, ruídos.



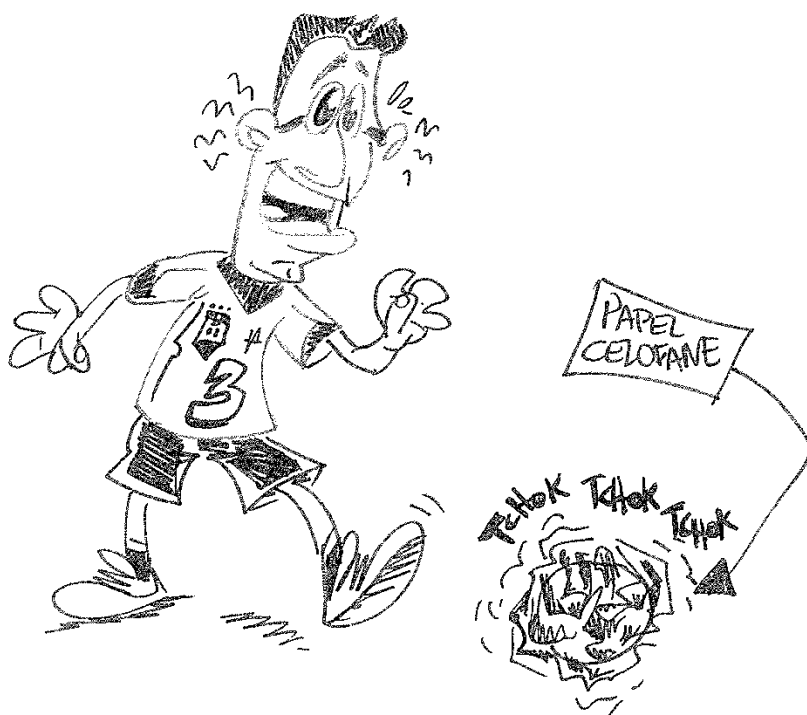
O aluno que utiliza óculos escuros está bastante confuso, em dúvida, pois, ao seu redor há cinco diferentes sons. O primeiro som é o barulho de um enorme caminhão. O segundo som é o de uma bola com guizo. O terceiro som são palmas. O quarto som é o barulho de latas batidas umas nas outras. E, o último som é uma música que está tocando em um rádio.

9. Localizar pontos de referência por meio de sons ou vozes.



Há dois sinos, presos no teto, em constante movimento, emitindo sons para que dois alunos - um utilizando óculos de grau e o outro óculos escuros - localizem cada um dos sinos. Os alunos estão com as mãos em elevação frontal, procurando os sinos. O aluno que utiliza óculos de grau localizou o seu sino e tocou nele, enquanto o aluno com óculos escuro ainda está procurando.

10. Usar bolas eletrônicas com *beepers* para facilitar a localização ou sacos de grãos com guizos costurados dentro da bola, ou enrolar uma bola convencional com sacos plásticos ou papel celofane e fita crepe, tornando-a capaz de emitir som durante o rolamento, quando da impossibilidade de aquisição de uma bola com guizos.



O aluno que utiliza óculos escuros está procurando uma bola, sendo orientado pelo som emitido por ela, isso porque, a bola está enrolada em papel celofane.

11. Adaptar bolas pintadas de laranja ou amarelo para estimular a prática de atividades pelos alunos com baixa visão.



O professor de Educação Física está mostrando duas bolas para um aluno que utiliza óculos de grau. Na mão esquerda há uma bola amarela e, na mão direita uma bola azul. O aluno olha, espantado e em dúvida, para as bolas.

12. Adaptar bolas que sejam de esponja firme, para determinados jogos, de modo que a segurança seja garantida.



Um rapaz que utiliza óculos escuros está andando e assoviando, quando uma bola atinge a cabeça dele. O rapaz só percebeu a bola quando bateu em sua cabeça.

13. Programar o uso de cones coloridos ou brilhantes ou passar a fita para marcar e delimitar os espaços.



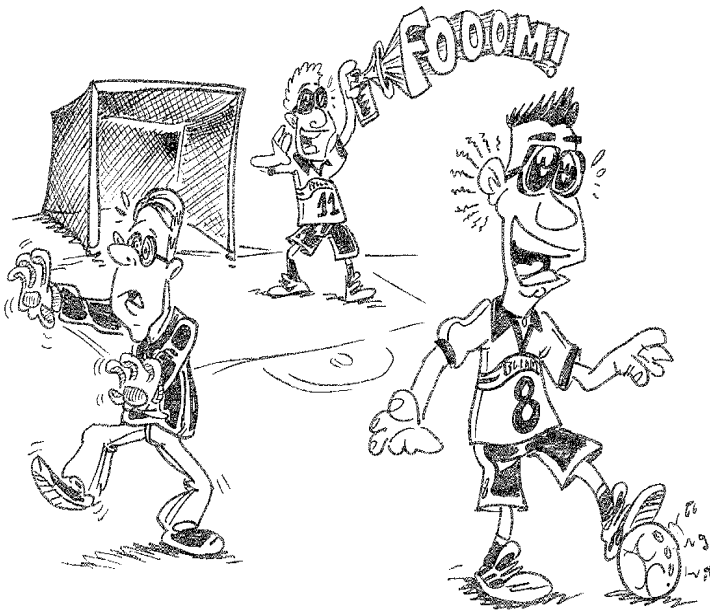
O professor de Educação Física está ajoelhado no chão, enquanto passa fita adesiva em torno de um cone. Atrás do professor há um outro cone, já encapado, porém, brilhante.

14. Apresentar materiais diversificados pode resultar em uma exigência diferenciada sobre a lógica interna do indivíduo, por exemplo, executar um chute com uma bola leve e pequena e com uma bola maior e mais pesada ou saltar sobre um trampolim de madeira de ginástica olímpica e saltar sobre um minitrampolim utilizado na mesma modalidade.



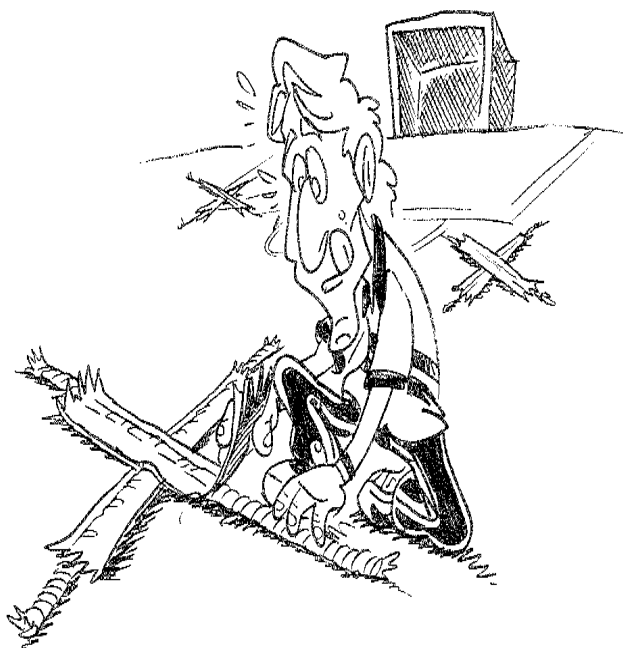
Um aluno, que utiliza óculos escuros, vestido com camisa e shorts de futebol está, tranquilamente, chutando uma bola pequena e leve. Ao lado deste, há outro aluno, que também utiliza óculos escuros e roupas de futebol, porém, está chorando de dor no pé esquerdo, isso porque chutou uma bola maior e mais pesada.

15. Produzir som, como pista para posicionamento, exatamente atrás ou à frente do aluno. Falar ao lado do aluno quando a intenção ou objetivo é de que ele se alinhe à frente de um equipamento ou objeto, ou ainda, quando se deseja que ele se locomova em direção a um local predeterminado.



Em uma quadra está acontecendo um jogo de futsal. Há três jogadores. Dentro da área de gol há um jogador acionando uma buzina; distante dele, mais próximo da linha central, há o goleiro, que utiliza óculos de grau, um pouco perdido e tentando encontrar algo ou alguém a sua frente, por isso está com os braços em elevação frontal e, o terceiro jogador está próximo ao goleiro, porém, de costas para o gol e de posse da bola. Ele utiliza óculos escuros. O som da buzina tem o objetivo de orientar os jogadores em direção ao gol.

16. Substituir informações visuais por táteis ou auditivas por meio da adaptação do espaço físico como a demarcação de uma quadra com fita adesiva sobre um fio de barbante de forma a tornar as linhas em relevo perceptíveis ao tato.



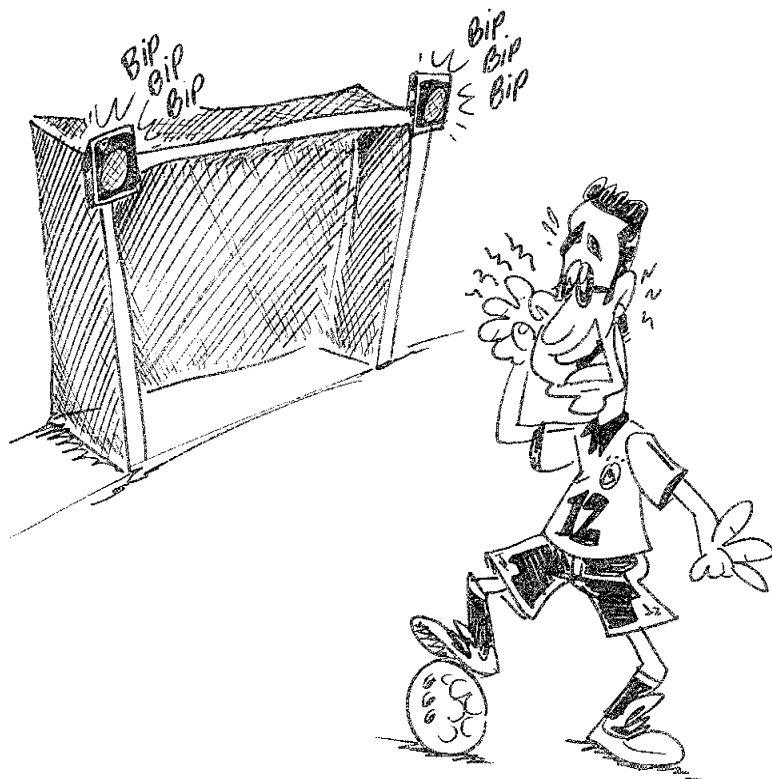
O professor de Educação Física está demarcando a quadra com alguns “x” em alto-relevo. Para isso, ele faz um “x” com barbante e recobre com fita adesiva.

17. Posicionar colchonetes ou carpetes dispostos sobre o chão quando necessitar indicar percursos ou caminhos a serem seguidos ou durante exercícios em circuito.



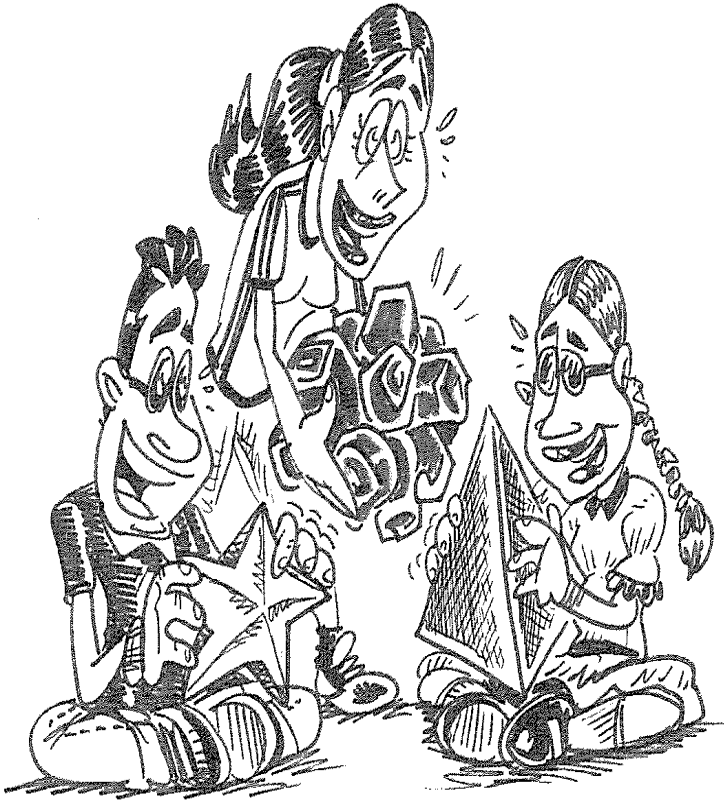
No chão há dois colchões dispostos um ao lado do outro, porém, com um espaço vazio entre eles, criando um caminho. Por este espaço, entre os dois colchões, o aluno que utiliza óculos escuros caminha.

18. Implementar pistas estratégicas para a localização no espaço físico como, por exemplo, o futebol de salão que dispunha de um chamador – pessoa encarregada de orientar a posição da trave ou bip-beisebol, que conta com dispositivo eletrônico que indica a posição de base dos jogadores.



O rapaz que utiliza óculos escuros, vestido com camisa e calção de futebol, está parado em frente ao gol e mantém o pé direito em cima da bola. O rapaz está com a mão direita na orelha direita, tentando localizar a direção dos sons que está ouvindo. Nos dois ângulos do gol, entre o travessão e a trave, há uma caixa de som, emitindo *bips*.

19. Estimular o desenvolvimento perceptivo motor - por meio de atividades lúdicas como jogo, brinquedo e brincadeira, por exemplo, os materiais lúdicos adaptados



Dois alunos, um menino e uma menina, estão sentados no chão e, com muita curiosidade, exploram, com as mãos, os objetos oferecidos pela professora de Educação Física. Ambos os alunos utilizam óculos escuros. O menino está com um objeto no formato de uma estrela do mar; a aluna está com uma pirâmide, e a professora está checando, próxima as duas crianças, trazendo novos objetos em diferentes formatos.

20. Adaptar em ambientes naturais, para esportes ou trilhas, o uso de corrimões feitos com cordas ao longo do trecho mais acidentado, ou o uso de boias e raias para delimitar o espaço e estabelecer áreas de segurança em atividades aquáticas.



A cena está acontecendo em um ambiente com mato, grama, flores e pássaros cantando. Há um corrimão feito com cordas, tanto do lado esquerdo como do direito, de modo que o aluno que utiliza óculos escuros está andando, enquanto segura nas cordas do corrimão.

[Voltar para o sumário](#)

3.5.5 Quais os materiais adequados a cada limitação?

1. Utilizar para as pessoas com albinismo e glaucoma objetos com cores e luzes que não ofusquem.



Há um aluno sentado no chão, segurando alguns lápis de cor com a mão direita e, colorindo, com a mão esquerda, um desenho, em uma folha que está no chão. Este aluno utiliza óculos de grau.

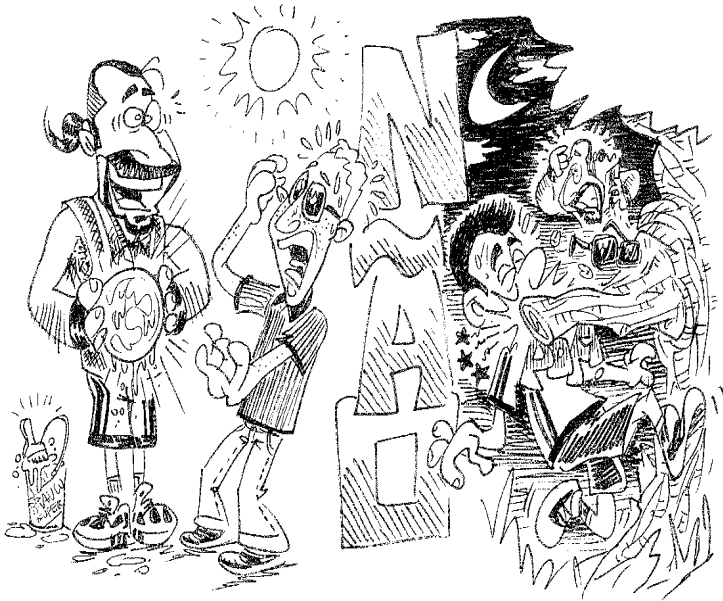
Ao seu lado, em pé, há outro aluno, que também utiliza óculos de grau, segurando, com a mão direita, próximo ao seu olho, uma bolinha fluorescente, presa em um cordão, que a cada toque altera a cor.

2. Prescrever a corda-guia, como recursos para corridas, dependendo do nível da deficiência. Caso não utilize a corda-guia, o corredor-guia acompanhará o aluno ao lado dele ou à frente para lhe dar mais segurança.



Um corredor de atletismo, que utiliza óculos escuros, está com uma corda amarrada em sua cintura. Atrás dele está o professor de Educação Física, segurando, com a mão direita, a ponta da corda e, com a mão esquerda, um cronômetro. O atleta e o professor de Educação Física correm na mesma sincronia das passadas.

3. Não oferecer a um albino uma bola muito clara, em uma quadra clara, sob um dia também muito claro. Ou levar uma pessoa com cegueira noturna (hemeralopia) a explorar materiais escuros em locais de fraca luminosidade. Essas recomendações também cabem a pessoa com hipermetropia forte.



A palavra “NÃO” está escrita verticalmente, em letras grandes, no centro da página, indicando que as duas figuras que segue não são recomendadas. O lado esquerdo da palavra “NÃO” representa o dia, com um sol brilhante e radiante. Um senhor está mostrando à um jovem albino uma bola muito clara, na cor branco super. Ao olhar para o objeto, o jovem albino leva as mãos aos olhos e esquiva seu corpo da luminosidade.

O lado direito da palavra “NÃO” representa a noite. Um rapaz com cegueira noturna está andando em uma floresta e não vê o tronco de uma árvore, trombando de cara com ele. Após a pancada, o rapaz cai de um lado e, seus óculos, do outro. Atrás do rapaz há um senhor que vê a cena e lamenta o acontecido.

4. Atentar para não oferecer: 1) atividades que exijam lançamentos distantes, em alvos estáticos que apresentem tamanho reduzido ou com pouco contraste; 2) materiais em movimento rápido na altura do rosto.



Um aluno que utiliza óculos escuros segurando um arco e flecha na posição de disparo, e um alvo fixo, localizado a uma posição distante dele, visto em tamanho em pequeno. Ao lado desse aluno há um outro aluno, que também utiliza óculos escuros e veste camisa e calção de futebol, que ouve sem nitidez alguém lhe chamar. Por não ouvir nitidamente, ele pergunta: “Hã?”. Tarde demais, pois a bola de futebol está a menos de um palmo de seu rosto. A pessoa havia falado: “Olha a bola ai, Zé!”.

5. Obter materiais ilustrativos em *Braille* para aprender essa linguagem por meio de jogos que reforcem o seu aprendizado.



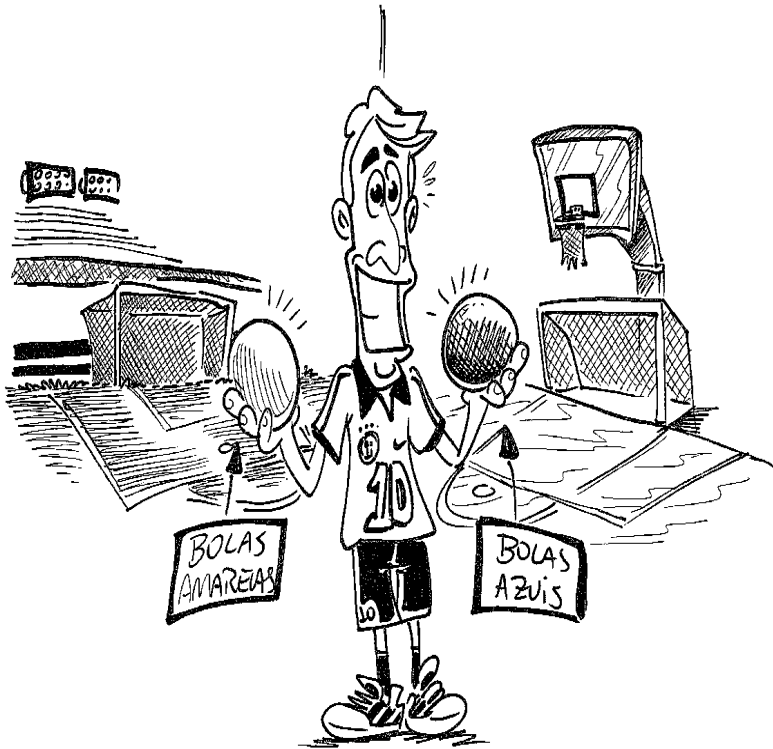
Em uma mesa, há três objetos circulares com informações escritas em Braille. Cada um dos círculos está ao lado do outro. Uma aluna que utiliza óculos escuros está atrás da mesa passando suas mãos sobre eles. A professora de Educação Física, que está ao lado da aluna, pergunta: “Tá conseguindo distinguir, Léia?”. Muito confiante, a aluna responde: “Tô sim, professora! O amarelo é o da esquerda, e o da direita é o ...”.

6. Disponibilizar objetos com cores fortes, com contraste em relação ao ambiente, de modo a encorajar os alunos com baixa visão a usar o resíduo visual.



O professor de Educação Física está segurando uma caixa e, dentro dela há: petecas; bolas; bandeirinhas; bastões encapados com papel de bolinha e, barras também encapadas com fita adesiva. No chão há grandes “x” brilhantes.

7. Usar bolas amarelas quando jogar em campo aberto na grama, ou usar bolas azuis dentro do ginásio.



No centro da figura há um rapaz sorridente, que segura na mão direita uma bola amarela e, na mão esquerda, uma bola azul. Ao lado da bola amarela, há um estádio de futebol, com holofotes, arquibancada e o gol. Ao lado da bola azul, há o interior de um ginásio esportivo, com o gol e também o suporte onde está presa a tabela e a cesta do basquetebol.

8. Utilizar sons contínuos e intervalados em programas para crianças com cegueira e com dificuldade de aprendizagem.



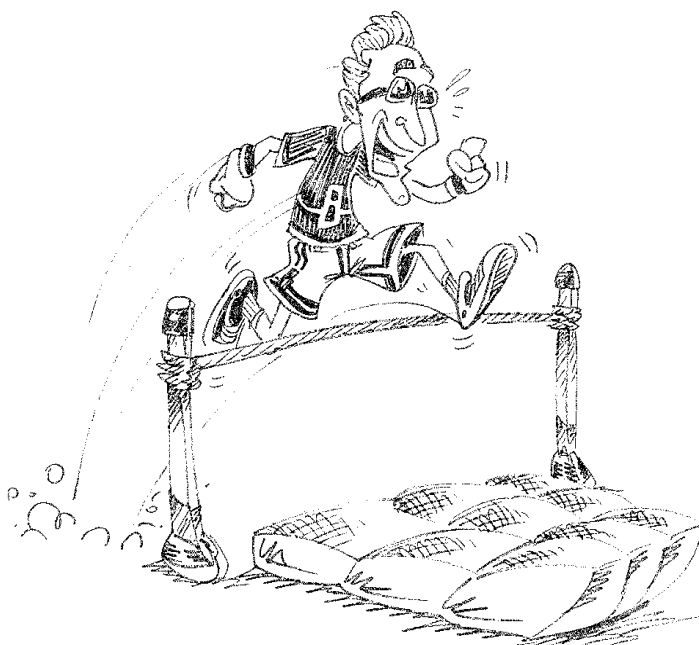
O professor de Educação Física está segurando duas baquetas, uma em cada mão, e com elas está batendo em um bumbo, que está no chão, enquanto um menino e uma menina dançam livremente em frente ao professor. Ambos os alunos utilizam óculos escuros.

9. Disponer recursos materiais e equipamentos de acordo com as preferências e o campo visual dos alunos.



Há três jovens em situações distintas. O primeiro é um garoto forte, que utiliza óculos escuros e veste uma regata e está segurando um peso de musculação, com a mão direita e, diz: “Eu curto um lance de peso!!!”. O segundo, é um menino com roupas de basquetebol, que utiliza óculos escuros e está equilibrando uma bola com guizo no dedo indicador direito e, diz: “Tá no sangue, tá ligado?”. E, o terceiro jovem utiliza óculos de grau e está segurando um arco e flecha com a mão direita, enquanto aponta para o próprio arco e flecha com o dedo indicador esquerdo e, diz: “Eu gostei desse aqui! Legal!”.

10. Atentar para o tempo decorrido desde a perda da capacidade visual e a escolha dos materiais para a solicitação de arremessos precisos e a transposição de obstáculos, pois podem ser tarefas complexas para alunos que possuem distúrbios recentes de binocularidade. Neste caso, recomenda-se que sejam utilizados blocos de espuma ou outros materiais que não ofereçam perigo em caso de queda. À medida que a criança vai se adaptando à sua condição visual, deve-se aumentar o grau de dificuldade das atividades propostas.



Um rapaz que utiliza óculos escuros está transpondo uma barreira, com o movimento semelhante ao utilizado nas provas de atletismo, em que o atleta corre e salta a barreira. A barreira é composta por uma corda amarrada em dois minipostes de madeira, um do lado direito e outro do lado esquerdo. Abaixo da corda há um colchão, para amortecer a queda.

[Voltar para o sumário](#)

3.5.6 Como ajudar o aluno a solucionar os problemas?

1. Permitir ao aluno com deficiência visual utilizar equipamentos especiais se for necessário para garantir seu sucesso.



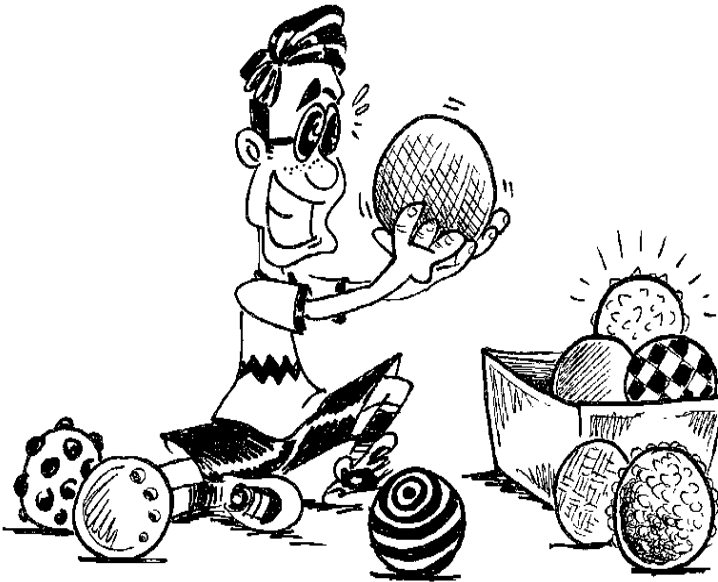
O professor de Educação Física fornece o seguinte comando de voz: “Quem consegue achar a bola?”. Três alunos estão procurando a bola que está no chão. Todos os alunos utilizam óculos de grau. Dois alunos estão andando pelo espaço determinado, com os braços em elevação frontal e, movimentação das mãos. O terceiro aluno está utilizando uma lupa e, com este recurso encontra a bola, enquanto os demais ainda procuram.

3. Solicitar que explore simultaneamente a forma, o tamanho e os pequenos detalhes de um objeto ou material que o professor deverá informar e descrever quando entregar.



O professor de Educação Física está frente a frente com um aluno que utiliza óculos escuros. O professor segura, com a mão esquerda, uma bola com guizo e diz: "... sinta a bola ... ouça o som dela ... sinta em você". Enquanto isso, o aluno toca na bola com as duas mãos.

4. Oferecer uma simples caixa, cheia de bolas, para que o aluno tenha a oportunidade de seriar e classificar por tamanho, cor, textura, peso e fazer a relação no tempo e no espaço.



Um aluno que utiliza óculos escuros está sentado no chão e segura uma bola com as duas mãos. Ao seu redor há várias bolas espalhadas e outras dentro de uma caixa. Cada uma das bolas têm um tamanho e cores e texturas diferentes.

5. Utilizar objetos símbolos para indicação do ambiente.



Uma garota que utiliza óculos escuros, está vestida com um maiô e chinelo, segurando uma toalha de banho que está jogada em seu ombro. Ela está passando em frente a uma parede onde há uma foto de uma piscina e uma seta apontando para a esquerda, indicando a direção da piscina.

[Voltar para o sumário](#)

3.5.7 Comentário

Os autores, neste item, preocuparam-se em garantir que os recursos pedagógicos não sejam somente instrumentos para a execução de tarefas, mas um facilitador na orientação da pessoa com cegueira ou com baixa visão, no meio em que está inserida, na locomoção, como estímulo às pessoas com resíduos visuais.

A pessoa com cegueira necessita ser estimulada e motivada para obter experiências táteis, portanto, deverá aprender a manipular o que estiver ao seu alcance, ou ainda “[...] o mundo que a rodeia será enriquecido se for permitido explorar e manejar objetos” (PIÑERO; QUERO; DÍAZ, 2003, p.240). Nesse processo, os autores entenderam ser imprescindível mencionar o nome dos objetos apresentados aos alunos e fazer com que produzam som, concomitantemente ao momento em que aprendem a relacionar-se com eles.

O professor deve considerar que parte dos seus resultados serão alcançados mediante uma programação sequencial de estímulos, padronizados ou não, deve levar em consideração que os recursos pedagógicos somente serão meios de estímulos à medida que programar cores e contrastes adequados, a distância e o tamanho do objeto, material, equipamento ou mesmo as referências do local que necessita fazer uso, de acordo com as limitações visuais de cada aluno. Para Munster e Almeida (2005), é fundamental observar a pessoa em diferentes tarefas e contextos sociais, de modo a fazer ajustes necessários frente à situação em que se encontra.

Referente à visão funcional e ao alcance de objetos, Munster e Almeida (2005, p.36) declararam:

Conhecendo a visão funcional de cada aluno, o professor de Educação Física pode identificar que tipo de estímulo (brilho, cores ou padrões de contraste) é mais eficiente em cada caso; determinar em que região do campo visual esse estímulo deverá ser apresentado; estipular a que distância o educando é capaz de identificar visualmente um objeto estático, ou uma bola em movimento, [...].

Em turmas que tenham alunos com binocularidade, por exemplo, deve-se considerar que o aluno tem um distúrbio na capacidade de fusão da imagem proveniente de ambos os olhos em convergência ideal, o que proporciona a falta da noção de profundidade, e torna afetada a percepção da relação entre os diferentes objetos e sua disposição no meio.

O que se espera do professor é que saiba utilizar o material adequadamente, na mesma atividade, para aqueles com resíduo visual e aqueles com cegueira. Uma bola, um pneu, um arco podem ter padrões de contrastes, serem brilhantes e com guizos, na intenção de atender as necessidades de ambos.

Mauerberg-deCastro (2011), ao escrever sobre a análise da atividade ou da tarefa, destacou que a primeira regra é a definição do brinquedo e das atividades segundo sua utilidade motora, adaptativa e de significado terapêutico. A autora afirmou que esse procedimento tem sido base para construção de materiais didáticos e de cunho reabilitacional.

Reconhecer, classificar, emparelhar e ordenar objetos com tamanhos diferenciados deve ser parte do programa de atividades de reconhecimento dos recursos pedagógicos a serem trabalhados, bem como forma de garantir a segurança do aluno ao saber com o quê irá trabalhar.

Piñero, Quero e Díaz (2003) entenderam que as atividades de reconhecimento, exploração e emparelhamento de objetos do cotidiano podem levar à compreensão de palavras como “diferente”, “grande”, “pequeno”, entre outras. Afinal, combinar textura, forma, som, cores, tamanhos diferenciados, passa a ser requisito, ao professor, quando da seleção do material para a preparação de sua aula.

Este manual buscou organizar e enquadrar proposições que foram distribuídas em cinco diferentes categorias, as quais fazem parte da sequência de preparação e adaptação de uma aula voltada a alunos com deficiência visual. Este material poderá servir ao professor como instrumento de informação e intervenção. A função deste rol de proposições é a de capacitar o professor a promover eficiência plena em termos de quantidade, variedade e qualidade do desempenho individual de cada aluno.

[Voltar para o sumário](#)

4 CONCLUSÃO

O foco das proposições apresentadas tem a pretensão de nortear a atuação do professor de Educação Física. Este, por sua vez, tem como meta o desenvolvimento destas pessoas com deficiência visual, alvo deste livro. Estas pessoas, aqui denominadas de alunos, apesar do comprometimento biológico, com a privação da visão, podem superar suas limitações na medida em que a prática pedagógica atue sobre seus sentidos remanescentes.

A ordenação do material foi organizada em um arranjo com base na preparação e ação do professor para com seus alunos com cegueira ou com baixa visão.

Este formato compõe um instrumento que corroborará em âmbitos diferenciados como: material para formação de acadêmicos, para professores de instituições, professores de esportes adaptados, bem como para uso diário de professores que atuam com essa clientela exclusiva ou em meio à inclusão.

Poderão garantir que o professor: a) compreenda sua ação em meio às necessidades individuais dos alunos; b) conheça as características e capacidades motoras dos grupos e de cada aluno; c) realize um planejamento adequado; d) determine o nível inicial de intervenção; e) preveja as estratégias de ensino e os recursos necessários no preparo das aulas; f) avalie e ofereça *feedback* frente a cada ação; e, g) considere o meio ambiente em que a atividade será oferecida e as adequações que se fazem necessárias.

[Voltar para o sumário](#)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. G.; OLIVEIRA FILHO, C. W. A iniciação e o acompanhamento do atleta deficiente visual. *In: CIDADÊ, R. E. A. (org.). Temas em educação física adaptada.* Curitiba: Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada - SOBAMA, 2001. p. 81-85.

ALMEIDA, J. J. G.; CONDE, A. J. M. Metodologia aplicada ao deficiente visual. *In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada,* 2002. p. 123-161.

AUXTER, D.; PYFER, J.; HUETTIG, C. *Principles and methods of adapted physical education and recreation.* 9th ed. New York: Mc Graw-Hill, 2001.

BLOCK, M. E. *A teacher's guide to including students with disabilities in general physical education.* 2th ed. Baltimore: Paul H. Brookes, 2000.

BLOCK, M. E.; ZEMAN, R. Including students with disabilities in regular physical education: effects on nondisabled children. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 13, p. 38-49, 1996.

CAIADO, K. R. M. Cegueira: concepções de aprendizagem e de ensino reveladas em artigos publicados na revista Benjamin Constant. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 8, n. 2, p. 223-232, 2002.

COÍN, M. R. ENRÍQUEZ, M. I. R. Orientação, mobilidade e habilidades da vida diária. *In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. (org.). Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos.* São Paulo: Santos, 2003. p. 249-262.

CRAFT, D. H.; LIEBERMAN, L. Deficiência visual e surdez. *In: WINNICK, J. P. Educação física e esportes adaptados.* Barueri: Manole, 2004. p. 181-206.

DUARTE, E.; SANTOS, T. P. Adaptação e inclusão. *In: DUARTE, E.; SANTOS, T. P.; LIMA, S. M. T. Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 93-99.

FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Estratégias de professores de educação física para promover a participação de alunos com deficiência auditiva nas aulas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 24, n. 2, p. 183-198, 2018. Acesso em: 01 set. 2022.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças e adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GIVE IT A GO: including people with disability in sport and physical activity. Edição revisada. (first published 1995). Australian sports. Comission. Camberra, Austrália: Pirie Printers Pty Limited, 2001.

LIEBERMAN, L. J. Visual impairments. In: WINNICK, J. P. (Ed.). *Adapted physical education an sport*. 4th ed. New York: State University of New York, College at Brackport: Human Kinetics, 2005, p. 205-220.

LIEBERMAN, L. J. *et al.* Peer tutors' effects on activity levels of deaf students in inclusive elementary physical education. *Adapted Physical Activity Quarterl*, v. 17, p. 20-39, 2000.

LIEBERMAN, L.J.; HOUSTON-WILSON, C. *Strategies for inclusion: a handbook for physical educators*. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.

LIMA, P. A. *A produção de estratégias de locomoção e de orientação espacial: um estudo com universitários cegos*. 2002. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LIMA, P. A. *Educação inclusiva e igualdade social*. São Paulo: Avercamp, 2006.

LOCH, R. E. N. Cartografia tátil: mapas para deficientes visuais. *Portal da cartografia*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 35-58, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia> . Acesso em: 01 set. 2022.

MACIEL, S. F. *Manual de orientação e mobilidade: subsídios para o ensino das técnicas de locomotilidade do deficiente visual*. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Educação, 1988.

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. *Portal de ajudas técnicas: equipamento e material pedagógico para educação - recursos adaptados II*. Brasília, DF: ABPEE/MEC/SEESP, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

MANOEL, V. A. *et al.* Recursos didáticos e tecnológicos da educação especial aplicados a E.A.D. 2006. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*, 4., 2006, Brasília, DF. *Anais eletrônicos...* Brasília, DF: Apoio ao aluno para sucesso da aprendizagem, 2006. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc045.pdf>. Acesso em: 01 set. 2022.

MARTÍN, M. B.; RAMÍREZ, F. R. Visão subnormal. *In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. (org.). Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p. 27-44

MAUERBERG-DECASTRO, E. *Atividade física adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

MAUERBERG-DECASTRO, E. *Atividade física adaptada*. 2.ed. Ribeirão Preto: Tecmed, 2011.

MAUERBERG-DECASTRO, E. *et al.* Atividade física para todos. 2000. Disponível em: http://www.rc.unesp.br/ib/e_fisica/abertura.htm. Acesso em: 20 jan. 2006.

MAUERBERG-DECASTRO, E. *et al.* Orientação espacial em adultos com deficiência visual: efeitos de um treinamento de navegação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 194-210, 2004.

MELO, J. P. O ensino da educação física para deficientes visuais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 117-131, 2004.

MELO, H. F. R. *Deficiência visual: lições práticas de orientação e mobilidade*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

MENESCAL, A. A criança portadora de deficiência visual usando seu corpo e descobrindo o mundo. *In: BRASIL. Ministério do Esporte e Turismo. Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência*. Brasília, DF: SESI-DN, 2001. p. 135-176.

MOSQUERA, C. *Educação física para deficientes visuais*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. G. Atividade física e deficiência visual. *In: GORBATTI, M. G.; COSTA, R. F. (org.). Atividade física Adaptada*. Barueri: Manole, 2005. p. 28-76.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. G. Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. *In: RODRIGUES, D. Atividade motora adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 81-91.

NABEIRO, M. O Colega Tutor nas aulas de educação física inclusiva. *In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (org.). Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010. p.401-406.

OLIVEIRA FILHO, C. W. Atividade físico-esportiva para pessoas cegas e com baixa visão. *In: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. (org.). Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 23-32.

PEDRINELLI, V. J. Curso de extensão universitária em educação física adaptada: a criança portadora de dm, dv, df, da e a prática de atividade física. São Paulo, E.E.F.U.S.P, 1991. *Apostila*.

PEDRINELLI, V. J. Educação física adaptada: conceituação e terminologia. *In: PEDRINELLI, V. J. Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Brasília, DF: MEC-SEDES: SESI-DN, 1994. p. 7-10.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. *In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (org.). Atividade física adaptada*. Barueri: Manole, 2005. p. 1-27.

PIÑERO, D. M. C.; QUERO, F. O.; DIAZ, F. R. O sistema Braille. *In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. (coord.). Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p. 249-262.

RICH, S. M. Estratégias de instrução na educação física adaptada. In: WINNICK, J. P. *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole, 2004. p. 85-104.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: RODRIGUES, D. *Atividade motora adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 39-47.

RUIZ, M. C. P. *et al.* Diagnóstico e avaliação do funcionamento visual. In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. (org.). *Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p.45-65.

SEABRA JUNIOR, M. O.; FIORINI, M. L. S. Caminhos para a inclusão educacional do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física: estratégias de ensino e recursos pedagógicos. In: MANZINI, E.J. (org.). *Educação especial e inclusão: temas atuais*. São Carlos: Marquezine & Manzini; Marília: Abpee, 2013. p. 237-251.

SHERRIL, C. *Adapted physical activity, recreation and sport: crossdisciplinary and lifespan*. 5th ed. texas: Mc Graw-Hill, 1998.

SOUZA, J. V. *Tutoria: estratégias de ensino para inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física*. 2008. 136f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

WINNICK, J. P. Introdução à educação física e esportes adaptados. In: WINNICK, J. P. *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole, 2004. p. 3-20.

[Voltar para o sumário](#)

Recursos e Estratégias para o Ensino do Aluno com Deficiência Visual na Atividade Física Adaptada

Manoel Osmar Seabra Junior

Eduardo José Manzini

Maria Luiza Salzani Fiorini

Capa

Edevaldo Donizeti dos Santos

Eduardo José Manzini

Diagramação e editoração

Eduardo José Manzini

Ilustrador

Guilherme Modesto

Ficha Calatatalográfica

Telma Jaqueline Dias Silveria CRB -8/7867

Formato

16X23 cm

E-book

Tipologia

Adobe Garamond



Eduardo José Manizini é Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, campus de Marília



Mannoel Osmar Seabra Junior é Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, campus de Presidente Prudente



Maria Luiza Salzani Fiorini é Docente da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP), Marília

